

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO**

Adriana Aires Pereira

**A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA:
um reencantamento para a educação**

**Santa Cruz do Sul
2016**

Adriana Aires Pereira

**A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA:
um reencantamento para a educação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nize Maria Campos
Pellanda

Santa Cruz do Sul
2016

P436e **Pereira, Adriana Aires**

A exibição de filmes na sala de aula: um reencantamento para a educação /
Adriana Aires Pereira. – 2016.

217 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa
Cruz do Sul, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nize Maria Campos Pellanda.

1. Cinema na educação. 2. Ensino audiovisual. 3. Recursos
audiovisuais. I. Pellanda, Nize, 1939-. II. Título.

CDD: 371.3352

Bibliotecária responsável: Edi Focking - CRB 10/1197

Adriana Aires Pereira

**A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA:
um reencantamento para a educação**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação; Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Dr.^a Nize Maria Campos Pellanda
Prof.^a Orientadora – UNISC

Dr.^a Betina Hillesheim
Prof.^a Examinadora – UNISC

Dr.^a Eunice Terezinha Piazza Gai
Prof.^a Examinadora – UNISC

Dr.^a Valeska Fortes Oliveira
Prof.^a Examinadora – UFSM

Santa Cruz do Sul
2016

AGRADECIMENTOS

Quero dizer muito obrigada!

A meu marido, Paulo Francisco, pela imensa amorosidade e pela paciência ao me entender e abrir mão de nossos momentos juntos. Aos meus filhos, Matheus e Rodrigo Aires Pereira, pelo incentivo, pelo carinho e pelo respeito por minhas escolhas. Meus amores, obrigada por compreenderem a minha ausência, compartilharem das minhas certezas, descobertas e alegrias, mas também por me incentivarem em momentos de dúvidas e desesperos. Agradeço o amor e o incentivo constantes para que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai, Nelci (*in memoriam*), obrigada pelas sábias palavras: “minha filha, a única herança verdadeira que eu vou deixar para você é o estudo”. Obrigada paizinho, que Deus o tenha. À minha amada mãe, Rosa Maria Aires, pelas palavras doces e sensatas dotadas de imenso carinho e ensinamentos.

À equipe diretiva da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, que me apoiou adequando horários para a realização do mestrado, bem como oportunizou a esfera de ação da minha pesquisa. Aos meus queridos educandos do 7º ano, das turmas 71 e 72 do ano de 2015, que se voluntariaram a participar entusiasmados com a minha proposta de pesquisa, permitindo que o processo de complexificação ocorresse de forma conjunta.

À professora orientadora, Nize Maria Campos Pellanda, eu carinhosamente agradeço. Como orientadora, apontou-me novos horizontes, pacientemente me ajudou a andar por caminhos nunca percorridos. Com seu jeitinho delicado, respeitou meu tempo, minhas dificuldades, agindo de modo gentil, humano, valorizando o meu processo e suas particularidades na realização da pesquisa. Fui abençoada por Deus ao poder desfrutar da convivência com uma pessoa sensível, amorosa disseminadora de sabedoria. Em vista disso, não posso deixar de dizer: muito obrigada!

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação; à secretária do programa, Daiane Isotton, em especial, às colegas do Mestrado Maria Cristina e Rodrissa pelo companheirismo e pela amizade, ao longo desta caminhada, compartilhando sonhos, certezas e incertezas; à Pellanda, pela sabedoria transmitida e pelo encorajamento na realização deste trabalho. Também agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de estudos. E por último, mas não menos importante, a Deus.

Tua Caminhada Não Terminou

Tua caminhada ainda não terminou...
A realidade te acolhe
dizendo que pela frente
o horizonte da vida necessita
de tuas palavras
e do teu silêncio.

Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e
sonha com tua próxima vitória.
Vitória que todas as armas do mundo
jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz
e não do ressentimento.

É certo que irás encontrar situações
tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre
o lado bom da chuva que cai
e não a faceta do raio que destrói.

Tu és jovem.
Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita
é quase chegar à perfeição.
A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
assim como o leito dos rios
precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.

Não faças do amanhã
o sinônimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te.

(Charles Chaplin)

RESUMO

A proposta desta pesquisa emergiu da necessidade de investigar como acontece a produção do conhecimento, a partir do uso de filmes em sala de aula. O fio condutor da investigação é o olhar dos jovens estudantes, como eles percebem o processo ensino-aprendizagem, que reuniu a tecnologia filmica à disciplina de História. Apostei no processo de pesquisa que se constituiria de forma não linear, de modo que as decisões foram norteadas pelas emergências que afluíam no fluxo da pesquisa. Atuei como observadora implicada ao longo do processo de investigação, em conjunto com os educandos. Experimentamos o processo de viver e conhecer de modo inseparável. Proponho as autonarrativas como testemunho das aprendizagens a partir das experiências que agregam História, cinema e tecnologia digital, valendo-se da sua utilização como ponto de ligação entre educação e complexidade. Nesse sentido, o ato de narrar a si mesmos gera outra perspectiva para a aprendizagem focada na autonomia do sujeito autor. Fundamento minha investigação por meio dos pressupostos: do Paradigma da Complexidade, segundo os seguintes vetores teóricos, a Complexificação pelo Ruído Atlan (1992) e a Biologia da Cognição – Teoria da *Autopoiesis* de Maturana e Varela (1980-2003). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que propõe trabalhar com os aspectos subjetivos de forma inseparável de todo processo cognitivo. Os dados gerados foram tratados a partir da ideia de mobilização interna desencadeada pelo ruído, pelo movimento auto-organizativo e pelo fenômeno da *Autopoiesis* desenvolvido pela “biologia do conhecer”. Nessa perspectiva, explicito a minha opção metodológica, a pesquisa-intervenção, orientada por Passos e Kastrup (2012), com o intuito de instigar os sujeitos da pesquisa a refletirem sobre si mesmos, gerando ações, atuações que possam levá-los a produzir as suas autonarrativas. O cinema e as suas linguagens, ao convergirem com a imaginação e a emoção criados na processualidade plástica do processo cognitivo subjetivo, concretizado na autonarrativa. Nesse sentido, a dinâmica do trabalho de investigação incluiu um grupo de 15 educandos com idade entre 12 e 14 anos do 7º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, no município de Santa Maria/RS. As atividades foram desenvolvidas em três encontros semanais, dois destes em horário de aula e um no contra turno, durante dois meses. O processo ensino-aprendizagem promove transformação em si e na convivência com o outro, de forma recíproca. As experiências foram abordadas a partir dos marcadores teóricos, da Complexificação pelo Ruído, do acoplamento tecnológico, da metacognição e da *Autopoiesis*, retratadas nas autonarrativas que emergiram das perturbações dos educandos frente ao cinema como fonte documental. O ato de narrar corresponde ao encantamento pela autoria de novos caminhos para chegar à construção do conhecimento dotado de autonomia. Assim, relato a minha perspectiva de pesquisadora para entender o processo cognitivo, como uma tomada de consciência de mim mesma, de forma ampliada do meu processo de viver e conhecer.

Palavras-chave: Complexidade, tecnologia digital, cognição, história, cinema.

ABSTRACT

The purpose of this research emerged from the need to investigate how the production of knowledge happens, from the use of movies in the classroom. We had as a wire conductor of the research the look of young students, how they perceive the teaching-learning process, which brought together to the filmic technology the subject of history. I bet in the research process that would not be on a linear way, the decisions were guided by the emergencies that arose in the research flow. I acted as an implied observer throughout the research process together with the learners; we experienced the process of living and meeting in an inseparable mode. I propose the own narratives as an evidence of learning from the experiences that aggregate history, cinema, digital technology, taking advantage of its use as a link between education and complexity. In this sense, the act of narrating themselves generate another perspective of learning focused on the autonomy of the subject author. I base my research through the assumptions: of Paradigm of Complexity, according to the following theoretical vectors the Complexification by Noise Atlan (1992) and the Biology of Cognition – Theory of Autopoiesis by Maturana and Varela (1980-2003). This is a qualitative research, since it proposes to work with the subjective aspects inseparably from all cognitive process. The data generated were treated from the internal mobilization idea triggered by noise, the self-organizing movement and the phenomenon of *Autopoiesis* developed the "biology of cognition". In this perspective I explicit, my methodological option, the intervention research, oriented by Passos and Kastrup (2012), in order to instigate the subjects to reflect on themselves, generating actions, performances that can take them to produce their own narratives. The cinema and its languages, converging with the imagination and emotion created in plastic processuality of subjective cognitive process, concretized in the own narrative. In this sense, the dynamics of the research work included a group of 15 students from the 7th year, of the Municipal Elementary School Padre Nóbrega, in the municipality of Santa Maria, RS, Brazil, aged between 12 and 14 years old. Two of these in class time and one in other shift, for two months. The teaching-learning process promotes transformation itself and coexistence with the other, reciprocally. The experiences were addressed from the theoretical markers, the complexity by noise, technological engagement, metacognition and of *Autopoiesis*, being described in own narratives that emerged from the disruption of the students in relation to the cinema as a documentary source. The act of narrating corresponds to spell the authorship of new ways to reach the construction of knowledge endowed with autonomy. Thereby I report my perspective of researcher to understand the cognitive process, as an examination of conscience of myself, in an expanded form from my process of living and understanding.

Key words: Complexity, digital technology, cognition, history, cinema.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do projeto na Aula da professora Maria Cristina Rigão Iop.....	56
Figura 2 – Roda de conversas sugeridas pelo educando “A”.....	57
Figura 3 – Foto criação do grupo secreto no facebook sugerida pelo educando “D” e “F”.....	59
Figura 4 – Print da página do facebook.....	59
Figura 5 – Os educandos fazendo adesão ao grupo do facebook.....	60
Figura 6 – dois colegas ajudando o aluno que não tinha face a abrir uma conta e posteriormente fazer adesão ao grupo do facebook.....	60
Figura 7 – Na sala de informática, momento da pesquisa na internet.....	61
Figura 8 – Print da apresentação em PPT com a sinopse dos filmes sugeridos para a pesquisa.....	62
Figura 9 – Apresentação pela professora pesquisadora da sinopse de todos os filmes selecionados pelos educandos.....	63
Figura 10 – Apresentação PPT na sala de informática, pelos educandos “J” e “H”.....	63
Figura 11 – Votação para escolha dos filmes que fariam parte da pesquisa.....	64
Figura 12 – Momento de pesquisa na sala de informática.....	65
Figura 13 – Orientação da professora com relação pesquisa na sala de informática.....	65
Figura 14 – Pesquisa utilizando o celular.....	66
Figura 15 – Realizamos uma roda de conversas no pátio da escola a pós a pesquisa sobre o filme pesquisado: CARAMURU – A Invenção do Brasil.....	66
Figura 16 – Sessão de cinema do filme Caramuru.....	67
Figura 17 – Apresentação na sala de informática – filme Caramuru.....	68
Figura 18 – Roda de conversas, um bate-papo informal após o filme Caramuru.....	69
Figura 19 – Roda de conversas.....	70
Figura 20 – Apresentação na sala de informática, filme A Missão.....	71
Figura 21 – Sessão de cinema propriamente dita filme A Missão.....	71
Figura 22 – Roda de conversas no pátio da escola para discutirmos sobre a pesquisa do filme - A Missão.....	72
Figura 23 – Atividades após a roda de conversas na sala de aula.....	72
Figura 24 – Alunos trabalhando na edição das autonarrativas.....	73
Figura 25 – Alunos trabalhando na edição das autonarrativas.....	74
Figura 26 – Roda de conversas, um bate-papo informal após o filme A Missão.....	74

Figura 27 – Na sala de informática edição do texto digital em editor de texto no próprio computador.....	76
Figura 28 – Foto na sala de aula fazendo a edição do texto escrito à mão.	76
Figura 29 – Foto na sala de aula de produção de texto escrito à mão na sala de aula.	77
Figura 30 – Na sala de informática produção e edição do texto digital.....	77
Figura 31 – Captura da imagem da produção do selfvideo na sala de informática.	89
Figura 32 – Captura da imagem da produção do selfvideo na Biblioteca.	90
Figura 33 – Captura da imagem da produção do selfvideo na Biblioteca.	90
Figura 34 – Captura da imagem da produção do selfvídeo na sala de aula.	91
Figura 35 – Última roda de conversas para avaliarmos as atividades com os filmes selecionados para o estudo: CARAMURU e A MISSÃO.....	94

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	103
ANEXO 1.1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “A”	109
ANEXO 1.2	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “B”	111
ANEXO 1.3	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “C”	113
ANEXO 1.4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “D”	115
ANEXO 1.5	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “E”	117
ANEXO 1.6	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “F”	119
ANEXO 1.7	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “G”	121
ANEXO 1.8	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “H”	123
ANEXO 1.9	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “I”	125
ANEXO 1.10	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “J”	127
ANEXO 1.11	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “L”	129
ANEXO 1.12	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “M”	131
ANEXO 1.13	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “N”	133
ANEXO 2	Fotos	135
ANEXO 3	Diário de bordo	153
ANEXO 4	Conteúdo da Grade Curricular da Disciplina de História	164
ANEXO 5	PowerPoint.	173
ANEXO 6	Trabalho de Pesquisa dos educandos	179
ANEXO 7	Autonarrativas dos educandos	193
ANEXO 7.1	Autonarrativa do educando “A”	194
ANEXO 7.2	Autonarrativa do educando “B”	195
ANEXO 7.3	Autonarrativa do educando “C”	196
ANEXO 7.4	Autonarrativa do educando “D”	197
ANEXO 7.5	Autonarrativa do educando “E”	198
ANEXO 7.6	Autonarrativa do educando “F”	199
ANEXO 7.7	Autonarrativa do educando “G”	200
ANEXO 7.8	Autonarrativa do educando “H”	201
ANEXO 7.9	Autonarrativa do educando “I”	202
ANEXO 7.10	Autonarrativa do educando “J”	203
ANEXO 7.11	Autonarrativa do educando “L”	204
ANEXO 7.12	Autonarrativa do educando “M”	205
ANEXO 7.13	Autonarrativa do educando “N”	206
ANEXO 7.14	Autonarrativa do educando “O”	207
ANEXO 7.15	Autonarrativa do educando “P”	208
ANEXO 8	Carta de aceite da Pesquisa na Escola de Ensino fundamental	211
ANEXO 9	Imagens	212
ANEXO 10	<i>Selfvídeo-DVD</i>	217

SUMÁRIO

1 PRIMEIROS PASSOS: TECENDO IDEIAS.....	13
2 PARCEIROS DE CAMINHADA.....	21
2.1 Mudanças paradigmáticas	21
2.2 O Movimento Cibernético	22
2.3 Biologia da Cognição	25
2.4 Cartografia	33
2.4.1 Diário de Bordo	34
2.4.2 Autonarrativas	35
3 POR QUE CINEMA?	37
3.1 Cinema: um recurso potencializador do ensino de História?	37
4 FLUXO DA PESQUISA.....	47
4.1 Desenhando o caminho escolhido	47
4.2 Estratégias de criação do percurso.....	49
4.3 Momentos de produção e transformação.....	53
4.4 A práxis: transformações cognitivas subjetivas	54
4.4.1 Primeiro Filme Exibido – <i>CARAMURU: A Invenção do Brasil</i>	67
4.4.2 Segundo Filme Exibido – <i>A Missão</i>	70
4.4.3 Eu Autor.....	75
4.4.3.1 Autonarrativa	78
4.5 Diagnóstico do fenômeno cognitivo	91
5 EMERGÊNCIAS COMPLEXAS	95
5.1 Desvendando-me	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS.....	102

1 PRIMEIROS PASSOS: TECENDO IDEIAS

Descrevo meus primeiros passos por meio da escolha do tema a ser desenvolvido nesta pesquisa: a exibição de filmes como fonte histórica. O cinema foi-me apresentado na época da graduação em um formato inusitado, pois até então a exibição de filmes tinha uma significação engessada, estática. Eu tive a grata satisfação de ter dois professores que, de algum modo, sempre faziam analogias provocativas relacionando o conteúdo ministrado com obras cinematográficas, assim como apontavam as armadilhas e a dicotomia nelas contidas. Logo, despontou em mim um grande interesse e o empenho em estudar mais sobre o tema.

Dando continuidade à minha formação, realizei o curso *Lato sensu* - Especialização em História do Brasil, no qual desenvolvi minha pesquisa trabalhando o tema educação com ênfase na educação de mulheres em regime de confinamento na primeira metade do século XX, utilizando a fotografia como elemento constituidor do processo educacional.

Essa formação inicial me fez despertar para uma perspectiva que me permitisse trabalhar temas da história com a arte, encadeamento que me proporcionou alargar meus horizontes para aperfeiçoar a minha formação, mediante a escolha por agregar à minha bagagem conhecimentos das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

Há 13 anos trabalhando com o ensino fundamental II, senti emergir em mim inquietações quanto à minha prática pedagógica. Devido às mudanças ocorridas na política, na economia, na sociedade, novas demandas foram geradas no âmbito educacional, as quais também necessitariam de mudanças. Nesse sentido, a utilização das tecnologias surge como uma possibilidade de transformação no modelo educacional estabelecido, mas também como um desafio a ser vencido.

Para utilizar a tecnologia de forma eficiente, fui à busca de capacitação para o uso consciente das tecnologias midiáticas na educação. Realizei uma série de cursos de qualificação em tecnologias educacionais como TICs, Elaboração de Projetos, Redes de Aprendizagem, Educação Digital e Tecnologias na Educação, os quais me abriram novos horizontes, proporcionando-me construir um novo olhar sobre o processo ensino-aprendizagem.

Tudo isso causou mudanças na minha vida como um todo, oportunizou-me uma atuação profissional numa perspectiva transdisciplinar. Dessa forma, procurei estimular em meus alunos uma nova compreensão da realidade, articulando elementos que passam entre, além e a partir das disciplinas, ansiando por compreender a complexidade proposta pela

transdisciplinaridade e tendo em vista a consonância com uma atitude empática de abertura a outros e a seu conhecimento, sendo o professor o articulador entre os saberes e a disciplina na qual atua.

À medida que fui me envolvendo com a tecnologia, comecei a pensar em um novo projeto e na estrutura que ele teria. Logo lancei mão dos recursos os quais faziam parte da minha formação profissional, o curso de História e a paixão pela sétima arte. Ao pensar nas possibilidades e nas implicações do novo processo, emergiu em mim o senso crítico e a emoção pela perspectiva de um novo começo.

Este novo momento perturbador me levou a ponderar sobre a ampliação de minha formação acadêmica. O mestrado que me ofertado pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), em sua linha de pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem, certamente ampliaria meus estudos no campo da Educação.

Tendo como pré-requisito apresentar um pré-projeto de pesquisa, surgiu-me a ideia de inserir o cinema¹ como um instrumento capaz de mostrar outra perspectiva para algum acontecimento da História, acreditando que a exibição de filmes seria um gatilho disparador de emergências, um “dispositivo ruidoso” (PELLANDA, 2012), uma vez que, sem ruído, isto é, sem perturbação, não há processo cognitivo.

Acreditei que o cinema e suas linguagens, um elemento ruidoso, desencadeariam o processo de construção de autonomia na formação do processo de auto-organização, *autopoiética*, no qual a complexidade transforma o processo ensino-aprendizagem, constituído no fluxo do processo de criação, cognitivo e subjetivo.

Nesse momento, tomei a iniciativa de criar sentido ao meu devir nesse novo período da minha vida, tempo de formação e aperfeiçoamento. A sétima arte promoveu em mim, um novo modo de sentir, de viver e de experienciar, em constante constituição e transformação, ou seja, promoveu uma efetiva autoconstituição sensível e *autopoiética*.

Sempre foi minha prática ter uma escuta sensível ao meio em que me insiro, não em relação aos meus interesses, mas aos anseios dos jovens educandos, que têm a tecnologia midiática incorporada ao seu dia a dia. Na verdade, o meu interesse é fazer da tecnologia uma aliada em prol da Educação, por isso procurei diversificar os recursos e foi nos filmes

¹Ao longo da dissertação, o termo “cinema” é usado para exibição de filmes na sala de aula, pois a exibição tem como objetivo didático ser um registro, uma fonte documental que retrata o tempo e o espaço histórico no qual ele foi produzido e/ou objetivava representar.

exibidos na sala de aula como fonte histórica que identifiquei o recurso tecnológico capaz de contribuir para uma proposta de um novo reencantamento pela educação.

A tecnologia cinematográfica oferecia-me possibilidades para resolver minha profunda inquietação por inovar a constituição do conhecimento. As diferentes linguagens contidas na Sétima Arte favoreceram a transformação que eu buscava, assim como o fizeram a sua aplicabilidade, as suas possibilidades e os seus limites. O filme como alternativa foi um desafio a ser vencido, mas apostei nele como um elemento capaz de reencantar o processo ensino-aprendizagem.

Foi em busca de mudança, de transformação no processo educacional, que percebi o cinema como um perturbador dos educandos. Se eles se perturbam, saem da zona de conforto e se aventuram por novos caminhos. Assim, surge um novo reencantamento para a construção do conhecimento que, aliado à imaginação, à criatividade, às tecnologias, vem constituir a invenção de si e do mundo. Nessa perspectiva, apostei na complexidade da tecnologia como geradora de auto-organização e como constituidora da aprendizagem *autopoiética* como processo vital.

As emergências geradas pelo cinema foram desencadeadas levando os educandos-espectadores à transformação e ao desenvolvimento de elementos constituidores do processo cognitivo e subjetivo. O cinema é um instrumento didático-midiático capaz de afetar o educando no processo ensino-aprendizagem.

Direciono a minha pesquisa aos educandos-espectadores, tendo como foco o seu ponto de vista em relação ao processo ensino-aprendizagem, isto é, como eles veem o cinema inserido nesse processo. Além disso, visio criar um momento educacional híbrido, cultural, lúdico e instigador da consciência crítica.

Meu estudo é de cunho qualitativo, tendo na cartografia a orientação da investigação. Todo o processo se organizou a partir de elementos que surgiram no fluxo da pesquisa e que possibilitaram identificar como os educandos percebiam a potencialidade da tecnologia fílmica como um instrumento didático-pedagógico, na perspectiva de empreender a aprendizagem de temas históricos².

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram convidados educandos pertencentes a duas turmas do 7º ano, de uma escola da Rede Pública Municipal, localizada na região leste da

² Os temas abordados estão contidos na grade curricular da disciplina de História previsto pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola envolvida e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

cidade de Santa Maria/RS. Os educandos se envolveram em atividades no contra-turno³, nas quais ocorreu a exibição de filmes de aventuras históricas. Segundo Ferro (1992), o “cinema” é uma fonte de estudo e pesquisa para professores e historiadores.

O contexto e a problemática desta pesquisa residem na questão complexa da construção do conhecimento diante da fragmentação dos saberes e, simultaneamente, da abundância de informações e de materiais disponíveis. A fragmentação dos saberes, conforme Morin (2002), é o resultado das especializações que tendem a reduzir a complexidade da nossa humanidade partilhada, separando mundos os quais se encontram intimamente conectados. A partir disso, formulo a questão central desta investigação: a narrativa fílmica usada como dispositivo ruidoso no contexto da sala de aula com educandos do ensino fundamental pode levar a emergências cognitivo-subjetivas?

Nesse contexto, propus aos educandos algumas reflexões a partir da narrativa cinematográfica, apostando que eles seriam afetados por ela, que os levaria ao processo auto-organizativo, inventivo e de autoria. A minha intenção foi provocá-los, por meio do cinema exibido nas aulas de História, a desenvolverem seu processo criativo, envolvendo autoexperiência e autonomia, de modo que eles construíssem conhecimento e subjetividade de forma intrínseca, considerando o acoplamento tecnológico dos sujeitos com a máquina para que criassem suas autonarrativas.

A minha perspectiva sobre os fenômenos que emergiram do contato com as narrativas cinematográficas e suas linguagens é que elas são elementos que vêm implementar as autonarrativas e que afetam o processo de cognição e subjetivação dos sujeitos da pesquisa. As autonarrativas foram produzidas com uma finalidade de contar um “fato” vivenciado, experienciado pelo sujeito autor. Pensando por essa perspectiva, as narrativas estão presentes nas nossas vidas, apresentadas de várias formas, em diferentes momentos e, assim, aumentam as possibilidades de ações referentes à aprendizagem.

As autonarrativas produzidas pelos educandos, independentemente da sua forma ou da linguagem utilizada, expuseram “verdades” vividas pelo autor, o “educando sujeito de pesquisa” com determinado objetivo, no caso, a interpretação do processo de construção do conhecimento. Ressalto a importância das autonarrativas na perspectiva da complexidade, em que o processo auto-organizativo se encontra em permanente construção e reconstrução,

³ As exibições dos filmes ocorreram no contra turno para que não houvesse interrupções, pois, no horário de aula, mesmo tendo dois períodos geminados, não há tempo suficiente para a exibição de um filme de longa-metragem.

levando os sujeitos à autoconstituição, à autonomia e à autoria do seu próprio conhecimento. As autonarrativas retratam a perspectiva do seu olhar frente à tela do cinema. Muitas foram as formas de os sujeitos autores significarem a sua visão da aprendizagem, sendo que nesta pesquisa as autonarrativas apresentaram-se em três formatos: o texto digital, o escrito a mão em papel e o *selfvídeo*.

A complexidade permite que os sujeitos da pesquisa, ao potencializarem a aprendizagem, autoconstituam-se mediante o entendimento de todo o processo por meio da produção das autonarrativas, de modo que cada educando autor pôde livremente escolher uma linguagem midiática para possivelmente produzir a sua narrativa, transcrevendo de modo muito particular seu processo de construção de cognição e subjetivação.

Foi ao me posicionar como observadora implicada no processo que se tornou possível cartografar os caminhos da complexificação que potencializaram a autoconstituição e a cognição desses educandos autores, até que eles alcançassem o ato de autonarrar, ou seja, até a concretização de seus conhecimentos.

As ações realizadas ao longo de todo o processo fizeram com que eu vivenciasse a inseparabilidade dos processos de viver e conhecer, assim como do aprender e do emocionar, já que as emoções fazem parte do humano que aprende a todo instante. Para tanto, utilizei as narrativas cinematográficas como elemento metodológico que potencializou a construção do conhecimento subjetivo dos quinze jovens educandos que efetivamente participaram da pesquisa. Para tal fim, orientei, pautada em Francisco Varela (2003), os estudantes a que tivessem uma postura sustentada pela autonomia e pela autoria e que elegessem a metodologia de primeira pessoa, que prevê a inseparabilidade do ser e do conhecer. Dessa maneira, o sujeito cognitivo não pode ser considerado sem o objeto da cognição. Foi a partir da segunda cibernética que as interações sistêmicas dos sujeitos se autoconstituíram e construíram cognição e subjetividades.

Portanto, as narrativas dos educandos foram fonte inesgotável de elementos que vieram constituir a minha autonarrativa, apresentada no último capítulo desta dissertação. O estudo aqui apresentado engendra uma investigação e ambiciona oferecer subsídios para a constituição de uma real inovação no processo de produção do conhecimento que une cinema, História e sala de aula.

Nessa perspectiva, foi nas autonarrativas dos educandos que fiz a captura de elementos a contribuir para uma prática complexa que ainda não foi cartografada. A produção de conhecimento é, ao mesmo tempo, autônoma e singular, pelo viés do olhar do educando, autor

de si, a partir do cinema no espaço escolar, em que o educando não é um mero coadjuvante, mas um protagonista capaz de ser autor e não só espectador do processo cognitivo e subjetivo.

O presente texto foi constituindo-se de tal forma que as autonarrativas dos sujeitos-educandos autores e a minha autonarrativa formam a tessitura da investigação, considerando a experiência que emerge junto ao ato de narrar. As transformações ocorreram na dimensão da complexidade e se desenvolvem de modo que o conhecimento e o processo de viver não se separam.

Apresento, agora, a estrutura da minha dissertação. Elegi quatro capítulos, e cada um deles irá narrar diferentes aspectos do processo de reflexão e de construção.

No primeiro capítulo, *Parceiro de Caminhada*, trato da base teórica que sustentou esta pesquisa, dialogando com Humberto Maturana e Francisco Varela, Edgar Morin, entre outros consagrados autores e pesquisadores, a fim de propor uma reflexão sobre a revolução paradigmática no campo científico e a emergência de um paradigma complexo na área da Educação. Também são contextualizados os pressupostos que emergiram com a complexidade: a Complexificação pelo Ruído, o acoplamento tecnológico, o princípio da auto-organização, a *autopoiesis* e a autonarrativa.

No segundo capítulo, intitulado *Por que cinema?* justifico por que elegi o cinema como um disparador de emergências no processo ensino-aprendizagem complexo. Autores como Marc Ferro, José Manuel Moran, Marcos Napolitano, Edgar Morin, entre outros conceituados autores, foram os teóricos que me deram subsídios para a utilização da exibição de filmes na sala de aula, apontando as possibilidades e os limites da tecnologia filmica utilizada em ambiente escolar com o objetivo de implementar o processo de ensino-aprendizagem complexo. Apostei no cinema por entender que ele é um elemento complexo.

Com referência ao percurso metodológico da pesquisa, no terceiro capítulo, *Desenhando o caminho percorrido*, apresento a justificativa da escolha do método utilizado. Na sequência, constam, passo a passo, como a pesquisa foi conduzida, os sujeitos envolvidos, a caracterização desses sujeitos, o procedimento de geração e o registro das emergências, os procedimentos de investigação, reconhecimento e interpretação das emergências e as emergências detectadas nas autonarrativas, que serão minuciosamente trabalhadas. Ainda nesse capítulo, apresentarei a metodologia aplicada no estudo, destacando que a minha proposta não se limita simplesmente a listar emergências detectadas, na perspectiva dos sujeitos desta pesquisa, mas implica também as transformações cognitivo-subjetivas proporcionadas pelas seções de cinema. Na sequência, serão abordadas as pesquisas realizadas na internet e ainda o uso do

computador para edição e produção das autonarrativas, com vistas a refletir como os educandos-sujeitos perceberiam seu processo de produção representado por meio das autonarrativas.

Por fim, o quinto capítulo, intitulado *Emergências complexas*, é o momento em que vou me decifrando. Apresento não a conclusão da investigação, mas as minhas reflexões sobre essa jornada – não o fim, apenas o fim de um processo, dando conta do que fluiu desta experiência sobre a importância das autonarrativas no processo de constituição de cada um, a partir da interação dos educandos com a tecnologia fílmica. Deixo aqui a minha autonarrativa, o relato do meu processo de constituição e transformação enquanto pesquisadora.

Exponho os limites e as possibilidades para uma prática complexa na perspectiva do olhar do educando, na qual este não foi um mero coadjuvante, mas um protagonista capaz de ser autor, produtor, e não só espectador do processo de construção de cognição e subjetivação. Contudo, sei que esta experiência não será a última, pois novas emergências surgirão em meu caminho e eu certamente despertarei para uma nova experiência.

2 PARCEIROS DE CAMINHADA

Neste capítulo, busco especificar as teorias pautadas pelo Paradigma da Complexidade, o qual fundamentou minha experiência, dando destaque à Complexificação pelo Ruído, proposta por Henri Atlan (1992), e à Biologia da Cognição, desenvolvida pelos biólogos Maturana e Varela (2001b). Esses teóricos, juntamente com outros de fundamental importância para esse estudo, auxiliaram-me nas conexões e articulações que farei a partir do observador implicado na pesquisa e do acoplamento estrutural, viabilizando a construção do conhecimento pelo viés da Complexificação pelo Ruído e da metacognição, que dá aos sujeitos da pesquisa e a mim, enquanto pesquisadora, possibilidade de refletir continuamente sobre o processo de vir a ser.

2.1 Mudanças paradigmáticas

Busco pensar o processo cognitivo e subjetivo que se constitui em ambiente educacional que encontra, no cinema exibido na sala de aula, uma fonte documental nas aulas de história com educandos do ensino fundamental, tema deste estudo.

O quadro teórico desta pesquisa está sustentado pelo Paradigma da Complexidade e pela Biologia da Cognição. Humberto Maturana e Francisco Varela (2002) utilizaram-se do conceito de *autopoiesis* para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Eles afirmam que: “Todo o fazer é conhecer e todo o conhecer é fazer” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 31). A questão do uso do cinema como fonte documental vai se configurar na trama básica para o entendimento das emergências que surgiram ao longo desta pesquisa. Henri Atlan (1992) aponta para um crescimento da capacidade de autonomia do sistema com a teoria da Complexificação pelo Ruído. Já Von Foerster (1996) prevê a imprevisibilidade do observador participante, ou seja, implicado, atuante. Clara Costa Oliveira (1999), com base nos estudos de J. P. Dupuy, a qual elabora o “princípio da auto-organização”, desenvolve e identifica o princípio em ação num todo integrado.

Esses teóricos sustentam que o paradigma complexo envolve diversas partes de um processo de construção do conhecimento. Segundo Morin (2011, p. 35), “A complexidade num certo sentido sempre tem relação com o acaso” (MORIN, 2011, p. 35). Assim sendo, as mudanças contínuas são permitidas pela complexidade e admitem não apenas interferências, mas também interações, as incertezas, as indeterminações e os fenômenos aleatórios, pois “O

pensamento da complexidade tem igualmente seus prolongamentos existenciais ao postular a compreensão entre os homens” (MORIN, 2003, p. 31).

Em vista disso, faço um rápido resgate no processo historicamente constituído, pois entendo ser imprescindível destacar o mecanismo que estruturou a mudança do paradigma mecanicista para o paradigma da complexidade. No decorrer de todo o processo de construção deste paradigma, muitos foram os elementos constituidores que abrangeram diferentes aspectos, levando-o à contínua transformação e permitindo-o ser aplicado em diferentes setores da sociedade – nesta pesquisa, no âmbito educacional.

As concepções de pensamento sistêmico foram divulgadas como movimento científico nos últimos anos da década de 1930. Isso trouxe avanços, constituindo uma teoria geral dos sistemas, e deu suporte à unificação das disciplinas, afastando-se do isolamento e da fragmentação que se seguiram na década de 1940, quando chegou a cibernética, com a compreensão do sistema complexo que agrega vida, mente e consciência.

O pensamento certamente estará influenciando e sendo influenciado, em um todo integrado; logo, as partes só funcionam em plena harmonia graças ao todo organizado. A integração harmoniosa do pensamento foi de fundamental importância para eu ter o entendimento da realidade como uma ação contínua de troca de energia. Para Nize Pellanda (2009b, p. 60), os sistemas longe do equilíbrio realizam os “[...] processos criativos mobilizados pelo ruído, e não determinado por eles”. Portanto, tudo o que envolve o processo de construção do conhecimento mobiliza-se pela troca de energia.

2.2 O Movimento Cibernético

O Movimento Cibernético surgiu a partir de um grupo de cientistas que investigariam questões envolvendo “máquina” e “seres vivos”, instituindo conceitos e princípios que foram constituídos e, assim, aproximando-se do que atualmente conhecemos por *autopoiesis*. Muitos foram os esforços que se somaram em prol desse movimento, destaco os esforços de Von Foerster, Humberto Maturana e Clara Oliveira, os quais não fizeram parte do movimento original, mas agiram nos seus desdobramentos. Oliveira (1999, p. 99) faz sua contribuição ao afirmar que “[...] o movimento da auto-organização com uma valorização interdisciplinar, com o conceito de retroação, e com as implicações que este conceito aportava para a compreensão dos fenômenos de aprendizagem e comunicação” vem contribuir para a o processo de auto-organização, logo, *autopoiético*.

Tais teóricos lançam mão dos princípios cibernéticos porque estes são capazes de revelar a composição da realidade e do conhecimento como resultado efetivo do desempenho de um “sistema autônomo” dotado de recursividade, devido à sua sustentação e autocorreção constantes. Foi com a primeira cibernética que surgiram fundamentos importantes, como o processo auto-organizativo e de recursividade dentro de uma lógica circular em fluxo constante.

Para Oliveira (1999), a auto-organização discrimina o que compõe o domínio dos fenômenos observados e o observador incorporado, incluído, sendo ele próprio considerado como um objeto de estudo. Esse paradigma considera que os fenômenos observados se processam numa contínua complexidade circular.

A recursividade, um dos princípios cibernéticos, mostra-nos a constituição da realidade na construção do conhecimento. Tendo como encadeamento o desempenho de um sistema autônomo que tem na recursividade sua sustentação e autocorreção constantes e indo em direção a elaborações cada vez mais aproximadas do elemento de pesquisa, Von Foerster (1992, p. 200) reforça essa argumentação ao afirmar que:

[...] a cibernética é precisamente a ciência que concebe uma teoria da ação que pode dar conta de sua própria operacionalidade; [...] nas quais o operador-observador está incluído no sistema, onde ele opera sobre sua própria observação.

As reflexões teóricas que ocorreram a partir do Movimento Cibernético dão ênfase à revolução paradigmática, visto que a Biologia da Cognição foi a primeira ciência complexa da História que fundamentou uma abordagem transdisciplinar e complexa necessária para a construção do processo cognitivo.

O movimento cibernético dos anos 40 e 50, principalmente em sua segunda fase, com o trabalho de Heinz von Foerster com a criação da cibernética de segunda ordem vai nos trazer as noções de sistema, auto-organização e processo que vem substituir os pressupostos da ciência moderna [...]. (OLIVEIRA, 2012, p. 13).

Esse movimento surge para tratar das questões contidas internamente nos sistemas complexos. Devido a isso, evidencio que o caminho aberto por Von Foerster teve muitos adeptos, como Maturana e Varela, que colaboram para a construção de um novo paradigma, o qual está dando estruturação para o nascimento de uma teoria mais viva., com o foco no ser humano, e Maturana e Varela o explicam como um sistema autoconstrutivo, permeado por emoções, além de traçarem um caminho desde a explicação do humano como agente para

poder chegar à explicação do conhecimento científico, na qual o ser humano é o agente e tem papel central da Teoria da Complexidade .

Logo, é a cibernética de segunda ordem que nos apresenta a autonomia dos sistemas, a sua auto-organização e a sua inter-relação com o meio. Essa é uma nova forma de compreender como os sistemas mudam a sua estrutura e o seu funcionamento e é absorvido pelos sistemas auto-organizativos. As mudanças ocorridas na estrutura do funcionamento dos sistemas. O conceito de circularidade passou a incluir o observador como participante que descreve o sistema auto-observante. A conexão interna, ou seja, o meio não pode levar o sistema a agenciar mudanças sem que a necessidade exigida por esse sistema esteja de acordo com a sua própria lógica.

Atlan (1992) explica que o processo de transformação ocorre a partir do caos em termos cognitivos. Segundo o autor (1992, p. 123), “[...] é como se o nosso aparelho cognitivo fosse uma espécie de aparelho criador, mais uma vez, de uma ordem cada vez mais diferenciada, ou seja, de complexidade a partir do ruído”. Para ele, a produção de significado no ser humano ocorre porque só ele é capaz de se emocionar.

Essas considerações me levam a pensar que o mundo no qual vivemos não é independente das vivências, das experiências, dos pensamentos e das emoções individuais. Esse processo de observar ocorre ao mesmo tempo em que ocorre a auto-observação, originando complexidade e autonomia por meio da construção de cognição e subjetividades.

[...] quando falamos em autonomia, não estamos nos referindo àquele *self* autônomo da modernidade que se considerava separado do cosmos e também do próprio corpo. O que estamos fazendo é a referência a um sentido de autoria, no sentido de criação de diferença de um processo revolucionário, num todo integrado. Trata-se, portanto, do princípio do auto-organização em ação (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

Os sujeitos que participaram efetivamente da pesquisa constituíram o processo de aprendizagem, estabelecendo relações de forma autônoma e dependente, uma rede de significados entre o processo e cada um dos envolvidos, consigo mesmo e com o outro, ou seja, segundo Pellanda (2012), um desafio causado pelo ruído, frente à própria vivência inserida em processo complexo auto-organizativo.

2.3 Biologia da Cognição

As elaborações cibernéticas estão compostas de uma nova visão do que é conhecer, a qual considera essa ação como inseparável do viver. Maturana e Varela (2001b) trazem a concepção da Biologia da Cognição, fundamento da circularidade que me concede a noção da inseparabilidade intensa entre essas dimensões, apontando para o papel de cada ser envolvido na configuração de si mesmo e do mundo.

Maturana e Varela (2001b) ainda afirmam que, nos saberes de segunda ordem, a mudança ocorre ao mudar, ou seja, os saberes se auto-organizam de forma circular. Os autores ainda afirmam que, ao observar, o próprio observador está presente no ato da observação, trata-se de uma experiência de subjetivação, sempre tendo em vista autonomia e rede. Segundo Boettcher e Pellanda (2010, p. 49),

[...] o mais importante é que assumimos a ideia de que nós fazemos parte integrante e constituinte da realidade observada. Somos “observadoras implicadas”. O desafio, portanto, é fazer um caminho ao andar, como diria o poeta transformando-nos a cada passo.

Nesse sentido, destaco a experiência como instrumento de reflexão do grupo de sujeitos envolvidos na pesquisa sobre a sua própria vivência e o ato de se investigar o vivido por cada um dos envolvidos, pois a ação transformadora ocorre no processo em um ato de complexificar-se.

A complexificação e a metacognição proporcionam que se estabeleça um fluxo constante de complexificação e metacognição, levando à reflexão no e sobre o fluxo do processo em curso e ou já percorrido. Nesse sentido, para que os sujeitos atinjam à transformação é necessário que se reinvente alcançando novos estágios da complexidade

Maturana e Varela partilham do princípio de Von Foerster (2003): “[...] os sistemas vivos como são fechados para informação e abertos para o fluxo de energia” (PELLANDA, 2009, p. 22). Pellanda (2009) destaca que é por meio das perturbações que o sistema se percebe. A lógica circular e a recursividade permanente do sistema funcionam com o mecanismo de *feedback*, a auto-organização que percebe e entende os sistemas como fechados, pois eles se auto-organizam ao se defrontar com as perturbações no meio ao qual pertence, portanto, ao se reorganizar, evoluem na forma de um espiral. O retorno à desordem não indica retrocesso, mas sim um novo modo de reorganização e crescimento.

Von Foerster, após seus estudos epistemológicos, propôs que se incluísse o observador na realidade observada. Os estudos deste cientista me levam a perceber que os sistemas auto-organizados são *autopoieticos*. Nessa perspectiva, a *autopoiesis* toma este conceito no sentido da auto-organização dos seres vivos. Assim, o que percebi foi a potência da complexidade e a potencialização do processo de autoconstituição dos sistemas em que eles se configuram de forma metacognitiva.

Autopoiesis, na medida em que concebe o funcionamento do ser vivo como uma rede, um circuito fechado para autoprodução, ou seja, configura-se circularmente, logo, é essencialmente um conceito cibernético. Os sistemas vivos são sistemas autônomos e capazes de espontaneamente criar significações organizadas a partir do seu próprio funcionamento.

Frente a esse quadro teórico, ancorado no Paradigma da Complexidade, orientei-me ao longo deste estudo por alguns marcadores a serem utilizados nesta reflexão: observador incluído, a Complexificação pelo Ruído – a *Autopoiesis*, o processo auto-organizativo, a dimensão de rede do ser humano, incluindo aqui a questão do acoplamento estrutural e a metacognição. Esses marcadores são dispositivos de observação, que sinalizam momentos importantes de produção e auto-organização no desenrolar do curso da pesquisa.

Os marcadores trazem em si as questões de autoconstituição de fundamental importância, por demonstrarem as construções em relação à autonomia e à autoria, de cada educando/sujeito, possibilitando-lhes o acesso à cognição por meio das oportunidades de reconfigurar-se a partir de si mesmos, ou seja, do processo de autoconstrução metacognitiva, de conhecer a si mesmo.

A metacognição age como suporte da recursividade do diálogo ao criar recursividade do diálogo, a qual passa a constituir um ambiente em que os sujeitos vão se expressando e se organizando. Assim sendo, possibilita que o conhecimento vá constituindo-se em rede. O conhecimento, na perspectiva da ação efetiva, passa, portanto, pelo processo de diálogo.

Varela (1991) nos esclarece que a experiência da consciência é uma ação emergente e não está relacionada com dados objetivos, mas sim com processos vividos, experienciados. A consciência surge a partir de uma dinâmica não linear. Por isso, ela emerge na experiência das redes e dos circuitos que podem ser orientados pelo diálogo.

A conversa foi o elemento que conduziu as ações do grupo de sujeitos composto pelos educandos e pela professora pesquisadora, me coloco desta forma por considerar um só lugar para abrigo a professora e a pesquisadora sem distingui-las. O grupo fez das rodas de conversa o fio condutor que foi desvendando o caminho a ser percorrido. Com isso, há, no

processo, um “acoplamento estrutural” constante, em que cada sujeito de pesquisa e o meio que integram interagem e se transformam de forma correspondente.

Maturana (2001b) lembra que “conversar” vem do latim *cum* (com) e *versare* (dar voltas). A conversação, segundo Humberto Maturana, é um dos pressupostos básicos da Biologia da Cognição, teoria que me foi de grande valia na constituição teórica que sustenta esta pesquisa. Esse processo se utiliza das atividades com cinema na sala de aula intermediada pelas conversas no decorrer de todo o processo, até se atingir de fato a elaboração do próprio conhecer mediante a produção das autonarrativas.

Vale lembrar que o que está fora do ambiente não o determina, “apenas o perturba”, e essa perturbação “mobiliza” os educandos para a construção pessoal de cada um deles, para o processo de produção de aprendizagem e autoria em que haja “conectividade e singularidade ao mesmo tempo” (PELLANDA, 2003, p. 1389).

A passagem de nível no processo de construção da aprendizagem é uma provocação que implica sempre a interrupção de um padrão estabilizado, acomodado. A tecnologia filmica surge como o ruído, fazendo despertar, desacomodar, convidando a mudar frente às novas possibilidades com relação à construção de aprendizagem conduzida pelo diálogo entre os sujeitos de pesquisa.

O sujeito pesquisador, ao investigar um processo, está automaticamente investigando a si mesmo, está pensando sobre o próprio processo de construção e, ao fazer isso, vai se reconstruindo, redesenhando o caminho, em uma prática chamada metacognitiva.

A porta de entrada aos saberes de segunda ordem está o observador incluída no processo em que o investigador é também narrador, ao narrar experiências vividas como observador, passando a pertencer a uma atividade circular mediada pelas rodas de conversas.

A realidade se constitui nas conversações, dinâmica que usamos para construir nosso processo de investigação (PELLANDA, 2003). Maturana diz (2001b, p. 47): “Tudo o que nós, os seres humanos, fazemos como tal, o fazemos nas conversações. E aquilo que não fazemos nas conversações, de fato, não o fazemos como seres humanos”.

O que estou propondo é refletir o processo através das conversações no grupo, em termos de como foi possível constituirmos conhecimento numa perspectiva *autopoiética*. Nesse sentido, a inclusão do observador no ato da investigação ocorreu por meio das conversações, atendendo, assim, à necessidade do paradigma complexo, que não separa as diferentes dimensões da realidade.

O observador incluído vem justificar as operações frente à sua inclusão no objeto observado, os procedimentos de pesquisa em que o observador se vê em meio a ações que admitem recursividade, a complexificação e tão logo o processo auto-organizativo, que é dotado de cognição/subjetividade. Desse modo, para que a ação educativa do educador-observador tenha como resultado a aprendizagem do educando e o educador deve ocorrer o acoplamento entre eles, seja possível que ambos tenham acessibilidade ao seu processo auto-organizativo de construção do conhecimento.

O fenômeno de observar me permitiu que ao observar, esse processo que se constitui de conversas como elemento de ajuste do próprio processo em curso de “acoplamento estrutural”, entendido como ações constantes entre a teia que se formou entre a tecnologia, o processo ensino-aprendizagem e meio, constituindo desse modo a *autopoiesis*. Isso permite retificar que o que está em processo é o fato de interagirmos com o ambiente, cinema; exibição de filmes na sala de aula. São as influências mútuas que ajudam a determinar a correção das percepções de cada um e ou do grupo em ação.

Maturana (1997) dá o nome de acoplamento estrutural ao domínio dessas interações. Os sistemas vivos são indicados como sistemas capazes de se autoproduzirem e se manterem como componentes de um mesmo processo que garanta a sobrevivência de um organismo. A concepção complexa do ser vivo determina-o como sistema fechado quanto à organização, pois consegue manter a lógica que o observador pode chamar de “meio”.

O termo *Autopoiesis* traduz o que Maturana (1997) chamou de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”, em outros termos, estes seres são, ao mesmo tempo, autônomos e dependentes, complexos. “[...] nós, seres humanos, somos animais racionais” (MATURANA, 1997, p. 170).

Por definição, os sistemas vivos são auto-organizativos, pois são concomitantemente produto e produtor – logo, são sistemas *autopoiéticos*. No acoplamento estrutural, os sistemas *autopoiéticos* interagem de um modo tão próximo que existem componentes e processos que se confundem, pois as perturbações atingem uns aos outros.

[...] a definição de aprendizagem, ao nível biológico, considerando que ela se refere ao processo de transformação do comportamento de um organismo; esse processo de transformação ocorre pela experiência vivencial de cada ser vivo e encontra-se sempre subordinado à conservação de sua lógica organizacional, de um modo directo ou indirecto (OLIVEIRA, 1999, p. 38).

A aprendizagem está orientada para a manutenção da sua lógica organizacional em processo. A mudança de procedimento de um organismo em questão adquiriu lembranças de perturbações do passado especialmente definidas e armazenadas na “memória” dos sistemas vivos.

O humano, ao se deparar com novas informações, interage; e, ao interagir, perturba-se e desorganiza-se, determinando mudanças comportamentais diante das informações apresentadas em meio ao contexto do estudo.

No ato de viver, estamos em constante acoplamento com o meio em que vivo na convivência com o outro. Ser, fazer, conhecer e viver acontecem por meio do diálogo. A linguagem nos aproxima e nos define como seres vivos que vivem em sociedade como seres dotados de linguagem e de sentimentos, característica que somente os humanos possuem.

Na perspectiva *autopoietica*, o sujeito, pesquisador, o observador implicado só poderá fazer ligações referentes ao que observa a partir da experiência vivida na relação com o outro na convivência, isto é, através da linguagem, do diálogo. Portanto, “[...] me dou conta de que não posso pretender que eu tenha a capacidade de fazer referência a uma realidade independente de mim [...]” (MATURANA, 1998, p. 45).

O pensamento sistêmico está constituído de organização do sistema que confere identidade ao conjunto, portanto, a organização é determinante de definição; determina as características essenciais dos sistemas que define como eles estão configurado. Nesse sentido, a estrutura como um todo mostra de que forma as suas partes se interligam, identificando-se de modo concreto, e o quão intensamente os sistemas se comportam na estrutura.

A estrutura pode variar sem que isso desorganize o sistema. Enquanto essas mudanças forem compatíveis com a organização, a identidade do todo permanecerá intacta. [...] basicamente a alterações estruturais, que levam a uma recomposição dos elementos internos – os subsistemas – e daí a novas formas de funcionamento (MARIOTTI, 2000, p. 71).

O funcionamento dos sistemas vivos é, por definição, autônomo, operacionalmente fechado para troca com estruturas externas, mas aberto para a captação de energias. Logo, a estrutura, a organização e o determinismo estrutural são característicos dos seres vivos, determinados por sua estrutura biológica. A sua organização biológica é caracterizada por um processo chamado determinismo estrutural. Segundo Maturana e Varela (1992, p. 96).

[...] interações entre os seres vivos e o meio ambiente dentro da congruência estrutural, as perturbações do ambiente não determinam o que acontece com o ser vivo; ao contrário é a estrutura do ser vivo que determinará o que deverá ocorrer com ele. Esta interação não tem uma dimensão instrutiva, porque ela não determina (instrui, comanda ou direciona) as mudanças que deverão ocorrer.

O fato de os sistemas vivos estarem submetidos ao determinismo estrutural não significa que eles estejam passíveis de previsão, pois a sua composição é passível de mudança “continuamente”. Desse modo, não é aceitável falar em previsões, antecipações, mas sim em circularidade e recursividade, que evoluem em sentido espiral.

O mundo em que se vive e o contexto do ato de viver se constroem a partir das percepções individuais e/ou nas relações e é a estrutura do mundo em que se vive que permite essas percepções. Portanto, o mundo ao qual pertencemos está passível à visão de mundo do expectador. Eis por que o conhecimento apenas objetivo é inviável frente a esta proposta de estudo, pois esta proposta aposta que sujeito e objeto se complementam, que o observador não se encontra separado dos fenômenos que observa, ou seja, ao observar, eu estarei sendo observada na mesma intensidade – “observador implicado”.

“Tudo que é dito é dito pelo observador” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 31). Assim, o observador, no ato de observar, contempla de forma simultânea o que se determina para seu estudo e o ambiente ao qual ele pertence. Portanto, o pesquisador é capaz de atuar ou de interagir através das relações ao longo do fluxo da pesquisa, uma vez que um sistema, ao estar em acoplamento com outro, realiza troca de energia. Logo, um sistema, ao influenciar outro, passa por uma mudança na sua estrutura, por uma deformação e/ou transformação.

Tendo em vista esse quadro teórico, desenhei minha metodologia de forma cartográfica. A cartografia foi minha escolha para sustentar de forma teórico-metodológica o meu estudo mediante planos de ação construídos pelo grupo, para serem desenvolvidos na sequência, no próximo encontro. Esse procedimento orientou sem determinar a investigação, pois ela não foi conduzida, mas orientada pelas ações que se constituíam, ora orientando, ora desorientando, característica própria da pesquisa-intervenção. A cartografia me permitiu a utilização de procedimentos metodológicos conexos com a complexidade do ser, do conhecer e do fazer. O processo ensino-aprendizagem escolhido possui um perfil dialógico, metacognitivo e tecnológico dotado de linguagem, tomando as diversidades como elementos complementares que potencializariam a educação.

[...] um aspecto central do fazer ciência tem a ver com a nossa busca de compreender nossa experiência como seres humanos. E o sentido que dou a

compreender é o da experiência de adotar uma operacionalidade de reflexão na linguagem, na qual podemos conhecer o que conhecemos nas circunstâncias de constituição na linguagem (MATURANA, 2001, p. 155).

O meu foco com esta pesquisa é com os fenômenos que emergiram do contato com as narrativas cinematográficas e suas linguagens. É importante considerar as performances distintas de apropriação das técnicas fílmicas incorporando-as à dimensão do tempo vivido e da realidade engendrada pelos educandos/sujeitos, de modo a deixarem transparecer a sua complexificação no fluxo do estudo e eternizarem-na pela produção das autonarrativas.

A educação é um universo complexo, que se configura e se pensa por meio do olhar e da ação de cada um dos sujeitos em conexão com o processo ensino-aprendizagem regido pela possibilidade de múltiplas linguagens oferecida pelo cinema e por suas complexidades. Nesse sentido, o processo de construção do conhecimento trabalha com uma dimensão que coloca em evidência o olhar do observador, que se faz na própria realidade observada.

O desafio desta pesquisa, para mim, foi assumir a responsabilidade de ser complexa, ao mesmo tempo em que tece junto aos educandos as ações a serem realizadas, uma vez que, segundo Morin (2001), idealizar a aprendizagem de forma a desenvolvê-la na dimensão complexa, logo, me propus juntamente com os educandos, pensarmos um processo ensino-aprendizagem neste formato. Portanto, procurei considerar o processo de pesquisa (aprendizagem) juntamente com eles e para eles. O diálogo foi a forma de nos conectarmos em rede, conectando o modo de ser-agir rumo a níveis cada vez mais abrangentes de complexificação.

O cinema, exibido na sala de aula, coloca no mesmo plano o comum e o complexo, que se confundem em meio ao processo de construção, simples, heterogêneo, sendo ele um mundo comum e, ao mesmo tempo, heterogêneo, dotado de movimentos de pertencimento ao ambiente de pesquisa.

Esta investigação coloca os sujeitos da pesquisa como cartógrafos diante de um território que eles não conhecem e o que pretendem fazer para avançar o entendimento e as práticas de trabalho. Realizei a pesquisa, envolvendo educandos do 7º ano, sujeitos da pesquisa de uma Escola da Rede Municipal de Santa Maria/RS. De acordo com Eduardo Passos e Virginia Kastrup (2015), o processo cartográfico não deve ocorrer de modo automático, pois esse método complexo permite que um território desconhecido por meio de um reconhecimento atento da produção do conhecimento, envolvendo o próprio processo

criativo, digo o território de passagem, da tecnologia digital contida no cinema, para acessar ação conhecer e do fazer, o processo criativo dotado de cognição e subjetividades.

A utilização da linguagem cinematográfica se apresenta como um território para o reconhecimento, mas não qualquer reconhecimento; ele deve ser atento, perceptivo frente à imagem, ao som e ao movimento, motivando a imaginação, a emoção, que fluiu nas sessões de cinema exibidas na sala de aula ao longo de dois meses do segundo semestre de 2015. Considerando-se que o tema que proponho é complexo, então a cartografia é um método de pesquisa-intervenção (PASSOS; KASTRUP, 2015), no qual a atenção do cartógrafo deve estar aberta ao plano de forças que deve acompanhar processos.

O processo que se inicia com o cinema como fonte documental chega a seu ápice com a produção das autonarrativas, tendo em vista que os elementos que concluirão todo o processo de pesquisa são as autonarrativas dos alunos.

A autonarrativa possibilita o pensar, o *feedback*, o dar a volta sobre si, o que, por sua vez, permite refazer o mesmo percurso no movimento de recursividade. O processo de repetição pode até ser similar, mas não igual ao que já fora produzido. O *feedback*, impulsiona a ideia de recursividade explicitada no movimento constituído pelo princípio do círculo recursivo que, ao fazer o círculo se modificar, evolui para uma espiral. Para Edgar Morin (2001), o princípio da recursividade é a ideia que traduz os conceitos de autoprodução e auto-organização. A ideia proposta por Morin remete-me à noção de incompletude, segundo a qual o humano assume que a possibilidade de viver uma mesma situação não o coloca em uma experiência igual – na verdade, nunca igual –, acoplada constantemente por novas experiências e, por consequência, a produção de novos significados.

A hipermídia, diferentemente de multimídia, não é a mera reunião dos meios existentes, mas sim a fusão desses meios a partir de elementos não lineares. As informações são acessadas pelo monitor de um computador, pela tela de um *smartphone*, de *tablets*, dispositivos eletrônicos de uso comum dos nossos educandos. Assim, eles são capazes de interagir com temas, conteúdos acessados de forma não linear, ou seja, podem escolher entre o início, o meio ou o fim do que estão interessados em apreender.

A autonarrativa, mesmo a produzida em ambiente midiático, é um conceito complexo que se desdobra em outros tantos, como a interação pela produção de hipertexto e hipermídia. O seu suporte tecnológico configura uma interlocução constante do sujeito de pesquisa com o pesquisador, com ele mesmo e com seus colegas. Enfim, a tecnologia é um fator possibilitador da *Autopoiesis*.

Ela não é, portanto, um mero expressar-se. À medida que os educandos foram relatando como perceberam a construção do conhecimento, contaram a experiência singular vivida. Ao se constituírem, estão repensando um movimento circular, metacognitivo.

O *Facebook* foi um elemento utilizado para troca de ideias e sugestões. Sendo um elo entre os sujeitos de pesquisa, foi um instrumento de autoconstituição. As atividades, incluindo a troca de experiências e a produção de cada um, possibilitaram-me perceber diferentes linguagens empregadas para que ocorresse a concretização da produção dos educandos autores.

A produção das autonarrativas é uma aventura na qual os educandos se autoexperimentam por caminhos não lineares, vivenciando uma lógica circular em seu processo cognitivo/subjetivo. O suporte da sala de aula de mídias colaborou para as produções, oferecendo a possibilidade de uma configuração, uma interlocução entre os sujeitos de pesquisa e a própria tecnologia, que possibilita a *autopoiesis*, materializada na autonarrativa.

2.4 Cartografia

A estrutura teórica e a metodologia sustentada pela cartografia têm por eixo a o processo de construção do conhecimento. A pesquisa constituir-se-á de forma não linear, uma vez que as decisões a serem tomadas serão norteadas pelas emergências que aflorarão no fluxo da pesquisa. A narrativa fílmica, usada como dispositivo ruidoso no contexto da sala de aula proporciona que sujeito e objeto não se separem. A obtenção dos dados da pesquisa ocorre no próprio processo de autocostrução dos sujeitos, no qual eles terão a possibilidade de se reconfigurar de forma constante.

Essa investigação tem o objetivo de abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica e separadas da fragmentação do cartesianismo. A minha escolha metodológica tem a orientação de Passos e Kastrup (2015), pois a sua proposta vem ao encontro de minha percepção quanto ao processo investigativo aqui proposto: é um processo de investigação no qual os sujeitos da pesquisa refletem sobre si mesmos, gerando ações, atuações que os levam a produzir as suas autonarrativas, tornando-os cartógrafos de suas experiências a partir das emergências desencadeadas pelo cinema no tempo e espaço da sala de aula. As representações do processo cognitivo convergem com a imaginação e a

emoção criada no processo estético, plástico, da investigação do processo cognitivo e subjetivo.

Minha opção pela cartografia foi determinada pela intenção de não estabelecer nenhum tipo de roteiro. Portanto, as ações realizadas iam sendo determinadas pelas emergências que surgiram ao longo do processo em si,. O estudo foi se organizando enquanto estrutura no fluxo da pesquisa.

A educação e o processo cognitivo são um universo complexo. Aqui eu quero que ela se configure e se processe através do olhar e da ação de cada um dos sujeitos em conexão com o processo ensino-aprendizagem; tudo isso regido pela possibilidade de múltiplas linguagens oferecidas pelo cinema e suas complexidades. Nesse sentido, o processo de construção do conhecimento trabalha com uma dimensão que coloca em evidência o olhar do observador, que se constrói na própria realidade observada.

Parte-se do pressuposto de que a ação complexa de conhecer é criadora da realidade. Nesse sentido, a cartografia é um método de averiguação que não busca desvendar o que já estaria dado como uma realidade preexistente, mas um método que se determina no fluxo em processo de construção.

O ato de conhecer está intimamente ligado ao ato de viver. Como já atestaram Maturana e Varela (1990, p. 21), “todo ato de conhecer traz um mundo às mãos, [...] todo fazer é conhecer, todo conhecer é fazer”. É na transformação que o conhecimento se faz.

Este estudo optou por colocar os sujeitos da pesquisa como cartógrafos de seu processo de aprendizagem, ou seja, diante de um território que eles não conheciam, e, através de situações provocativas, levá-los a avançar no processo como um todo, proporcionando reflexão e criação de estratégias para alcançar o entendimento e a construção de conhecimento.

O processo foi cartografado desde o início do estudo, pois, a cada instante, estaríamos nos confrontando com o novo, com o inesperado, surpreendendo-nos até chegar na produção das autonarrativas. Todo o processo criativo foi ser acompanhado e documentado pelo Diário de Bordo.

2.4.1 Diário de Bordo

Utilizei-me do Diário de Bordo com o objetivo de registrar os momentos da pesquisa, ou seja, o trabalho didático-pedagógico. As anotações não se restringem a simples descrições

de acontecimentos da sala de aula, mas incorporam também comentários, justificativas e análises acerca dos momentos do estudo. Assim, caracterizo o diário como instrumento de acompanhamento, avaliação e crítica-reflexiva da prática pedagógica desenvolvida nesta pesquisa.

O diário será um aliado, proporcionando-me o controle de todas as atividades, os apontamentos dos momentos da pesquisa, a leitura do que foi escrito, auxiliando-me, conseqüentemente, a pensar nas ações já realizadas e organizar as ações que darão seqüência ao estudo.

A narrativa descritiva aplicada no Diário de Bordo foi assim escolhida por ser um instrumento capaz não só de descrever as ações dos educandos e as minhas próprias ações enquanto professora-pesquisadora. Os elementos que estarão contidos nele vão justificar ou não as ações propostas para esse estudo, apresentando seus limites e suas possibilidades para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, assim como a organização do ambiente de aprendizagem.

O Diário de Bordo me permitirá verificar ações realizadas, avaliá-las e, quando necessário, reconstruir as próximas ações, atribuindo a elas razão e sentido. A partir do diário, terei condições de conseguir identificar os elementos de significação, os sucessos, ou insucessos, que certamente surgirão. Esse instrumento de registro vai me permitir explorar as ações previstas no projeto, de modo a adaptá-las sempre que necessário, e melhor desenvolver as atividades realizadas a cada encontro.

Serão descritas pontualmente as ações no decorrer dos encontros e nos momentos da práxis, que serão fundamentais para que eu obtenha um material rico em detalhes que vai sustentar as minhas reflexões frente à análise final desta dissertação.

2.4.2 Autonarrativas

Aqui finalizo a constituição teórica escolhendo abordar a importância da autonarrativa enquanto linguagem, pois os elementos auto-organizativos permitem ressignificar o tempo e o espaço vividos. Acredito que, ao narrarmos sobre nós mesmos, reinventamo-nos; o que também se dá com os educandos desta pesquisa ao narrarem sobre nossos encontros compostos de um movimento metacognitivo que nos afetou ao longo da pesquisa. Desse modo, os jovens, refazem o caminho já percorrido, exercitando um movimento metacognitivo, que nada mais é do que a recursividade do processo.

O processo auto-organizativo possibilita o *feedback* e, com isso, permite refazer o mesmo percurso no movimento de recursividade. O fundamento deste estudo está apoiado nos pressupostos da complexidade, em que o observador está envolto pelo ato de observar. Sendo eu uma participante ativa do ato observado, a elaboração desta dissertação foi um momento importante para mim enquanto professora pesquisadora.

3 POR QUE CINEMA?

Entendo que o cinema, enquanto mídia educativa, possui grande potencial pedagógico, uma vez que é muito mais fácil, tanto para os jovens estudantes, quanto para um adulto, absorver informações advindas de estímulos audiovisuais. Dale (1969), o estímulo audiovisual, ou seja, o filme atinge até 70% da apreensão do conhecimento. Cito ainda uma famosa frase atribuída ao filósofo Confúcio que dizia: “O que eu vejo, eu esqueço, o que eu ouço, eu relembro e o que eu faço, eu entendo”.

Nesse sentido, o filme e suas potencialidades auxiliam o professor a romper com o modelo tradicional de aula, baseado na explanação, podendo servir tanto para expor conteúdos quanto para elucidar conceitos e demonstrar experiências. Transforma-se, assim, o espaço da sala de aula, em um lugar de ensino-aprendizagem com a atmosfera cultural e desenvolve-se nos educandos um olhar curioso, crítico e que possibilita a construção de conhecimento.

A utilização da sétima arte como veículo e ferramenta de ensino-aprendizagem oportuniza focar aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral do cinema enquanto mídia educativa. A inserção de novas estratégias de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem é primordial para a inovação pedagógica e a adequação às mudanças sociais, com a finalidade de proporcionar uma formação integral aos cidadãos. Nesse contexto, o cinema se torna uma ferramenta educativa cheia de potencialidades ao se constituir em um meio de contribuir para a mudança social. Ao ser percebido como uma mídia educacional, o cinema tem a possibilidade de auxiliar de forma promissora a didática na sala de aula. O professor atua auxiliando os alunos como mediador entre o que o cinema proporciona e o conjunto de conhecimentos a serem construídos na relação com a constituição da aprendizagem.

3.1 Cinema: um recurso potencializador do ensino de História?

“O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História” (FERRO, 1992, p. 86).

O cinema, no decorrer do século XX, tornou-se um influente ambiente de comunicação. Nesse aspecto, vários estudiosos evidenciaram interesse, em especial os historiadores, sobre as relações entre o audiovisual e a história. A produção cinematográfica e a sua concepção

nasceram a partir da necessidade emergente do homem se expressar de forma complexa e reflexiva. É fato que essa ideia foi ampliada ao longo dos anos, admitindo que o cinema se apresentasse como um forte meio de comunicação e expressão. O desenvolvimento, no que diz respeito tanto ao aprimoramento da técnica, quanto ao de conteúdo, multiplicou-se principalmente na primeira década deste século devido à explosão das tecnologias digitais. O cinema se renovou especularmente graças às inúmeras possibilidades que a tecnologia digital oferece para a sétima arte, manipuladora da imagem, do som e do movimento, possibilitando que os filmes apresentem e ou representem momentos, períodos da história que venham a oferecer uma leitura diferente por meio de uma linguagem midiática.

Entretanto, a tecnologia por si só não se faz complexa, mas proporciona que sejam realizados avanços com relação aos conceitos essenciais acerca dessa relação com o cinema, não podendo ser ignorados pelos professores-historiadores que anseiem pensar o cinema em sua utilização na educação em consonância com o ensino da história e da dialética a ser desenvolvida na escola. Segundo Nova (1996), alguns desses conceitos dizem respeito ao filme enquanto fonte documental e historiográfica e como discurso sobre o ensino da história.

A produção de uma obra cinematográfica, conforme a autora, é uma revelação da sociedade que a produz, produziu ou produzirá, de modo que o filme pode ser respeitado como uma fonte documental para a ciência histórica por excelência. “Nenhuma produção cinematográfica está livre dos condicionamentos sociais de sua época”. Isso me permite concordar com a afirmação que “todo filme é passível de ser utilizado enquanto documento” (NOVA, 1996, s/p).

No entanto, para que tenha valor em meio à comunidade científica, tal a autora indica que tenhamos cautela. A forma como o filme reflete a sociedade não é, em hipótese alguma, direta e dificilmente será apresentada de modo organizado. Sugiro, portanto, que observemos o aparente, que normalmente representa aspectos e condicionamentos sociais culturais do seu tempo. Digo isso, pois, proponho que o cinema seja pensado como uma fonte documental para o processo de construção do conhecimento com jovens do ensino fundamental.

Fazendo uma retomada histórica, a partir dos anos 1970, o cinema começou a ser aceito como um provável documento para a investigação histórica. Foi uma longa caminhada, pois, devido a um processo de retificar o conceito e os procedimentos metodológicos da História, o conceito historiográfico de documento se relaciona essencialmente com dois aspectos: a concepção de História do pesquisador e o valor intrínseco do documento que ganhou destaque, iniciado com a ampliação da Escola dos Anais, na França. Desde esse período, o

filme passou a ser visto como um testemunho da sociedade que o produziu, como um reflexo não direto e automático das ideologias, dos costumes e dos entendimentos das mentalidades coletivas, mas também como um instrumento de uma produção humana determinada pela historicidade.

As relações entre a história e o cinema não são recentes, no entanto, o seu estudo mais aprofundado remonta há apenas três décadas, com o seu precursor Marc Ferro. O historiador francês Marc Ferro foi um dos grandes responsáveis por essa incorporação do cinema na Educação. Mesmo com a contribuição de Ferro, ainda estamos distantes de conseguir uma conexão conveniente no que diz respeito à formulação de uma estrutura teórica sólida. Nesse contexto, o que se tem de sensato é a perspectiva da história e da ficção. Quando uma se adequa a outra, elas podem produzir uma argumentação de qualidade, fazendo com que tanto os autores do filme quanto o público participem de um inesgotável processo de produção de sentidos. “[...] talvez por isso, o cinema tenha atravessado as salas de projeção convencionais para chegar, também, às salas de aula” (COTRIM, 2007, p. 98).

Aristóteles, na sua *Arte poética*, instituiu uma discriminação simples: “historiador é aquele que escreve sobre o que aconteceu, enquanto o ficcionista (poeta) escreve sobre aquilo que poderia ter acontecido” (CARR, 1996, p. 65). Contudo, essa magnitude se torna sombria quando se aceita que o fato não seja uma matéria prima que se coloca à percepção da busca movida pela interpretação do real.

Meu propósito é buscar sustentação para pensar sobre a utilização do cinema como fonte documental por meio da obra de Ferro. De certa maneira, a escolha desse teórico se deve à importância que ele atribui à conexão entre a história e o cinema, e sua contribuição para a Educação. Para Ferro (1992, p. 13), “O cinema se tornou uma arte, seus pioneiros passaram a intervir com filmes, documentários ou de ficção, que desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinam e glorificam”. Concordando com Ferro, Nova (1996, s/p) afirma que o:

[...] cinema-história toma como verdadeira a premissa de que todo filme é um documento, desde que corresponda a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto. No entanto, isso não seria suficiente para que uma película se tornasse um documento válido para a investigação historiográfica. Na verdade, o conceito historiográfico de documento se relaciona fundamentalmente com dois pontos: a concepção de História do pesquisador e o valor intrínseco do documento.

A autora propõe que se busque no filme tudo o que se põe de forma evidente, retirando dele o que é apresentado, dito de forma clara, evidente, promovendo a apreciação do cinema como um todo “[...] o conteúdo existente em suas entrelinhas, tudo aquilo que os produtores esperavam que chegasse ao espectador, mas não o fizeram por algum motivo particular”, seja ele de forma direta e clara, ou ainda, o que se “apresenta no filme que escapou à atenção ou ultrapassou as intenções de quem o produziu” (NOVA, 1996, s/p).

Cinema como fonte documental ultrapassa a sua interpretação superficial, ele requer muito mais do que investigar seus aspectos internos. O uso do cinema como testemunho exige o estudo sobre o contexto de sua produção: os filmes possuem conflitos que não aparecem na tela, por isso, é essencial que examinemos sua história.

O audiovisual é um potencial que precisa ser aproveitado pelo professor para refletir sobre a história, sobre a sociedade, sobre os comportamentos humanos e as formas dos homens educarem-se, procuramos contribuir para o debate destas questões consideradas tão [...] elementos para a construção de uma prática educativa mais profícua e agradável (CARVALHO, 1998, s/p).

Deve-se estudar utilizando obras cinematográficas como fonte documental, ou seja, um instrumento de interação entre o processo ensino-aprendizagem, e os alunos envolvidos no processo possibilitando a eles que consigam fazer conexões entre; história, cinema e educação. Portanto, esses componentes com características tão diferentes se entrelaçam, colocando-se como elementos capazes de juntos serem uma alternativa possível para reencantar o aluno frente ao processo educacional.

A sociedade hoje em dia está sofrendo expressivas transformações com a ampliação da utilização das tecnologias digitais, e o cinema é uma delas. Observa-se em todos os setores da sociedade que o que acontece fora da escola acaba refletindo nela de forma direta. A própria vida dos alunos na escola ou fora dela é uma só; seja ela no mundo da educação, da cultura, do lazer ou do trabalho, vai, de uma forma ou de outra, refletir no modo de se produzir conhecimento. Transformações certamente ocorrem, envolvendo uma vasta gama de informações acessadas por crianças e jovens estudantes, de modo que essas se espalham de forma quase simultânea por todo o mundo por diversas estruturas tecnológicas, criando novos ambientes educacionais que não necessariamente o espaço da sala de aula. É nessa perspectiva que a sala de cinema passa a ser uma opção de espaço de aprendizagem que extrapola os muros da escola.

A tecnologia digital vincula informações, entretenimento e conhecimentos, contexto em que se encaixa o cinema exibido na sala de cinema ou na sala de mídias, via internet e/ou com o kit TV e DVD, *datashow*, *home-theater*. A tecnologia é presença constante na vida dos nossos jovens, logo, não poderia ser diferente no universo escolar e das práticas pedagógicas. Esse ponto de vista determina que a escola e a sala de aula tradicional já não sejam mais o único local de acesso à aprendizagem nem o professor possuidor do conhecimento ou da informação. Pensando nisso, percebi a emergência de ações pedagógicas integradas aos múltiplos canais de comunicação existentes e presentes no cotidiano dos alunos e professores, entre os quais se inclui o cinema, que comporta arte, tecnologia e magia.

Apostei no cinema como uma fonte documental e um instrumento potencializador do processo ensino-aprendizagem na disciplina de História. Tenho o objetivo de capturar as potencialidades do cinema enquanto gerador de emergências que conduzem as ações auto-organizativas e complexas na prática pedagógica no decorrer do fluxo da pesquisa, identificando e cartografando os elementos constituidores do processo cognitivo repleto de subjetividades. Desse modo, busco investigar as inquietações geradas nos jovens estudantes quanto às afecções das narrativas cinematográficas.

O foco desta pesquisa recai sobre o olhar do aluno, sobre como ele vê o cinema utilizado como meio didático e como um documento histórico. As percepções geradas nos alunos quanto ao acoplamento sujeito/tecnologia fílmica serão apresentadas nas autonarrativas.

A arte do cinema está presente na vida dos jovens através da televisão, de filmes em DVDs, via internet e/ou das salas de cinema. A cinematografia não pode ser desconsiderada e simplesmente abolida do sistema educacional, principalmente porque, na última década, a tecnologia digital se concretizou como um forte elemento politizador da aprendizagem – o cinema não fica fora desse contexto.

A investigação aborda o cinema não como uma simples alegoria ilustrativa, mas propondo pensar e repensar o processo ensino-aprendizagem com o uso de filmes. Nessa direção, visio transformar a estrutura da aprendizagem no modo de perceber, estabelecer relações com o audiovisual. O filme adquire aqui um papel de destaque por eu acreditar que ele proporciona potencialidades próprias da sétima arte com a intenção de usar o cinema como um articulador da aprendizagem.

Esta pesquisa não tem a pretensão de normatizar ou provar a eficiência do uso das narrativas cinematográficas em espaço de aprendizagem, mas pode vir a desmistificar o seu

uso vazio e inconsequente no cenário na educação. O cinema é um elemento potencializador da transformação quanto à abordagem estrutural, proporcionando a compreensão e a significação do audiovisual para o ensino da História na sala de aula de forma complexa.

O movimento das imagens potencializa e significa o cinema. Morin (1989, p. X) afirma: “o cinematógrafo foi concebido para estudar o movimento: tornou-se o maior espetáculo do mundo moderno. A câmera de filmar parecia destinada a decalcar sonhos”. O filme, neste estudo, é apresentado como um meio didático que viabiliza a discussão entre o cinema como fonte e os procedimentos para a construção do conhecimento histórico. “A tela parecia dever apresentar ao ser humano um espelho: ela ofereceu ao século XX semideuses, as estrelas do cinema. [...] semidivindades, criaturas de sonhos resultantes do espetáculo cinematográfico” (MORIN, 1989, p. X). A cinematografia e as suas imagens criadas, imersas na historicidade, transformam-se, por sua função social, em depoimentos visuais de um dado lugar e/ou época.

Despertando a percepção e a compreensão de como os indivíduos se organizam para o convívio em sociedade, Carvalho (1998, s/p) complementa: “uma vez que estes expressam, e deixam registrados para a posteridade, práticas sociais, modos de pensar, valores, símbolos, sentimentos, comportamentos, próprios de uma determinada sociedade”.

A sociedade e seu contexto se refletem na e para sociedade, que se expressa atualmente em um mundo tecnológico e se abre para a nova probabilidade educacional instrumentalizada, neste estudo, pelo cinema. Eu, ao oferecer aos alunos a probabilidade de reconhecer no cinema um recurso didático, estou, de alguma forma, relacionando-o com o tema histórico proposto para o estudo e a possibilidade de construir conhecimento cognitivo subjetivo.

A ideia é transformar o simples olhar que acontece frente à tela do cinema em um olhar crítico, buscando significar o cinema não apenas em sua aparência estética e ou da(s) linguagem(ns), mas também em sua conexão com a história. O uso do filme como uma fonte artística para reintegrar a história no âmbito do entrosamento das relações em sociedade e dos fenômenos educativos.

A cinematografia torna-se necessária para podermos usufruir da beleza que flui pelas imagens luminosas, detentora de um teor povoado de sentimentos. O cinema contém uma natureza representativa, em que o diretor, o ator e os artistas captam elementos da história e de seu contexto e representam a vida das pessoas no seu tempo. Na produção de um filme, não se conta só com a representação propriamente dita, mas também com a proposta do diretor, que normalmente apresenta as subjetividades, como as emoções, as paixões, os gostos, os interesses, os sofrimentos e as alegrias capturados pelas lentes.

A arte do cinema utiliza-se do aspecto sensível, própria das imagens, que têm por princípio a revelação que vai para além do acontecimento, propondo significado e representação do autor. Assim, o espectador que se envolve, perturba-se frente à obra. Certamente um filme não tem a pretensão de representar todo um povo, um período, mas uma parcela dele, no seu tempo e espaço, de modo contextualizado.

O cinema também procura e encontra êxodo no exotismo e na história. A antiguidade romana, os cavaleiros da Távola Redonda, etc. trazem consigo um prestígio mítico, mas no seio da credibilidade: a história e a geografia são duas garantias de autenticidade e, ao mesmo tempo, duas fontes maravilhosas. Não é no fantástico que o cinema se evade, mas no tempo e no espaço em technicolor e cinemascope (MORIN, 1989, p. 17).

Cabe pontuar que efetivar um trabalho didático com a utilização de imagem, som e movimento próprios de um filme, um vídeo, um documentário não garante a sua qualidade. O audiovisual exige do professor uma posição articuladora entre a competência teórica e o conhecer dos episódios históricos, tendo em vista que os enfrentamentos, a desordem, assim como os conflitos e as suas contradições sociais serão representados de algum modo pelo filme, ampliando o desenvolvimento de uma ação educacional nada lógica, que requer uma atuação consistente do professor que compreende o sentido dos signos históricos e a sua conexão com a narrativa cinematográfica. Segundo Deleuze (1990), o cinema é dotado de potência suprema, o que “[...] parece ser a verdadeira vocação do cinema”.

[...] o filme e o espectador, circuito completo compreende, pois, o choque sensorial que nos leva das imagens ao pensamento consciente, e depois ao pensamento por figuras que nos leva às imagens e torna a nos causar um choque afetivo. O todo não deixa de ser aberto (espiral), mas é para interiorizar a seqüência. O conjunto forma um Saber, à maneira hegeliana, que reúne a imagem e o conceito como dois movimentos indo um em direção do outro (DELEUZE, 1990, p. 195).

Eu, enquanto professora-pesquisadora, abordei o cinema como uma fonte histórica e assim o assumo como verdadeiro argumento para que o filme seja respeitado como um documento, desde que corresponda a um resquício de um episódio que tenha vivência no passado, seja ele próximo ou distante. No entanto, isso não seria satisfatório para que um filme se reverta em um documento para a averiguação historiográfica.

É importante ressaltar que a escola trabalha com o saber sistematizado e, por meio deste, pode elevar o conhecimento dos indivíduos a um patamar superior, ou seja, a escola

pode instrumentalizar os alunos para que possam compreender e interpretar o mundo, suas mudanças, assim como a expansão das tecnologias midiáticas na Educação.

Para Napolitano (2004), é possível dizer que trabalhar com o cinema na forma de recurso didático pedagógico propicia à escola e/ou à sala de aula o reencontro com a cultura cotidiana, concentrando a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais abrangentes, presentes numa só obra de arte.

A abordagem epistemológica que faço examina a questão da história enquanto ciência e o cinema como fonte documental da história. Busco em Nóvoa (2008) sua percepção quanto à imagem cinematográfica como objeto de pesquisa. Dessa forma, o campo do audiovisual passa necessariamente pela competência do pesquisador no sentido de articular a leitura das imagens simultaneamente com a estrutura do caminho percorrido e/ou a percorrer do estudo que vê no cinema expressão artística capaz de registrar aspectos históricos que antecederam as atividades humanas em uma sociedade a qual pertence. Assim, a luta por uma definição do cinema como arte específica deve considerar o contexto social e cultura em que ela teria sido produzida, a partir da relação entre história e cinema (fonte documental), tendo em vista a complexidade que o constitui. Conforme Nóvoa (2008, p. 15):

Cinema-história sempre foi, assim, uma relação complexa que poderia se apreendida como objeto e como problemática. Cinema e história é uma coisa semelhante e distinta de cinema-história. Cinema-história cria uma relação complexa que qualifica outro ponto dialético que não aquele do historiador que quer estudar o cinema como obra de arte (ou como sistema complexo de produção – a economia do cinema – a evolução de sua técnica, por exemplo) ou do cineasta que quer representar, e tratar os fenômenos histórico-sociais [...].

Para o autor, a história vista como ciência pode ser entendida a partir de novas configurações, que admitem estudos com uma visão epistemológica cartesiana e com uma visão complexa, com uma perspectiva puramente racionalista, algo que a tradição filosófica ocidental teria sustentado de forma equivocada, sobretudo ao afirmar que a emoção se apresenta como inimiga da razão.

Nóvoa (2008) ressalta que o cinema possui aspecto importante que diz respeito à cinematografia como uma disseminadora de ideias, conferindo aos filmes a possibilidade da história e da sociedade utilizá-lo. Em seguida, “é preciso examinar a fundo o cinema como veículo de ideologias formadoras das grandes massas da população e que pode ser utilizado, com plena consciência de causa, como meio de propaganda” (NÓVOA, 2008, p. 25). A importância que esse autor coloca sobre o cinema, fez-se perceber que ele está atendo à

história e que, a partir das imagens captadas pela câmera, representa o cotidiano no qual se contextualiza. Sobre isso, concordo com o autor quando ele afirma que é fundamental associarmos o produto cinematográfico ao mundo que de fato o produz.

Tendo em vista as proposições de Nóvoa (2008), quero que meu estudo tenha a capacidade de afirmar que as imagens cinematográficas têm relevância para contribuir para a Educação, confirmando-as como um instrumento formador de consciências e opinião, portanto acredito nele, apesar das contradições, como importante instrumento educativo. Objetivo, com essa pesquisa, despertar nos sujeitos maior consciência histórica e cultural, utilizando o cinema como um elemento alternativo para a reflexão crítica da sociedade e sua história. Enfim, os filmes podem ser tratados como documentos possíveis para o estudo tanto da história, como da literatura, da pintura, da música, entre outras expressões artísticas.

Concluo este capítulo dizendo que o cinema é uma fonte possível para o estudo da história. O historiador francês Marc Ferro foi um dos precursores neste estudo, com sua obra *Cinema e história*, publicada em 1992. Nessa obra, o autor busca descrever as prováveis relações que podem ser constituídas entre o cinema e a história. O historiador, quando faz a apreciação das probabilidades do fazer história no contexto cinema, apropria-se da linguagem da produção, das perspectivas da obra, e ainda, dos elementos que a compõem, que podem ser elementos de um fenômeno transformador e de reencantamento para a educação.

4 FLUXO DA PESQUISA

4.1 Desenhando o caminho escolhido

Neste capítulo, vou relatar como aconteceu a pesquisa na práxis, com característica qualitativa, sustentada teoricamente pelo Paradigma da Complexidade, o qual propõe trabalhar com os aspectos subjetivos como uma dimensão inseparável do processo cognitivo. Nesse sentido, optei por investigar, com foco na inseparabilidade entre corpo e mente, sujeito e objeto, do mesmo modo que não se separam razão e emoção, próprias da Biologia do Conhecer, que sustenta este trabalho.

Para que a pesquisa não fugisse do seu curso, elegi alguns marcadores para a pesquisa. Eles serão instrumentos de observação, interpretação e acompanhamento dos elementos recursivos existentes no processo, que se expressa como potencializador frente à constituição cognitiva e subjetiva. Tendo em vista as conexões com os pressupostos teóricos da complexidade, empreguei marcadores como: a Complexificação pelo Ruído, o acoplamento tecnológico, a metacognição e a *Autopoiesis*. As percepções obtidas por meio dos processos empíricos desenvolvidos a partir de dois filmes (como fonte histórica), busco elementos que venham mostrar por intermédio das autonarrativas, como os educandos perceberam o processo cognitivo/subjetivo. Consta também a minha própria autonarrativa, que só se materializou a partir do Diário de Bordo e das autonarrativas dos jovens estudantes.

O caminho percorrido foi constituído pautado nas perturbações e nas emergências que foram emergindo ao longo do processo, no qual a perspectiva da produção do conhecimento é inseparável dos processos de viver, conhecer e produzir.

Trago aqui a práxis construída e organizada em rodas de conversas em conjunto com os educandos estratégias para a utilização do cinema (filme na sala de aula) como uma estratégia didática, ou seja, como fonte histórica. Pude perceber a atual situação quanto ao uso de filmes, na sala de aula, fato que sempre me incomodou quanto à utilização vazia, sem estrutura didática, um simples instrumento ilustrativo. O meu estudo trouxe para discussão essa tradição negativa do antigo modelo quanto à exibição de filmes na escola. Neste sentido, convidei um grupo de jovens estudantes para, juntos, enfrentarmos esse desafio, reunindo elementos que justificassem o potencial educativo da sétima arte em espaço escolar como constituidora do processo cognitivo-subjetivo.

Este estudo, como já foi mencionado, agrega o cinema como fonte histórica ao resgate da ação humana, das emoções e o papel da arte para construirmos um encantamento e/ou reencantamento pelo processo ensino-aprendizagem a partir da autonomia enquanto autoria, pois a lógica que subjaz a tudo isso é a do devir e da ação enquanto produção, pressupostos do Paradigma da Complexidade.

Acredito que o diferencial desta investigação está na abordagem complexa no processo educacional, em que ações foram ancoradas na realidade explícita no espaço de experiência percebida através do como, indicando o saber e o fazer. Dessa forma, um saber que emerge do fazer tem como base a constituição do conhecimento e da atenção que desenha o caminho perceptivo através do processo em curso. Esse formato no campo de ação, nas práxis, é estabelecido pelo método desta investigação, não com a pretensão de explicar o que já estaria dado como realidade preexistente, mas de se pautar pelo pressuposto de que conhecer é criar realidades.

A tessitura dos movimentos de orientação para a realização da pesquisa foi construída pelo grupo de educandos sujeitos em conjunto e com a minha orientação como professora-pesquisadora no fluxo da pesquisa. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, conforme as perturbações iam surgindo, o próprio fluxo determinava como a investigação se encaminharia. Na verdade, as emergências definiam as ações de acordo com a prioridade que se estabelecia no fluxo do estudo e com o modo como interveríamos – assim, a pesquisa foi sendo construída.

As sessões de cinema foram aconteceram em espaço tradicional, na sala de aula, a partir da disciplina de História. O desenvolvimento foi constantemente articulado entre os educandos sujeitos da pesquisa e a educadora pesquisadora, valorando as vivências, os gostos, as experiências, de forma individual e/ou coletiva da construção de conhecimento auto-organizativo, portanto, *Autopoiético*.

A execução da pesquisa aconteceu durante dois meses (setembro e outubro de 2015) com a previsão de se trabalhar um filme por mês. Os dois filmes foram selecionados pelo grupo de sujeitos sob a minha orientação para posterior exibição à execução dos procedimentos empíricos. Essas ações aconteceram mediadas por mim e com a participação efetiva de todos os estudantes. Eu atuei de forma conjunta com os educandos e, muitas vezes, senti-me muito envolvida no fluxo do processo, ora intervindo como sujeito, ora como observadora, tamanha era a minha implicação nos procedimentos empíricos. Vale dizer que a emoção tomou conta de mim, pois, a cada encontro, eu percebia a transformação não só do

grupo de estudantes, mas também minha própria, em uma metamorfose, o que se transformava em realização e felicidade.

Espero que, de alguma forma, esta pesquisa contribua para a educação quanto à forma de construir conhecimento, no qual educandos e educadores sejam capazes de perceber que o conhecimento que buscamos nas escolas pode e deve ter a participação efetiva dos educandos núcleo do processo educacional e, ainda, estar em consonância com a arte em suas diferentes dimensões.

4.2 Estratégias de criação do percurso

O cinema, ou seja, a exibição de filmes na sala de aula, a inclusão do cinema no tempo e espaço da escola, ganha suporte legal da lei 13006/14⁴, e o estudo que se utiliza do cinema, exibido no espaço escolar um elemento cultural, artístico e educativo uma ação possível a implementar o processo ensino-aprendizagem. Para realização da pesquisa, contei com a colaboração de 15 jovens educandos com idade entre 12 e 14 anos, pertencentes a duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, do ensino regular na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, situada na Rua João Olinto Réquia, s/nº, Vila Rossato, Bairro Km3, na região leste de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul.

Para participação dos educandos na pesquisa, foi solicitada autorização dos pais e ou representante legal, conforme o modelo do documento disponibilizado pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Neste documento, foi esclarecida a proposta para realização das atividades que reuniria cinema, aulas de História e produção de conhecimento. O esclarecimento e o comentário referentes à pesquisa iniciaram em horário regular, no turno da manhã, nas aulas destinadas à disciplina de História, primeiramente selecionamos o tema e o período histórico sobre os quais realizaríamos o estudo. A sala de multimídias foi utilizada para atividades de pesquisa, exibição do filme e produção das autonarrativas; esta última fase das atividades seria realizada no contra turno, um encontro de

⁴ LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014.

Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

“§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (NR).

Presidenta Dilma Rousseff

três horas a cada semana. A participação se faria por adesão, mediante autorização do responsável legal.

O processo de construção de conhecimento utilizou a sala de aula como um espaço de transformação. A pesquisa se desenvolveu no tempo e espaço da escola na práxis frente à realidade na qual nos depararíamos ao cirandar do tradicional para o complexo, da curiosidade para as incertezas, da ousadia para a ponderação, foi no grande grupo que se optou pela tomada de decisão partindo das rodas de conversa. O direcionamento do estudo foi construído a partir do debate entre os sujeitos. Nesse sentido, todas as ações partiam do diálogo, sinalizando um processo que se constituía no fluxo das atuações, que só previam o próximo passo e não o caminho como um todo. Nas palavras do poeta espanhol Antônio Machado: “caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar” (1875-1939).

Entendo que, ao optar por uma viagem sem uma rota predeterminada, muitas seriam as incertezas que essa escolha acarretaria, mas também entendo que as transformações aconteceriam independentemente da forma e do momento que efetivamente as mudanças se revelariam em mim e nesse grupo de educandos envolvidos na pesquisa. Nas palavras sábias de, Heráclito tenho essa confirmação: “Nenhuma pessoa se banha duas vezes no mesmo rio” (FRAGMENTO 101).

Os filmes *Caramuru: a invenção do Brasil* e *A missão* fizeram parte da constituição do processo cognitivo. O desenrolar do estudo foi sendo efetivado pela proposta da não utilização de um padrão para sua execução, de modo que, em nenhum dos momentos da investigação, eu percebi ações repetitivas, o inusitado sempre esteve presente ao longo do processo que se construía.

As atividades de estudo e pesquisa realizadas iniciariam com a seleção e discussão de temas históricos e obras cinematográficas que foram exibidas na sala de aula. Todas as ações ocorreram sob a minha efetiva observação. O Diário de Bordo foi um instrumento que me proporcionou um movimento de regresso à atividade, enriquecendo minha reflexão sobre as ações com o cinema e sobre como elas poderiam possibilitar aos jovens educandos alcançarem a cognição.

As atuações que ocasionaram a geração dos dados de pesquisa emergiriam a partir das sessões de cinema, constituídas de elementos complexos capazes de compor o processo cognitivo e subjetivo. Os educandos atuaram como autores, tendo a liberdade de escolherem a linguagem com a qual iriam concretizar a produção de conhecimento, a autonarrativa.

Relacionando a importância da linguagem cinematográfica apresentada no quadro teórico com o fluxo empírico da pesquisa, tudo se constituiu em linguagem, uma vez que “[...] os sistemas sociais exigem componentes acoplados estruturalmente em domínios linguísticos, nos quais os componentes possam operar com a linguagem do observador” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 221).

O cinema comporta três linguagens, verbal, sonora e visual, as quais, conjugadas, permitem despertar no espectador a possibilidade de viajar por outros tempos, lugares e realidades, oportunizando uma viagem através da imaginação. Nesse processo, somei esforços com a tecnologia digital, a internet e as redes sociais, e suas linguagens adicionadas ao formato tradicional do processo cognitivo, com a finalidade de ampliar para além dos muros da escola o processo de construção do conhecimento.

Destaco que eu estive constantemente implicada na prática educativa presente nas diferentes formas de interações entre a cultura, a arte e o cinema. A partir dessa perspectiva, o Paradigma da Complexidade determina não ser possível separar as diferentes dimensões da realidade e de saberes. Assim sendo, a busca por aproximação com as tecnologias proporcionou a mim e aos alunos o acesso rápido à informação e aos diferentes saberes, realidades e suas complexidades que me justapõem da Complexificação pelo Ruído que leva a mim e aos educandos ao acesso à cognição.

O meu desafio está em recorrer aos princípios cibernéticos sem separar a realidade interna da externa ao trabalhar com o pensar sobre o pensar, o aprender como aprendemos e, principalmente, o conhecer como conhecemos. Só pude ter essa percepção por estar efetivamente implicada no processo de cognição. Percebi o acoplamento das estruturas (homem máquina) ao me deparar com jovens estudantes dispostos a se envolverem com a minha proposta educativa, na qual os componentes envolvidos se conectam entre si sem ter que mudar a sua organização, mas a transformando na essência, uma vez que os componentes levam-nos a alçarem à auto-organização.

Para que ocorra efetivamente o movimento auto-organizativo dos sistemas autônomos, eles precisam recorrer a recursos do meio ao qual pertencem. Logo, os sistemas em processo de acoplamento são, ao mesmo tempo, autônomos e dependentes. Trata-se, de um paradoxo proporcionado por meio do pensamento complexo, o qual tem como base os caminhos não lineares, realidade posta pela sociedade do século XXI, que anseia por velocidade máxima de conexões e comunicação, tendo no acoplamento estrutural e tecnológico uma ponte para atingir a cognição subjetiva. Em vista disso, a auto-organização leva à *autopoiesis*, sinônimo

de autonomia; logo, o procedimento autoral é uma característica que está presente em nossa sociedade independentemente da forma que se apresente.

As experiências vividas foram abordadas a partir dos marcadores teóricos: Complexificação pelo Ruído, acoplamento tecnológico, metacognição, auto-organização e *autopoiesis*. A perturbação desencadeada pelo ruído leva a emergências que fluíram em contato com as múltiplas linguagens ofertadas pela sétima arte e retratadas nas autonarrativas. Esses marcadores me ajudaram a constituir a estrutura do processo investigativo que agregou o cinema, a sala de aula e a disciplina de História.

As autonarrativas produzidas por cada um dos educandos tiveram, no seu formato singular, o poder de revelar como cada um, como personagem principal da sua própria história, sentiu, percebeu e entendeu o processo. Aqui os jovens estudantes se auto-organizam, visto que, a seu modo, criaram ordem e sentido ao conjunto das suas experiências. Por meio dessa auto-organização, os indivíduos organizam-se no seu envolvimento com o mundo. Uma nova forma de atuação se estabeleceu: uma produção de conhecimento que prioriza a assinatura dos educandos como protagonistas e não como meros espectadores do processo cognitivo/subjetivo. A forma como cada um dos educandos processa, interpreta, atribui significados e organiza teoricamente o processo auto-organizativo é única, autônoma e completa.

As diferentes linguagens utilizadas na produção das autonarrativas me permitiram perceber significados em cada uma das experiências. Ao narrar sobre nós mesmos, reinventamo-nos, assim como os educandos, ao escrever, falar, filmar, sobre o processo cognitivo-subjetivo, foi se decifrando e o processo criativo se revelou em suas autonarrativas. Esse elemento se traduz em resultado concreto da autoria singular dos educandos, de como eles potencializam a construção do conhecimento e da subjetivação de forma intrínseca. O processo de construção do conhecimento complexo é potencialmente transformador.

Assim como a produção do cinema, constituído de todo um aparato que o constitui, esta pesquisa também foi articulada por um plano no qual cada um dos sujeitos de pesquisa se constituiu enquanto sujeito que aprende, mas também ensina; em que a metodologia utilizada foi a cartografia, e o objetivo, a questão de pesquisa, e a perspectiva do estudo estão na produção das autonarrativas. Portanto, as autonarrativas, elemento conclusivo constituído do inusitado olhar dos jovens educandos quanto à utilização do cinema no processo de reencantamento no processo ensino-aprendizagem com foco na cognição e na subjetivação.

Aponto a autonarrativa, um instrumento constituinte do humano, como uma ação que possibilita pensar sobre narrar a si mesmo.

O espaço midiático favoreceu retornar à narrativa, num movimento de retomada, inovando o caminho, fazendo-o diferente, pois, se há repetição do movimento recursivo, não se pode dizer o mesmo com relação ao caminho. O trajeto percorrido é irreversível, pois o tempo e o contexto não podem ser revertidos e, se o caminho, de algum modo, mostra-se diferente, é essa diferença que acaba por abrir novas possibilidades de retificar o autonarrar.

As autonarrativas dos educandos forneceram subsídios para compor a minha autonarrativa, desvendando o meu ponto de vista enquanto educadora pesquisadora, ou seja, desvendando a busca por elementos que subsidiassem o encantamento ou o reencantamento do processo educacional. Percebe-se aí que a aprendizagem complexa se constitui a partir do ruído – no caso, o cinema –, uma vez que o sujeito que sofre perturbação se desacomoda ao buscar se organizar e aprende respondendo às perturbações do ambiente.

4.3 Momentos de produção e transformação

“Tudo o que não invento é falso”.
Manoel de Barros

De acordo com a metodologia proposta para esta pesquisa, que não se constituiu em um projeto previamente estruturado, os elementos de produção foram se constituindo por “encontros”, que, por sua vez, subdividiram-se em “momentos”.

A pesquisa, ao trabalhar com cada filme selecionado para a investigação, a qual não teve desenvolvimento linear e visou esclarecer o propósito e não a estrutura da investigação de forma clara, buscando subsídios para esclarecer como o cinema apresenta elementos que contribuem para a constituição do processo ensino-aprendizagem, estruturado na perspectiva da Complexidade. A produção, ou seja, a autoprodução, própria do sistema *autopoiético*, para Maturana (1974, p. 209), traduz o que ele chamou de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”, permitindo inferir que esse sistema é, ao mesmo tempo, produtor e produtor.

No decorrer dos encontros, todas as ações foram realizadas pelo grupo de educandos e pela educadora pesquisadora. Após a conclusão das atividades no sétimo encontro, minha atuação passou a ser solitária, em um encontro comigo mesma, com as autonarrativas dos jovens estudantes, com o Diário de Bordo da pesquisa, com minhas memórias, sensações, e

emoção, pois este momento de intensa transformação e auto-organização me fez embarcar em um processo *autopoiético*, e a composição da minha autonarrativa aconteceu.

Para que eu atingisse um nível de subjetivação frente à riqueza do material produzido pelos sujeitos do processo, realizei a apreciação das produções dos educandos a fim de perceber se a aconteceu ou não, em suas reflexões, a produção de conhecimento subjetivo, portanto, *autopoiético*.

Todo o processo de pesquisa aconteceu ao longo de encontros que descrevo a partir de agora, incluindo ações compostas de limites e possibilitadas. Em outras palavras, o processo foi se estruturando no decorrer da pesquisa envolvendo os filmes *Caramuru: a invenção do Brasil* e *A Missão*.

4.4 A práxis: transformações cognitivas subjetivas

Neste item, a práxis, faço uma descrição não linear, mas sequencial, pois apenas fui relatando no Diário de Bordo o que ia acontecendo. A cada momento aconteciam ações numa sequência que foi sendo definida no fluxo do estudo, com o foco no cinema e nas transformações decorrentes da sua exibição que se deram no processo cognitivo subjetivo dos alunos.

A prática da pesquisa foi desenvolvida no período de setembro e outubro 2015. O estudo contou com a participação de 18 educandos do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, da cidade de Santa Maria/RS.

Todos os momentos da pesquisa foram registrados por meio da utilização do Diário de Bordo, com apontamentos detalhados e precisos dos fatos, das ações, das descobertas e das indagações surgidas ao longo do processo. O diário fez parte do processo de construção do conhecimento que utiliza a exibição de filmes na sala de aula na disciplina de História com educandos de duas turmas das séries finais do Ensino Fundamental.

Todas as ações posteriores à seleção do tema de estudo foram elaboradas no decorrer do processo e destacam a autonomia do trabalho do grupo, evitando as imposições do padrão de ensino tradicional. Nesse sentido, trabalhei com as informações trazidas pelos educandos sob a minha orientação enquanto professora pesquisadora.

O Diário de Bordo tem como objetivo registrar os momentos da pesquisa, ou seja, o trabalho didático-pedagógico, que não se restringem a simples descrições de acontecimentos

da sala de aula, mas inclui-o acompanhamento, a avaliação e a crítica-reflexiva da prática pedagógica desenvolvida nesta pesquisa.

O primeiro encontro (figura 1), ocorreu no período da aula de História com a professora Cristina, ai foi quando realizei a apresentação da proposta de pesquisa expondo o tema, seu objetivo e a metodologia. Fiz o convite a todos os educandos para participarem da realização da pesquisa. Foi um momento muito interessante, no qual os estudantes fizeram perguntas, questionamentos e sugestões. Esse momento foi o primeiro passo e juntos concluímos que as ações partiriam das rodas de conversas. Utilizei essa dinâmica ao longo de todo o processo de investigação.

O foco do estudo foi verificar se a utilização de filmes nas aulas de História alcançou o objetivo de ser agir como constituidor do processo ensino-aprendizagem, na intenção de que o educando venha a ser autor deste processo e não um mero espectador.

Na práxis, a primeira ação foi lançar uma pergunta ao grupo de educandos com o seguinte questionamento: o que você pensa sobre a exibição de filmes na sala de aula? Muitas foram às respostas, negativas, positivas, entusiasmadas, algumas surpreendentes. A partir dessas respostas, começamos a nossa caminhada.

Ficou estabelecido que toda e qualquer tomada de decisão seria discutida com o grupo em forma de roda de conversas. Eu atuei como mediadora das discussões e me propus a acompanhar a cada um dos educandos ao longo do processo para ajudá-los em qualquer tipo de dificuldade, ajudando-os em caso de dúvidas e ouvindo suas sugestões e contribuições.

Esclareci ao grupo de educandos que a participação deles na pesquisa necessitava da autorização⁵ dos seus pais e/ou responsáveis legais. Todos que quiseram, levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aprovação.

⁵ Cópia da Autorização Anexo nº 01

Figura 1 – Apresentação do projeto na Aula da professora Maria Cristina Rigão Iop.



Fonte: Acervo da autora.

No segundo momento do primeiro encontro (figura 2) o educando “A” propôs: “Profe, podemos fazer um círculo como nós fazíamos nas suas aulas de História no ano passado”. Respondi a ele que, se a maioria dos colegas concordassem, poderíamos fazer um círculo, pois assim nós todos poderíamos dialogar olhando uns para os outros. O jovem continuou: “É bem melhor olhar os colegas de frente”. Nessa fala do Educando “A”, dá para perceber que a formação do círculo, da roda de conversa, é um instrumento que possibilita organizar, produzir e implementar o processo em ação.

Destaco que a roda de discussão, o diálogo desde o primeiro instante, foi um elemento que conduziu o estudo, transformando um espaço de formação educacional tradicional em um espaço de troca de experiências, de compartilhamento de sensações. O diálogo é um instrumento capaz de forjar opiniões, portanto, percebi que a roda de conversa seria uma aliada, uma forma prazerosa de troca e de participação coletiva para produzir dados ricos em conteúdo e significados. Muitos eram os questionamentos, alguns alunos se manifestavam dizendo que gostavam da proposta, outros não sabiam e outros, ainda, falaram que não tinham interesse. Foi nesse momento que eu resolvi fazer duas perguntas aos jovens educandos: “Quem gosta de cinema?” e “Vocês gostariam de escolher o que estudar?” Essas questões foram fundamentais para que eu percebesse o interesse dos educandos com relação à pesquisa e suas respectivas respostas. Evidencio duas respostas entre muitas. Com relação à primeira pergunta, destaco a resposta do Educando “B”: “Eu adoro assistir filme. Assim, a gente não precisa assistir aula”. Já o Educando “E” respondeu: “Eu gosto de assistir filme, mas não na escola”. Para a segunda pergunta, o Educando “C” respondeu: “Sim, mas acho que não daria

muito certo, por que a maioria dos professores, eles são legais com a gente, por que nós, tu sabe né, profe, a gente faz o que elas mandam e tudo dá certo, e não se preocupam, nem perguntam o que nós queremos aprender... É só fazer o que pedem, mandam, né, e todos ficam em paz, # fica a dica”.

O Educando “D” complementou: “Daí a gente aprende o que eles querem e fica tudo bem, né, só que não, muitas vezes saímos daqui sem aprender, sem entender”. Essas respostas trazem em si, de forma muito clara, o processo de complexificação.

Figura 2 – Roda de conversas sugeridas pelo educando “A”.



Fonte: Acervo da autora.

No terceiro momento do primeiro encontro, houve a necessidade de fazermos o primeiro ajuste para melhorar nossa comunicação. Ficou decidido que as nossas tomadas de decisões aconteceriam sempre a partir das rodas de conversas, pois, para eles, os encontros e o tempo para discussão ficavam distantes, pois o contato entre o grupo e a pesquisadora se restringia inicialmente aos acontecimentos na sala de aula e estendia-se para os corredores da escola. Surgiu, então, a sugestão do Educando “D” de criar o grupo no *Facebook* (figura 3)– aqui se tem a presente o princípio da ordem pelo ruído. “Na sala de informática eu, “A” e meu colega “F” criamos o grupo secreto no *Facebook*, depois os colegas recebem o convite e, depois de aceitar o convite, tão dentro” (Educando “D”). O “F” complementou a fala do colega: “Esse grupo é para que a gente permaneça conectados fora do período da escola”. O comentário teve o tom de apoio positivo. O contato se estenderia ao longo dos dias e da semana até aguardarmos o próximo encontro. O Educando “A” disse: “Profe Adriana, acho que todos nós temos conta no *Face*. Quem não tem, a gente faz”. Percebi, no teor das falas,

que esse contato via rede social já estava acontecendo. Aqui o acoplamento tecnológico é nítido, pois os educandos, quando sugerem e argumentam sobre o quão importante é a criação do grupo na rede social *Facebook*, permitem identificar mais um dos marcadores da pesquisa.

Concordei com a sugestão dos estudantes, mas, antes de autorizar a sua criação, verifiquei se todos os participantes possuíam autorização de exposição da imagem nos meios de comunicação em geral e na internet, documento produzido pela escola e assinado pelo responsável legal no ato da matrícula para que esse meio de comunicação fosse utilizado na pesquisa. Ficou estabelecido que tivéssemos um horário preestabelecido para esse contato via rede social acontecesse.

No segundo encontro, já na sala de informática, durante o período destinado à disciplina de História, foi criado o grupo secreto na rede social *Facebook* (figura 4), pelos jovens estudantes. Na sequência, incluíram-se os seus componentes. Nesse momento, iniciaram as postagens, os comentários e as curtidas.

O Educando “D” sugeriu, ainda, que usássemos o *Facebook* para postar nossos trabalhos: “Profe, o *Face* vai ajudar a gente a entrar em contato com a senhora quando não está aqui na escola”. Coloquei a sugestão em votação e o grupo todo aceitou. Essa decisão pôde ser tomada pelo grupo, porque os educandos da escola em questão têm um documento onde os pais e ou responsáveis autorizam o uso da imagem, dos textos e dos vídeos na internet e nas redes sociais. Esse documento que é assinado no ato da matrícula por seus responsáveis legais, logo a autorização para esse fim já existe na pasta individual dos educandos arquivado na secretaria.

Figura 3 – Foto criação do grupo secreto no *facebook* sugerida pelo educando “D” e “F”.



Fonte: Acervo da autora.

Na sugestão do Educando “D” de criar o grupo no *Facebook*, identifiquei presença do princípio da ordem pelo ruído. “Na sala de informática eu e meu colega “F” criamos o grupo secreto e depois os colegas fazem a adesão”, “Profe eu só posso ir no *face* sexta, sábado e domingo, o que eu faço agora? ” Eu respondi que iríamos conversar com seus pais e ver a possibilidade de acessar em dia e hora previstos com antecedência. Na sequência, pedi que educandos que fizessem adesão ao grupo recém-criado no *Facebook* (figura5).

Figura 4 – *Print* da página do *facebook*.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Orientei aos jovens estudantes que não tinham conta na rede social que deveriam primeiro fazer um e-mail, depois a conta no *Facebook*. Um dos educandos relatou após concluir a atividade: “Eu tive algumas dificuldades nesta atividade, mas eu só consegui com a ajuda da profe e dos colegas (figura 6). Agora eu tenho o *face*, foi *power*” (Educando “L”). Aqui o educando descreve como ocorreu a reconfiguração, o caminho que eles percorreram, esse processo em que houve superação. A dificuldade apontada pelo estudante quando realizou a execução da atividade, foi o fator que causou a complexificação do estudante.

Os questionamentos, as dúvidas e as sugestões dos educandos poderiam ser respondidos via *Facebook*⁶.

Figura 5 – Os educandos fazendo adesão ao grupo do facebook.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 – dois colegas ajudando o aluno que não tinha *face* a abrir uma conta e posteriormente fazer adesão ao grupo do *facebook*.



Fonte: Acervo da autora.

⁶Anexo I- Lista de perguntas por escrito em papel via grupo no *facebook*

No terceiro encontro propus que os estudantes buscassem sustentação teórica a partir da pesquisa dos temas selecionados para o estudo. Houve um momento tenso, a discussão se inflamou, pois muitas eram as opiniões com relação ao critério que usaríamos de escolha e seleção dos filmes. O critério para escolha do filme foi que ele tivesse de alguma forma relação com algum conteúdo já estudado. O tema pré-escolhido foi História do Brasil. Após, sugeri que fizessem uma pesquisa sobre filmes que pudessem contribuir com uma abordagem de conteúdo já desenvolvido pela professora titular da disciplina de História. A pesquisa deveria ter pelo menos duas indicações de filmes e a justificativa da escolha da obra selecionada, assim como a opinião sobre o filme pesquisado.

As pesquisas (figura 7) foram realizadas na sala de multimídia. Partindo do tema discutido em aula, eles deveriam realizar uma pesquisa sobre o referido assunto. Esse momento de realizar a pesquisa ocorreu em duas etapas: a parte teórica do tema histórico, e a pesquisa de filmes que, de algum modo, viessem a contribuir como fonte histórica.

Os educandos utilizaram a internet para realizar essa etapa do estudo. Cada filme selecionado deveria estar conectado de alguma forma com o tema de pesquisa – História do Brasil: colônia e império. Quanto mais conectado estivesse o aluno ao tema histórico a ser estudado, mais fácil seria o processo cognitivo subjetivo.

Figura 7 – Na sala de informática, momento da pesquisa na internet.



Fonte: Acervo da autora.

Ainda na sala de informática, ocorreu a seleção dos títulos dos filmes que mais tarde os levariam a uma pesquisa mais aprofundada. Cada filme selecionado foi enviado para mim, que organizei juntamente com duas estudantes a apresentação para o grupo, de modo a sustentar, por meio de argumentos, a sua escolha da obra apresentada.

Na sequência, ocorreu, por parte da professora pesquisadora, a apresentação dos filmes mais citados pelo grupo de educandos, suas justificativas e comentários em formato de *Power Point* (figura 8). A seleção do filme a ser assistido ocorreu de forma democrática, prevalecendo à opinião da maioria. O critério para a escolha foi que o tema do filme estivesse intimamente relacionado com o primeiro momento em que definimos o tema a ser estudado. Esse momento foi importantíssimo, pois os educandos efetivamente deram início à atuação de protagonistas. A seleção dos filmes de aventuras históricas foi realizada de forma democrática, de modo que todos os envolvidos participaram e o filme que obteve a preferência da maioria foi exibido.

Figura 8 – *Print* da apresentação em PPT com a sinopse dos filmes sugeridos para a pesquisa.



Fonte: Acervo da autora.

Na apresentação em *Power Point* das sinopses dos filmes selecionados pelos educandos, a montagem foi realizada pelos educandos sob minha orientação e foi apresentada pelos Educandos “J” e “H” (figura 10) e por mim (figura 9).

Figura 9 – Apresentação pela professora pesquisadora da sinopse de todos os filmes selecionados pelos educandos.



Fonte: Acervo da autora

Figura 10 – Apresentação PPT na sala de informática, pelos educandos “J” e “H”.



Fonte: Acervo da autora.

Logo em seguida, realizamos uma roda de conversas (figura11), sobre os filmes pesquisados e a apresentação do *Power Point*. Os filmes que obtiveram a preferência da maioria para efetivamente fazer parte da pesquisa foram: *Caramuru: a invenção do Brasil* e *A Missão*.

Figura 11 – Votação para escolha dos filmes que fariam parte da pesquisa.



Fonte: Acervo da autora.

O quarto encontro foi destinada à pesquisa (figuras 30, 25, 26) um estudo mais profundo, na qual seriam analisada a ficha técnica, a sinopse, o contexto histórico, a crítica, as curiosidades e os comentários, fossem eles positivos ou negativos, a fim de auxiliar na leitura do filme. Após foi realizado mais uma roda de conversas (figura 15).

Figura 12 – Momento de pesquisa na sala de informática.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13 – Orientação da professora com relação pesquisa na sala de informática.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 – Pesquisa utilizando o celular.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 15 – Realizamos uma roda de conversas no pátio da escola a pós a pesquisa sobre o filme pesquisado: CARAMURU – A Invenção do Brasil.



Fonte: Acervo da autora.

4.4.1 Primeiro Filme Exibido – *CARAMURU: A Invenção do Brasil*

No quinto encontro, foi criada a atmosfera da sala de cinema em ambiente escolar, tendo em vista proporcionar um evento cultural, social e educativo. Criou-se uma atmosfera em torno do tema gerados desta pesquisa. A sessão de cinema propriamente dita foi organizada transformando o espaço para exibição do filme, adaptando-se a sala de aula de informática para que se tornasse um lugar adequado para a exibição: as janelas foram protegidas com cortinas blecaute, as poltronas de PVC receberam almofadas, a fim de torná-las mais confortáveis, a tela foi adaptada, utilizamos a parede na cor branca para projeção, o *Datashow* foi conectado ao computador e o *home theater* nos forneceu uma qualidade rasurável de som. Ocorreu, então, a sessão de exibição do filme, sem interrupções, com pipoca, suco e refrigerante.

Figura 16 – Sessão de cinema do filme Caramuru.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 17 – Apresentação na sala de informática – filme Caramuru.



Fonte: Acervo da autora.

Após o término da exibição do filme, imediatamente nos organizamos em uma roda de conversas (figura 24), espaço para o diálogo descontraído. Esse momento de discussão proporcionou a cada expectador fazer seus comentários, suas críticas, esclarecer dúvidas e fazer sugestões.

Nesse espaço de diálogo, os educandos estavam passíveis as transformações que emergiram frente ao cinema, elemento ruidoso, provocador de intercâmbios no processo *autopoiético*, cognitivo e subjetivo. Disse o Educando “J”:

“Profê, esse jeito da gente aprender que mistura a matéria da aula e o filme eu gostei, mas o que eu mais gostei foi de poder escolher o que nós íamos aprender [...] só não gostei muito da parte que a gente tinha que dizer o que tinha entendido, eu não gosto muito de falar, mas adorei...”

Ao participarem da troca de opiniões, o diálogo que se estabeleceu era passível de transformações, as quais possivelmente ocorreram no fluxo do processo que iniciou na sala de aula, passou pela sala de informática e pela sessão de cinema e se estendeu pela rede social *Facebook*. Os educandos, ao compartilharem com seus colegas as suas percepções, estavam certamente provocando o intercâmbio de ideias que viriam a constituir o processo de aprendizagem *Autopoiético*.

Figura 18 – Roda de conversas, um bate-papo informal após o filme Caramuru.



Fonte: Acervo da autora.

O sexto encontro aconteceu na sala de aula (figura 15). Foi o momento em que eu fiz a relação entre o conteúdo do tema selecionado para a pesquisa (História do Brasil) e a narrativa do filme exibido. Essa correlação entre o conteúdo da disciplina de História e o tema desenvolvido pelo filme exibido visou esclarecer que o cinema não foi utilizado no sentido ilustrativo ou de entretenimento das atividades nas aulas de História; o filme foi um utilizado como um elemento complexo.

A sala de aula é um lugar transformador sob a perspectiva do educando frente à excelência da sétima arte, logo o filme também atua como um elemento constituidor de aprendizagem complexa. Portanto, as imagens, os sons, os movimentos contidos na narrativa cinematográfica me fizeram perceber como os procedimentos, a partir desses elementos, conduziram os educandos à auto-organização, viabilizando a criação autônoma de autoria singular, sem desvincular a sala de aula do ambiente coletivo.

Figura 19 – Roda de conversas.



Fonte: Acervo da autora.

A partir da sessão de cinema, da roda de conversas e da aula expositiva em que a professora pesquisadora fez a interconexão entre o tradicional e tecnológico, o complexo e o linear, o subjetivo e o objetivo, os estudantes puderam vivenciar uma atividade educativa que tinha como objetivo agregar estudo, pesquisa e exibição de filmes na sala de aula. Tudo isso serviu como fator desencadeante de discussões, debates e trabalhos pedagógicos. Certamente são elementos que contribuíram para o processo de criação das autonarrativas.

4.4.2 Segundo Filme Exibido – *A Missão*

Para trabalharmos com o segundo filme, algumas etapas foram desnecessárias. Logo, partimos para as atividades de pesquisa já realizadas no quarto encontro (para o filme *Caramuru*), em que os alunos deveriam estudar mais profundamente o contexto histórico e o resumo do filme, bem como ficha técnica, crítica, curiosidades, comentários, positivos e negativos, que auxiliaram no estudo da obra e na representação a que ele se propõe.

ANEXO 07 – Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos

7.1 Sinopse do filme *A Missão*

7.2 Resumo do filme *A Missão*

7.3 Contexto histórico do filme *A Missão*

O quinto encontro foi a sessão de cinema do filme *A Missão* (figura 16, 17), ocorrida na sala de mídias. O ambiente foi adaptado da mesma forma que para a exibição do filme *Caramuru*.

Figura 20 – Apresentação na sala de informática, filme *A Missão*.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 21 – Sessão de cinema propriamente dita filme *A Missão*.



Fonte: Acervo da autora.

Imediatamente após a exibição do filme *A Missão*, realizamos um momento de conversa informal (figura 18), descontraída, uma roda de conversas, um bate-papo. Esse momento

serviu para que cada expectador fizesse seus comentários, suas críticas, esclarecesse dúvidas e fizesse sugestões.

Figura 22 – Roda de conversas no pátio da escola para discutirmos a pesquisa do filme – A Missão



Fonte: Acervo da autora.

O sexto encontro aconteceu na sala de aula. Foi o momento de relacionar, por meio da aula expositiva, o filme e o conteúdo da disciplina de História.

Figura 23 – Atividades após a roda de conversas na sala de aula.



Fonte: Acervo da autora.

Esse momento foi subsequente à sessão de cinema ocorreu em uma aula expositiva, na qual procurei relacionar de forma conexa o conteúdo histórico e o filme enquanto documento histórico, ou seja, interrelacionar o tradicional e tecnológico, o linear e o complexo. Nesse contexto, os alunos se apoderaram de suas vivências para realizarem atividades que agregaram estudo, pesquisa e exibição de filmes na sala de aula. Tudo isso serviu como fator

desencadeante de discussões construtivas que contribuiram para o processo de criação do processo cognitivo/ subjetivo, resultando na elaboração da autonarrativa.

Figura 24 – Alunos trabalhando na edição das autonarrativas.



Fonte: Acervo da autora.

Este sétimo momento é de criação. O foco recaiu sobre o olhar do aluno em termos de afecções, transformações e implicações que o cinema, constituído de imagem, som, movimento, e que poderia gerar ou não cognição por meio de elementos ruidosos agindo como um canal de apoio na produção de significação do aluno/sujeito. Os alunos foram convidados a escrever suas autonarrativas ou a fazer um vídeo de si mesmos para expor sua opinião sobre a utilização do cinema como documento histórico, apresentando suas percepções acerca do cinema como um disparador de emergências (audiovisual).

A ação de escrever/filmar será investigada como um momento auto-organizativo no ato de produzir a autonarrativa, aqui apresentada como o vetor organizador do trabalho, na perspectiva autopoietica, ou seja, como um instrumento capaz de demonstrar, por meio da escrita, o ato de filmar do aluno/sujeito, o ato de tornar-se ou seja, de se autoconstituir, que é próprio do ser humano. A ação autônoma e singular de demonstrar seus entendimentos, sejam eles sensíveis ou inteligíveis, emotivos ou racionais, enfim o ato de escrever ou filmar sobre o que vê, é complexo e envolve a construção subjetiva /cognitiva na perspectiva do expectador, o aluno/sujeito.

Esse encontro foi o momento de edição da produção das autonarrativas. Alguns optaram por fazer escrito à mão, outros utilizaram o computador para escrever em um editor de texto e ainda outros escolheram fazer sua autonarrativa por meio de um *selfvideo*. Todas as linguagens certamente retrataram o significado que o cinema exibido em sala de aula teve para cada um dos educandos envolvidos na pesquisa.

Figura 25 – Alunos trabalhando na edição das autonarrativas.



Fonte: Acervo da autora.

O oitavo encontro foi um momento organizado novamente em uma roda de conversas (figura 20), foi um tempo de reflexão para avaliarmos juntos todo o processo, suas possibilidades e seus limites. Este momento de criação dos alunos é onde eles cirandam entre as certezas e as incertezas de construção, a auto-organização dos jovens estudantes no processo metacognitivo e autopoiético que se apresenta materializado pela ação produtiva.

Figura 26 – Roda de conversas, um bate-papo informal após o filme A Missão.



Fonte: Acervo da autora.

4.4.3 Eu Autor

Eu autor é um momento em que o processo de criação dos educandos , logo é o encontro consigo mesmo. O processo de construção do autonarrar ocorreu quando eles tiveram que permitir que suas percepções extravasassem de si para expor sua concepção sobre a utilização do cinema como fonte documental.

O processo de autoria é a ocasião em que cada um dos sujeitos deveria apontar como faria suas autonarrativas. Recomendei a eles que deixassem fluir, no momento da criação, suas percepções e sensações, não só frente à tela do cinema, mas no processo como um todo. Eu lhes disse que não desperdiçassem a oportunidade de expor seus sentimentos, suas dúvidas e seus limites, pois eu acredito que é frente às dificuldades que nós podemos nos transformar. Nessa conversa, verifiquei como os educandos se propunham a processar o fenômeno da criação das autonarrativas, que seriam apresentadas em três formatos de narrativas: à mão, com caneta e papel; no editor de texto do computador; e por meio de um vídeo de si mesmos (*selfvideo*) para expor sua opinião sobre o tema gerador da pesquisa, a utilização do cinema como fonte documental histórica na construção do conhecimento cognitivo/subjetivo.

O momento de escrever/filmar (figura propriamente dito será investigado como um momento auto-organizativo no ato de produzir a autonarrativa, aqui apresentada como o vetor organizador do trabalho, na perspectiva *autopoiética*, ou seja, como um instrumento capaz de demonstrar, por meio da produção escrita ou em formato de vídeo, o ato criativo do educando/sujeito em curso, o ato de tornar-se autor.

O processo de criação dos sujeitos (figuras 21, 22, 23, 24) é autônomo. A autoria do processo está aliada ao desenvolvimento do ato de criar e à recursividade, elemento que possibilita o próprio processo de autoconstituição, seja ele sensível ou inteligível, emotivo ou racional, simples ou elaborado. Enfim, o ato de construção do conhecimento de autoria singular teve em comum a perspectiva do expectador, no caso, o jovem estudante autor do seu próprio conhecimento complexo.

A ação autônoma e singular do ato de autonarrar de cada educando teve a capacidade de demonstrar seus entendimentos. A recursividade foi um subsídio que certamente potencializou as ações de cada educando e a sua capacidade de ser e conhecer na medida em que se tornaram mais autônomos, abertos e ligados aos fluxos da pesquisa, ou seja, ao ser e ao agir.

Figura 27 – Na sala de informática edição do texto digital em editor de texto no próprio computador.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 28 – Foto na sala de aula fazendo a edição do texto escrito à mão.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 29 – Foto na sala de aula de produção de texto escrito à mão na sala de aula.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 30 – Na sala de informática produção e edição do texto digital.



Fonte: Acervo da autora.

4.4.3.1 Autonarrativa

As autonarrativas apresentam, em seu conteúdo, o processo vivenciado pelos jovens estudantes, configurando-se como um instrumento por meio do qual eles deixam fluir seus sentimentos e suas sensações sobre o processo experienciado, focando não nos conteúdos formais que fizeram parte do estudo, mas na pesquisa que foi construída com a participação de todos.

Nesse sentido, eu não posso simplesmente transmitir, comunicar, eu preciso perturbar os educandos com minha proposta de aula estruturada para a construção e não para transmissão. Portanto, o processo a ser desenvolvido na aula teve a intenção de levá-los a se sentirem tocados por algum argumento, por alguma informação, etc., a fim de que se complexifiquem e, cada um a seu modo, vai reinventar o próprio processo, ressignificando-o e, assim, oportunizando a organização de seus conhecimentos.

Maturana (2002, p. 27) diz “[...] que somos sistemas determinados em nossas estruturas e, por tanto, que existem certos fenômenos que não ocorrem dentro do corpo, e sim nas relações com os outros”. Assim sendo, o que orienta o humano são as emoções e a linguagem que está ligada a elas, é o fluir das conversas no conviver uns com os outros. Desse modo, possibilita-se a emergência do conhecimento. De acordo com Pellanda (2009), o convívio com o outro por meio das diferentes linguagens despertam a curiosidade e a troca de experiências.

O cérebro humano é de uma grande plasticidade e vai se complexificando cada vez mais na interação dos seres humanos com a realidade devido ao tipo de vida que eles levam em termos de um acoplamento com a realidade, ao qual damos o nome de aprendizagem (PELLANDA, 2009, p. 83).

Então, respeitar a leitura de mundo do educando é tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade. De modo geral, é o encorajamento constituidor de cognição e subjetivação.

A partir disso, propus aos educandos que cada um deles expressasse suas percepções, seus entendimentos (inclusive repulsa) por meio da produção da autonarrativa.

Enquanto pesquisadora, atuei como observadora implicada e pude perceber momentos muito dinâmicos para que os alunos pudessem se experimentar, o tempo todo, em seu devir subjetivo e cognitivo.

O objetivo da construção das autonarrativas pelos educandos sujeitos da pesquisa é que elas sejam instrumentos de análise do ponto de vista do sujeito-autor, frente à sua atuação como núcleo do processo de construção de cognição e de subjetividades. Acredito que os educandos, ao narrarem suas perspectivas com relação ao processo vivido, deixaram, de alguma forma, transparecer o olhar de quem esteve imerso no processo de forma atuante e autônoma.

Nessa perspectiva, segundo Maturana (1999), somos os criadores de nós mesmos e o que vem de fora apenas nos perturba, não nos define. Assim, os alunos, ao pensarem sobre si mesmos, auto-organizam-se, sendo a produção das autonarrativas um exercício metacognitivo. Os sujeitos, ao refletirem sobre o seu ato de criação, ou seja, sobre o próprio processo em que sofreram transformação, construíram conhecimento. A autonarrativa é a interpretação do processo ensino aprendizagem produzido em ambiente composto por elementos tecnológico, configurando uma interlocução constante entre os sujeitos de pesquisa e eu enquanto pesquisadora implicada no processo e todos nós acoplados com a tecnologia somos parte de um todo integrado de um sistema *autopoiético*.

Ela não é, portanto, um mero expressar-se, pois, à medida que os educandos foram relatando como perceberam a construção do conhecimento, contaram também uma experiência singular vivida, em espaço escolar, transitado do tradicional para o tecnológico e vice-versa essas ações se constituem e estão representando num movimento circular, metacognitivo, do processo criativo.

A rede social *Facebook* foi um elemento utilizado para a troca de ideias e sugestões, sendo um ele entre os sujeitos de pesquisa, um instrumento de autoconstituição. É muito interessante destacar que a troca de ideias na rede social foi envolvendo naturalmente um processo de leitura que também não é um ato simples, na medida que implica perturbações, interação com a sua própria criação e com a dos colegas, ocorrendo, assim, a mobilização interna disparada pelo contato com o texto e suas diferentes linguagens, ou seja, independentemente do formato que as autonarrativas vão ter, sendo elas, um instrumento de autoconstituição.

A produção das autonarrativas é uma aventura na qual os educandos se autoexperimentam em caminhos não lineares, vivenciando uma lógica circular em seu processo cognitivo/subjetivo. O suporte da sala de aula de mídias colaborou, para que tivéssemos um ambiente propício capaz de oferecer a possibilidade de uma configuração, uma

interlocução entre os sujeitos de pesquisa e a tecnologia, que viria possibilitar a *autopoiesis*, materializada na autonarrativa.

A forma como cada um ia construir sua autonarrativa foi livre de qualquer modelo. Eu sugeri que eles escolhessem um modo prazeroso para a construírem e que, ao mesmo tempo, proporcionasse a organização de seus novos conhecimentos, pois independentemente da linguagem que fosse utilizada, ela só poderia surgir de coordenações de ações em que houvesse interações recursivas.

Os educandos, ao registrarem em suas autonarrativas o que é significativo para eles, efetivamente estão em processo auto-organizativo. As emergências certamente surgirão, pois, conforme Cragolini (2001, p. 137), “[...] começamos indicando que nos tornamos o que somos ao escrever”. Acredito que essas palavras também podem ser utilizadas pelos educandos que fizeram o *selfvideo*. Foi muito importante compartilhar nossas autonarrativas, pois a interação entre o grupo, esse convívio, leva-nos à troca de experiências e, assim, devido ao fato de estarmos juntos, afetamo-nos, aprendendo uns com os outros.

De acordo com a metodologia complexa, penso ser coerente dizer que não utilizei categorias de análise que limitassem a abordagem de uma realidade viva em devir. Quero explicar que os marcadores foram utilizados para sinalizar o que emergia no fluxo de uma realidade vivida e em constante circulação. Assim, selecionei para análise fragmentos das autonarrativas dos jovens estudantes.

a) Autonarrativa Educando “D”

Comentário sobre o que eu penso sobre assistir filme na escola.

Gosto muito de cinema então assistir a filmes, pois, achei divertido, mas também, interessante e educativo, sabe é porque o jeito que a professora Adriana propôs para nos é muito diferente, desde o início da nossa pesquisa até o fim eu e meus colegas participamos de verdade da aula.

Eu e meus colegas tivemos a oportunidade de dar opiniões na organização do que faríamos na sequência das aulas, tivemos as rodas de conversas e nesse momento é que nós íamos programando as atividades para os próximos encontros.

Esse relato retrata a efetiva participação dos jovens estudantes no processo de aprendizagem. O aluno descreve como acontecem as interações dos sujeitos com o meio, com

os acontecimentos que os rodeavam. É evidente, nessa narrativa, o acoplamento estrutural entre as pessoas e o processo de complexificação que potencializa as aprendizagens do humano por meio de suas experiências. Destaco a importância dos aspectos da narrativa dos alunos sujeitos na perspectiva da complexidade para a constante reconstrução da autoconstituição do humano por ele mesmo, através da escrita e/ou do filme.

Não é fácil conseguir este acoplamento em meio a tantos alunos e a tantas demandas que a escola nos impõe. É necessário que os envolvidos tenham entrosamento e confiança, pois só assim é possível que haja emoção entre os envolvidos. É nas conversações desenvolvidas neste conviver que fluem as emergências de cada um, e foi desta forma que eu senti a relação de entrosamento desenvolvida entre mim e o Educando “D”, pois ambos construímos nosso processo de complexificação. Bom seria se nós professores pudessemos sempre ter esse tipo de interação com os alunos e despertar emoções assim.

O ambiente digital proporciona essa autonomia de caminhos, a possibilidade de se reorganizar potencializando o ser e o conhecer. O ato de falar de si mesmo resulta em transformações, realizando um exercício de metacognição e também de subjetivação.

b) Autonarrativa Educando “E”

O filme tem a magia e permite que se aprenda mais sobre o conteúdo o tema do conteúdo de história, mas eu também me dei conta que ali poderia ser desenvolvido conteúdos de geografia, artes e ensino religioso, eu adorei, porque a profe Adriana sempre fala alguma coisa que tem a ver com as outras disciplinas. FIM!!!

As palavras do Educando “E” sugerem um trabalho caracterizado pela transdisciplinaridade, dotada de princípios como a metacognição, ou seja, o aluno sugeriu o movimento cibernético, que sugere emergências que podem ser discutidas por um fenômeno transdisciplinar, entre as disciplinas citadas pelo aluno, e que pode ser orquestrado pelo princípio da auto-organização e da recursividade, que, de certo modo, revolucionam o modo de aprender rompendo com a lógica linear do paradigma clássico. Essa escrita traz à tona, então, o ponto de vista epistemológico, apresentando algumas ideias que caracterizam a complexidade como um novo paradigma.

c) Autônarrativa Educando "M"

O filme que assistimos mostrou o que o livro já havia mostrado, mas de uma forma diferente, com o movimento das imagens e a trilha sonora. Assim deixando o ensino-aprendizagem mais interessante e atrativo o conteúdo estudado.

d) Autônarrativa Educando "N"

Eu queria dizer que quando a profe Adriana falou do projeto eu não empolguei porque, eu sempre gostei de assistir filme, mas achava que não aprendia muito mais com ele.

Nesse final eu quero dizer que o cinema não só trouxe diversão e entretenimento ele trouxe também contribuiu de um jeito diferente com a minha aprendizagem, aprender assim é muito legal, obrigada por eu ter a oportunidade de participar da pesquisa professora Adriana.

É nítida, nestes recortes, a transformação ocorrida no aluno, pois, embora não haja interconexão entre os dois parágrafos, eles nos indicam que o jovem se permitiu envolver com a proposta e a perturbação criada pelo cinema. Na dinâmica dos encontros, ele conseguiu superar a perturbação gerada pelo cinema exibido na sala de aula. Além disso, o processo auto-organizativo o levou a aprender. Também é possível constatar que aconteceu o acoplamento estrutural entre aluno, professora pesquisadora e cinema, que se desenvolveu na ação do processo de viver/conviver/aprender.

e) Autônarrativa Educando "E"

Quando assisti ao filme a missão o cenário, o conteúdo apresentado pelo cinema me fez sonhar, imaginar, na verdade eu viajei para o lugar e tempo, do filme, com as paisagens lindas, naquele tempo as praias eram lindas os rios eram limpinho isso os habitantes que aqui viviam os índios, respeitavam a natureza.

Neste relato, temos novamente a presença da complexificação, no sentido da auto-organização a partir do ruído. Destaco aqui a presença do pensamento abduutivo, como hipótese sobre a virtualidade do ser como potência. Nesse sentido, é importante entender as emoções como parte integrante do conhecer, sendo ela a sustentação para o pensamento complexo.

f) Autônarrativa Educando “M”

O cinema pode com certeza ser um instrumento constituidor do conhecimento porque ele nos mostra uma maneira diferente de aprender, muitas vezes um modo mais fácil de entender o conteúdo já trabalhado pela professora em sala de aula, tema: Descobrimento do Brasil.

g) Autônarrativa Educando “H”

Cinema na sala de aula

O cinema pode ser sim um constituidor de conhecimento assim como séries, vídeos games (entre outros) despertando um certo interesse de aprendizagem com o assunto trabalhado, por exemplo eu quando vejo um filme me interessa mais pelo conteúdo.

Nesses dois recortes, percebo que as autonarrativas expressam a presença de dois marcadores importantes: complexificação e percepção do processo metacognitivo. Destaco a compreensão de que autonomia é autoconstituição, pois eles transitam do tradicional para o complexo de forma leve; logo, o entendimento dos alunos sobre a construção de cognição e suas complexidades nada mais é do que pôr em prática o que foi aprendido, é se perceber como autor do processo em ação.

h) Autônarrativa Educando “P”

O que o livro e a professora Cristina já tinham mostrado nas aulas de história, foi o que o filme nós não fugimos do tema do estudo só que ele tem uma proposta diferente, porque a, mas a proposta da profe Adriana é diferente me parece que o resposta é imediata, rápida.

É claro que o filme explicou não sei se pior, ou melhor, mas com imagens parece que a história ganha vida, melhor mesmo é ver através das imagens da tela do cinema representada a política, a economia e a sociedade de forma bem interessante, a cultura em todas as formas e representações de modo tão lindo apresentado nos filmes Caramuru e A Missão.

Neste fragmento, surge uma questão complexa em relação à tecnologia fílmica, que é um dos objetos do estudo. Esse sujeito fez uma elaboração complexa, no sentido de entender “tecnologia” como acoplamento sujeito/máquina, constituindo as suas ações como algo que nasce dele mesmo e não como algo que está fora do sujeito. Além disso, destaca a importância da representação de os setores da sociedade ganharem vida através da tela do cinema.

i) Autônarrativa Educando “A”

Comentário sobre os filmes na aula de História

Não gostei muito do filme, pois odeio a atuação dos brasileiros. Eu acho que a minha ideia é única aqui na sala de aula, mas a professora disse que quando nos fossemos escrever era para sermos o mais verdadeiro possível.

Mas claro que não odiei tudo, eu gosto do jeito que a professora Adriana da aula, gostei também da parte onde a professora falou que nós seríamos os protagonista da pesquisa.

Aqui podemos perceber claramente o estereótipo referente à atuação dos atores brasileiros, o ruído inicial, a perturbação. A partir do ruído, o sujeito se desconstrói e vai se organizando novamente. Ao longo do processo, ele se complexificou, pois aprendeu a operar

com suas emergências e, assim, pôde construir novos sentidos para o processo de aprendizagem, apropriando-se de sua própria linguagem de forma viva e metacognitiva.

j) Autonarrativa Educando “C”

Eu entendi com o filme exibido pela professora Adriana na sala de aula, não foi só para topor furo de outro professor, ou porque o conteúdo já tinha terminado.

O filme foi para nos ajudar a entender o conteúdo que a professora Cristina já havia nos ensinado de um jeito diferente.

Neste trecho da autonarrativa, percebi a perturbação a partir de um modelo confuso do uso da sétima arte em espaço escolar, no qual, segundo o aluno, certamente não ocorria o acoplamento estrutural, o processo auto-organizativo e tampouco a metacognição. Se o filme exibido não tem função de desenvolver um processo de construção do conhecimento, ele realmente é vazio e sua utilidade é recreativa. Quando o aluno afirma que “[...] Cristina já havia nos ensinado de um jeito diferente”, ele aceita o conteúdo como um elemento formador de conhecimento, permitindo a desordem, a ordem e novamente a desordem. Nesse processo, a complexificação é clara. O sujeito foi aprendendo a operar suas emergências e, assim, construiu novos sentidos para o processo de aprendizagem.

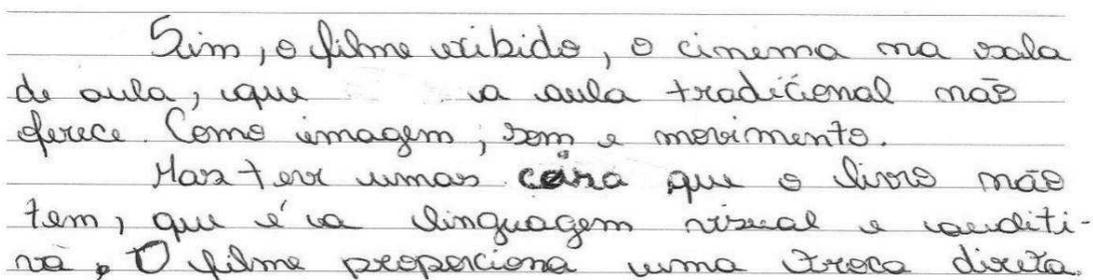
k) Autonarrativa Educando “G”

Acho que realmente o cinema é um ótimo jeito de aprender.

A imaginação que a imagem e o som que o cinema tem me faz viajar no conteúdo e nos cenários que posso visualizar ao assistir o filme.

Nesse recorte, temos a presença da complexificação, no sentido da auto-organização a partir do ruído. Ao afirmar que o cinema o “[...] faz viajar no conteúdo”, o aluno se apresenta cheio de emoção. Percebo aqui a presença do pensamento abduutivo, como cenário para a virtualidade da tela do cinema agir como potência. Nesse sentido, é importante perceber a imaginação e a emoção como partes que integram o conhecer e o pensamento complexo.

l) Autônarrativa Educando “J”



Sim, o filme exibido, o cinema na sala de aula, que a aula tradicional não oferece. Como imagem, som e movimento. Mas tem umas coisa que o livro não tem, que é a linguagem visual e auditiva. O filme proporciona uma troca direta.

Este fragmento apresenta uma elaboração complexa, cirandando pela aula tradicional, no sentido de entender a tecnologia como acoplamento sujeito/máquina. O imediatismo proporcionado pela tecnologia desperta os sentidos para a constituição do vir a ser dos alunos sujeitos. Nesse sentido, ele faz uma elaboração cognitiva colocando a tecnologia como aliada no seu processo cognitivo.

m) Autônarrativa Educando “A”

O cinema pode compor a formação da minha aprendizagem, ou seja, ele pode ajudar a mim e também aos meus colegas um novo modo de aprender, entendo que o cinema pode nos ensinar nem melhor nem pior, mas de um jeito que usa a mídia e assim teremos uma aprendizagem que reúne livros cinema e tecnologia.

O cinema me dá a sensação de aprender mais facilmente, porque é imediato, rápido e nos podemos escolher, o filme, eu adorei foi Power up.

O fragmento apresenta a importância que o educando atribui a “uma aprendizagem que reúne livros cinema e tecnologia”, entendendo que é possível agregar as diferentes linguagens citadas, bem como estabelecer relações cada vez mais entrelaçadas entre

dimensões que transitam entre as emergências. Isso o levou a perceber que seus colegas também se complexificavam frente ao processo cognitivo. Destaco aqui que, a partir das ações realizadas na práxis, há um claro processo de constituição de si através da linguagem. O processo metacognitivo transita pelas diferentes linguagens. Ademais, é clara a satisfação do aluno em ser um sujeito ativo, autônomo e acoplado às tecnologias.

Tomando como referência todos os fragmentos aqui apresentados, é nítido o processo de complexificação marcado pelo modo de operar com as emergências, com a capacidade de inventar metáforas a respeito do viver e a percepção e/ou auto-percepção de alteração dos níveis de complexificação. O que subjaz essas ideias é a noção de que não existe uma realidade posta às nossas atuações. A vida, assim como o conhecimento, só ocorre quando efetivamente atuamos no contexto ao qual pertencemos e sobre nós mesmos.

O que quero destacar nessas autonarrativas é a presença de elementos de segunda ordem, como: o ato de pensar sobre o próprio processo em que se está atuando e repensando, logo ao pensar surgem instabilidades ocorrendo a desordem e a busca pela construção da ordem e como o processo não para novamente se atinge a desordem, logo foi muito atuante o processo metacognitivo. Outro elemento presente foi o observador incluído no processo, logo: o processo de aprender a aprender, assim como mudar na mudança e ainda observar ao outro como legítimo outro e a si próprio enquanto observador. Vale destacar que todas essas são procedimentos que intensificam os sujeitos quanto aos procedimentos das ações autônomas. Desse modo, entendo que não mudamos as tradições enraizadas, mas certamente foi possível potencializar com maior apropriação as ações do grupo para a importância de se deixar envolver pelo novo devir em si mesmo.

Gostaria de destacar, ainda, a percepção da inseparabilidade do ser e do conhecer, pois é esse o fio condutor desta pesquisa. Para demonstrar este fenômeno complexo do viver, tive a intenção de buscar argumentos por meio da produção desses alunos, que trabalharam unindo dimensões e cognitivas e subjetivas, fazendo disparar a ação que emergia, sob a forma auto-organizativa, configurando-se em uma alternativa de invenção de novas percepções e sentidos ao ato de autonarrar. Nas palavras de Heinz von Foerster, “De que mais mesmo se pode falar a não ser de si mesmo?”

Em uma das primeiras conclusões, o que posso dizer sobre as autonarrativas descritas é que alcançam outro nível de pensamento. Os sujeitos trabalharam conectar dimensões cognitivas, fazendo disparar a ação que emergia, sob a forma de autoprodução. Portanto, inventaram novos sentidos para relacionar com o movimento complexo que é o processo auto-

organizativo, o que os levou a ter a percepção do fluxo da vida, em comunhão com meus semelhantes.

Em verdade, todo o processo que se constitui em ação é um procedimento de complexificação dos sujeitos narradores que atuam de forma a se perceberem como autores da própria vida que vai se constituindo através dos pensamentos, das ações, dos hábitos, pois nós, seres humanos, estamos em permanente movimento *Autopoiético* do vir a ser, uma vez que a fluxo do viver acontece ao mesmo tempo em que nós construímos de forma cognitiva e substancialmente subjetiva.

Entendo que a linguagem é um instrumento rico para a constituição da autonarrativa que subjaz a cognição, a realidade e a subjetivação. Como afirma Maturana, o ser humano constitui-se na linguagem, e é na linguagem que encontramos a narrativa, instrumento de constituição de si. Assim, percebe-se a sua dimensão enquanto instrumento complexo, que leva os sujeitos a perceberem a emergência do conhecer e do ser de forma entrelaçada, em que cada nó é o todo e a parte em um todo integrado.

Somos aquilo que narramos sobre nós mesmos e sobre o meio ao qual pertencemos. Ao narrarmos, nos complexificamos, exercendo a autonomia. A pesquisa se articulou de maneira complexa com a subjetivação dos educandos, de tal forma que a cognição e a subjetivação estavam num processo indissociável, inseparável, mostrando fortemente a presença de uma lógica circular, rompendo com a linearidade causa-efeito. Penso que as autonarrativas nos mostraram como podemos ser delineados. Nas palavras de Connely e Candinin (1995, p. 11):

A razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma na qual nós, os seres humanos, experimentamos o mundo.

Experimentar o ato de relatar fez com que eu percebesse o quão importante foi resgatar a ideia trazida por Von Foerster (1974) sobre a mudança do conhecer para como conhecer, que corresponde a uma postura de segunda ordem. Pellanda (2015) explica que os fenômenos de segunda ordem são aqueles que implicam em uma lógica de recursividade subjetiva, em que o observador implicado se apropria de seus próprios processos, como observar o observador. Estas questões nos levam, necessariamente, a olhar de forma a

contemplar como se produz o processo cognitivo e como nos constituímos nele como *selfie*⁷. Foi essa a minha intenção ao fazer a análise das autonarrativas.

Foi realizada a produção de *selfvideos* (figura 25, 26, 27, 28) por três educandos. As suas autonarrativas encontram-se em anexo em CD e também podem ser acessadas nos endereços virtuais disponibilizados na fonte das imagens a seguir.

Figura 31 – Captura da imagem da produção do *selfvideo* na sala de informática.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Disponível em: CD em anexo

⁷ *Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto.

Figura 32 – Captura da imagem da produção do selfvideo na Biblioteca.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/465771270217030/>

Disponível em: CD em anexo

Figura 33 – Captura da imagem da produção do *selfvideo* na Biblioteca.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Disponível em: CD em anexo

Figura 34 – Captura da imagem da produção do *selfvídeo* na sala de aula.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Disponível em: CD em anexo

4.5 Diagnóstico do fenômeno cognitivo

O oitavo encontro aconteceu no contra turno, com a apresentação das autonarrativas pelos educandos em um seminário no qual cada um dos educandos fez uma rápida apresentação da sua criação. Na sequência, fiz o mesmo questionamento do primeiro momento: “O que você pensa sobre a exibição de filmes na sala de aula?”, além de “Como você entende a exibição de filme na sala de aula como um constituidor da sua aprendizagem?”

As respostas foram autênticas, verdadeiras, e recheadas de emoção, tanto negativas quanto positivas. O importante é que elas deram suporte para a investigação circundar pelas discussões acerca de como os educandos gerenciaram sua autonomia e como foram tocados pelas narrativas cinematográficas, além de quais as potencialidades percebidas por cada um deles a partir do cinema, como um elemento ruidoso capaz ou não de afetar o espectador a se utilizar desse instrumento para constituir a aprendizagem a partir do princípio da complexidade.

Apresento mais alguns fragmentos das autonarrativas dos estudantes sujeitos autores desta investigação.

“Eu vejo que você profe, trabalhou a história do descobrimento do Brasil numa perspectiva diferente, ensinando a gente a ver e pensar de um jeito que eu não imaginava ser capaz”.

“Não gostei muito desse trabalho porque, ele exigiu mais de nós que uma prova, mas eu acho que aprendi, de um jeito muito difícil, mas assim mesmo valeu”

“O filme profe, foi um jeito ótimo de entender o conteúdo, de lembrar e aprender”.

“No primeiro momento eu achei que ia ser uma chatisse, mas minha colega insistiu para eu participar com ela, eu acabei achando interessante, e me envolvi de verdade, eu tenho que admiti que acabei gostando e aprendi coisas muito legais, obrigada amiga por me convidar e insistir para eu participar”

“O filme deixa mais interessante as aulas de história, mas eu acho que não deixa mais fácil, é um desafio é muito trabalhoso, o que me importa é que eu aprendi”.

“A minha vontade de aprender aumentou, porque o filme é um jeito divertido, eu me senti curiosa, eu despertei para querer aprender cada vez mais”.

Destaco ainda a leitura dos seguintes fragmentos:

Não gostei muito do filme, pois odeio a atuação dos brasileiros. Eu acho que a minha ideia é única aqui na sala de aula, mas a professora disse que quando nos fossemos escrever era para sermos o mais verdadeiro possível.

O filme Caramuru a Invenção do Brasil e o filme A Missão, eu acho que não acrescentou em nada o que eu já havia estudado no livro de história, mas gostei da forma divertida que foi retratada a história do Brasil no período colonial.

Assistir filme é muito bom - Caramuru

Meu comentário sobre o filme, eu acho que o cinema exibido na sala de aula é uma ótima iniciativa da professora Adriana, sai do material que todos os professores usam. Aprendi olhar o filme de outro jeito, procurando no texto do filme semelhança com o conteúdo.

Quero dizer que SIM o filme ajudou na minha aprendizagem, pois além de ter o conteúdo que a profe Cristina ensinou para nós deu para perceber que o conteúdo estava no livro didático, na fala da professora, e nas anotações que a professora colocava no quadro sobre o descobrimento, povoamento e dominação de territórios do Brasil também deu para perceber no cinema, amei.

O cinema me dá a sensação de aprender mais facilmente, porque é imediato, rápido e nos podemos escolher, o filme, eu adorei foi Power up.

Cinema na sala de aula

O cinema pode ser sim um constituinte de conhecimento assim como séries, vídeos games, entre

Cada filme que era exibido nós fazíamos os encontros mais ou menos igual a do filme anterior, mas na verdade era muito diferente eu acho que a professora Adriana hipnotiza a gente com as suas ideias. As minhas ideias brotam como eu gostaria que fosse às outras disciplinas, e as atividades propostas pela profe é tão diferente que o dia seguinte nunca é igual ao anterior.

Tomo como referência esses fragmentos, pois eles representam nitidamente como o processo de complexificação afetou os alunos e foi percebido e relatado de forma autêntica no momento da construção da autonarrativa ou nas falas. É claro que, entre o grupo de estudantes, muitas foram as expressões frente às emergências, evidenciando como eles foram capazes de se reinventar, conhecendo, vivendo e complexificando. A vida, assim como o conhecimento, só ocorre quando efetivamente acontece a aprendizagem. Quando nos permitirmos nos reconfigurar efetivamente, estaremos em processo de aprendizagem no contexto ao qual pertencemos e sobre nós mesmos no devir, próprio do ser humano.

Nos encontros com os jovens estudantes, foi deveras importante a exaltação e a alegria de como eles se perceberam enquanto colaboradores na execução e na realização desta investigação. Outra fase do processo se iniciou; agora é a minha reflexão frente ao material que esses educandos cuidadosamente produziram, oferecendo o que tinham de melhor a mim em relação à sua visão de mundo sobre o processo cognitivo/subjetivo.

O último encontro foi realizado para que todos tivessem a oportunidade de compreender o processo de aprendizagem em que estávamos inseridos. Eu atuei mediando o diálogo da roda de conversas (figura 35), na qual as falas colocaram os sujeitos de frente com seus limites e suas possibilidades. Foi através dessa dinâmica que, juntos, avaliamos o processo de aprendizagens complexas desencadeadas a partir das sessões de cinema, elemento ruidoso

exibido em sala de aula como um documento histórico. O diálogo se constituiu lançando mão de uma série de instrumentos para identificar e avaliar as diferentes formas de interações realizadas pelos estudantes e por mim. Entendo que houve momentos de dúvida para transparecer o modo como capturaram a aprendizagem e a sua autonomia em um todo integrado.

Figura 35 – Última roda de conversas para avaliarmos as atividades com os filmes selecionados para o estudo: CARAMURU e A MISSÃO.



Fonte: Acervo da autora.

O próximo capítulo, última fase deste estudo, é onde faço a minha construção enquanto professora pesquisadora desta pesquisa. Aqui a minha atuação é solitária, pois o tratamento dos dados, contidos na produção dos educandos, forneceu-me subsídios para compor a minha autonarrativa. Para esse processo, foi feita a apreciação da ocorrência ou não dos marcadores⁸ nas produções dos jovens estudantes, a fim de perceber se a *autopoiesis* aconteceu ou não em suas reflexões frente à produção de conhecimento subjetivo.

⁸ Os marcadores são dispositivos de observação, que sinalizam momentos importantes de produção e reflexão.

5 EMERGÊNCIAS COMPLEXAS

5.1 Desvendando-me

Neste momento, vou relatar as minhas perspectivas, meus momentos de segurança e certezas, assim como os momentos de dúvidas, incertezas e fragilidades, transitando entre os limites e as possibilidades frente à proposta de trabalhar com o cinema como elemento constituidor de cognição e subjetivação em espaço de aprendizagem.

A minha vida e a de cada um dos jovens estudantes que estiveram engajados neste projeto foi se dispondo com nossas ações, práxis e pensamentos, pois não nascemos nem estamos prontos. Para me articular de modo autopoietico, foi preciso que eu me constituísse no fluxo do meu viver, no devir, ao mesmo tempo em que emergia em mim o processo cognitivo intimamente ligado ao meu mundo interno, composto por emoções, sentimentos e pensamentos, que subjazem a subjetividade.

Um instrumento poderoso de constituição de conhecimento/realidade é a narrativa. Somos seres de linguagem, e o humano e, como afirma Maturana, constitui-se na e pela linguagem. A narrativa é instrumento poderoso de constituição de si, na medida em que é um instrumento complexo, pois leva os sujeitos a perceberem a emergência do conhecer e do ser fortemente interligadas.

Inicialmente, a minha perspectiva com esta pesquisa foi verificar se os fenômenos os quais emergiram no grupo de alunos e em mim no contato com as narrativas cinematográficas seriam concebidos e capturados pelos jovens, independentemente da intensidade que se daria a implementação do processo cognitivo caracterizado pela subjetivação.

Quero destacar que percebi, a cada encontro, o aumento das possibilidades de ações referentes à aprendizagem. Destaco que, desde os primeiros momentos da pesquisa, eu me afetei e, automaticamente, sofri transformação, pois, durante toda a pesquisa, procurei acompanhar a evolução e perceber os fenômenos que se constituíam, dos mais simples aos mais significativos, alterando e transformando este momento de escrita em um momento produzir a autonarrativa dotada de circularidade e acoplamento estrutural, entre mim e os sujeitos da pesquisa, indicando que o processo complexo acionado pelo ruído, gerado pelo filme que se desorganiza, e logo busca a organização a partir da construção do conhecimento do modo complexo. As atividades com cinema e o processo de construção do conhecimento estavam relacionadas com a aplicação do pressuposto cibernético de segunda ordem, a

metacognição, ou seja, estavam relacionadas ao conhecimento e/ou ao reconhecimento dos resultados das suas respostas dos sujeitos, pois os sujeitos refletem sobre seu próprio caminho numa atitude em que constroem autonomia. Ainda é importante considerar as performances distintas de apropriação do ato de criação, incorporando-as à dimensão do tempo vivido e da realidade engendrada pelos educandos/sujeitos/autônomos, de modo a deixarem transparecer a sua complexificação no fluxo do estudo e de modo a eternizá-la pela produção das autonarrativas.

Vale ressaltar que o mundo em que vivo é o que construo a partir da minha percepção, e esta é minha estrutura enquanto ser vivo, humano, que me permite ter percepções racionais. Portanto, o mundo ao qual pertenço é um mundo vivido, experienciado por mim, logo, é a minha visão de mundo. A realidade a que pertencemos depende da estrutura a que pertencemos, a qual, na verdade é individual. Assim, existem tantas realidades quantas as pessoas percebem – o olhar do expectador é único, inusitado.

O tratamento dos dados ocorreu a partir da apreciação que fiz das autonarrativas produzidas pelos educandos. O foco está no olhar dos jovens estudantes frente ao processo a que se disponibilizaram a participar. A proposta metodológica de construção do conhecimento inclui a disciplina de História, os filmes de aventuras históricas, conectados ao seu mundo, à sua realidade, à sua visão de mundo e à sua dimensão, desvendado na produção das autonarrativas.

Os educandos, ao aceitarem participar da pesquisa, aceitaram generosamente a autoexposição de sua autenticidade, retratada a partir do que, consciente ou inconscientemente, se permitirão revelar através de sua autoria. A produção de cada um dos estudantes vem contida de significação, pois se permitiram ultrapassar a barreira que os discrimina enquanto captadores de informação. Estes são autores do seu próprio fenômeno *autopoiético* do conhecimento, do que realmente faz sentido a eles.

Pensei que era pertinente perguntar aos educandos: “Como você veem, sentem e entendem os filmes exibidos nas aulas de História após terem participado de forma efetiva de todo o processo?” Obtive as respostas por meio das autonarrativas a esse questionamento. O fenômeno de autoria criativa dos sujeitos da pesquisa fez surgir percepções que estabeleceu das ações constituidoras do ato de autonarrar percebi que suas produções, foram verdadeiras janelas da alma. As respostas a esse questionamento foram, na maioria, positivas; outras, nem tanto, mas todas elas me ajudaram na estruturação da justificativa deste estudo.

As autonarrativas dos jovens estudantes manifestaram-se através da auto-organização. O fenômeno de produção de conhecimento se estabeleceu desde o primeiro momento, partindo de laços de confiança, as rodas de conversas, base da relação participativa que se formou entre os educandos e a educadora pesquisadora. Acredito que a linguagem, própria do humano, assim como os laços amorosos dotados de um funcionamento cognitivo autônomo, organizamos como humanos nas relações. O que permanece em mim de uma informação depende do significado que dou a ela, marcando, assim, a forma de atribuir significado ao mundo em que vivo, do mesmo modo como significo o conhecimento que autoproduzo.

No processo de criação, a recursividade foi uma aliada, um subsídio que certamente potencializou as ações do grupo e as nossas capacidades de ser e conhecer na medida em que nos tornamos autônomos, mas inclusos em um processo aberto e interligado ao fluxo da pesquisa, ou seja, o nosso ser, agir, criar e recriar. Aqui, cada um dos participantes do estudo é uno, mas é também o todo, pois em cada um está contido o todo, assim como o todo contém cada um, e essa é a genialidade do processo criativo que se estabeleceu.

De acordo com a dimensão da realidade em que a investigação se apresenta, o processo de criação, no movimento *Autopoiético* de produção, faz com que, em um mesmo movimento, seja possível conhecer e participar de seu processo de construção. A intervenção sobre a realidade existente tem como propósito transformá-la para conhecê-la. Assim como eu provoço transformação no mundo que quero conhecer, a recíproca é verdadeira. Eu também sofro, com a mesma intensidade, a transformação pelo meio no qual causei transformação, em um movimento circular que evolui para um espiral.

Percebo que, atuando como observadora implicada no processo de cartografar os caminhos percorridos pela complexificação pela qual fomos todos envolvidos e à qual pertencemos, foi possível potencializar a autoconstituição e a cognição dos educandos quando escreviam, digitavam ou produziam seus *selfvideos*. As suas autonarrativas se constituíam em um processo de aprendizagens através das vivências que narravam em suas postagens, nas rodas de conversas ou até mesmo nas conversas informais. Portanto, as narrativas fazem parte do nosso cotidiano, e é por meio delas que o grupo foi capaz de criar e recriar constantemente, reconfigurando as relações da sua aprendizagem enquanto seres humanos.

Ao realizarmos qualquer tipo de intervenção no processo de pesquisa, promovemos o surgimento de novas realidades que não estavam postas; estavam à espera de uma observação. Essas realidades são dotadas de temporalidade e de emergência que surgem desses fatos, havendo um processo que objetivava, nesta pesquisa, a partir da exibição de filmes nas aulas

de História, fornecer aos educandos elementos para que eles fossem capazes de construir cognição e subjetivação frente ao processo ensino-aprendizagem. Ao chegar ao término deste processo investigativo, é bem possível que eu não possa oferecer uma pontuada conclusão, mas uma justificativa criteriosa indicando os limites e as possibilidades da pesquisa; não o seu fim.

REFERÊNCIAS

- ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaios sobre a organização do ser vivo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- BOETTCHER, Dulci Marlise; PELLANDA, Nize (Orgs.). **Vivências autopoieticas**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.
- DALE, Edgar. **Métodos audio-visuais no ensino**. New York: Dryden, 1969.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. 1. ed São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.
- MARIOTTI, Humberto. **As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade**. 3. ed. São Paulo: Palas Athenas, 2000.
- MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Tradução de Luciano Trigo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Tradução de Dulce Matos. Instituto Piaget Lisboa, 2001a.
- _____. **Ciência com consciência**. 14. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.
- _____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001c.
- MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MATURANA, Humberto R. **Transformación en la convivencia**. Santiago de Chile: Ediciones Dolmen. 1999. 258 p. Disponível: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7zpnCPFs404C&oi=fnd&pg=PA9&ots=qnxxiTJ9Tb&sig=1vcPSHNTxJc6-FIWwhVM1uwjrgA&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em: 21 de julho de 2014.
- MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagens na educação e na política**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- _____. Humberto R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Marina Celeste; PAREDES, Victor. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001a.
- _____. **De máquinas e seres vivos: autopoiesis, a organização do vivo**. 3. ed. Tradução de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **A árvore do conhecimento** - As bases biológicas do conhecimento humano. Original em espanhol traduzido por Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001b.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVA, Cristine. **Novas Lentes para a história**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Disponível em: <http://ufba.br/~crisnova/novas_lentes>.

_____. **Vídeo, história e educação**. Oficina Cinema-história. 2000. Disponível em: <http://ufba.br/~crisnova/novas_lentes>.

_____. **Imagem e história**. 1999. Disponível em: <http://ufba.br/~crisnova/novas_lentes>.

NOVA, C. O. Cinema e o conhecimento da História. **Revista O Olho da História**, Salvador, n. 3, 1996.

NÓVOA, Jorge. A imagem e o ensino de história. Núcleo de Pesquisa e Produção de Vídeos Históricos. Departamento e Mestrado em Educação

NÓVOA, Jorge. **A imagem e o ensino de história**. Núcleo de Pesquisa e Produção de Vídeos Históricos. Departamento e Mestrado em História/UFBA. Disponível em: <<http://www.ufba.br/~resvistao>> Acesso em: 18 jul. 2014.

_____. **Cinema-História: Teoria e representações sociais no cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

OLIVEIRA, Clara Costa. **A educação como processo auto-organizativo: fundamentos teóricos para uma educação permanente e comunitária**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Leitura e complexificação. **Anais**. 16º Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp – Campinas, Brasil, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss14_06.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Maturana e a Educação**. Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

PELLANDA, Nize Maria Campos; GAI, Eunice Piazza. Leitura e Complexidade: Um olhar sobre o processo de cognição/subjetivação. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Universidad de Évora, 2009 a. **II Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa (SIMELP)** Disponível: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg47/21.pdf>>. Acesso em: 30 mar.2014.

PELLANDA, Nize Maria Campos. et al. Acoplamentos humanos – tecnologias: rompendo com a purificação da modernidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p.51-61, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723813022012051/2133>> . Acesso em: 06 mar. 2014.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Conversações: modelo cibernético da constituição do conhecimento/realidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1377-1388, dez. 2003 Disponível em: <<http://cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Autonarrativas no fluxo da pesquisa: operando com operações dos observadores**. Educar em Revista UFPR, 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.41109>
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000300261
Acesso em: 2015.

VARELA, Francisco. **Conhecer: As ciências cognitivas. Tendências e perspectivas**. Lisboa: Instituto Piaget. 1991.

VARELA, Francisco. **O reencantamento do concreto**. In: Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos PósGraduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/EDUC, 2003.

VON FOERSTER, Heins. **Las Semillas de la Cibernética**. 2. ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 199.

ANEXO 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor

supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) _____, neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é a professora Adriana Aires Pereira (Fone (55) 99635302 / 3225 1343).

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __ / __ / ____

Nome e assinatura do aluno voluntário

Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal pelo aluno

Adriana Aires Pereira

Nome e Assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	103
ANEXO 1.1	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “A”	109
ANEXO 1.2	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “B”	111
ANEXO 1.3	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “C”	113
ANEXO 1.4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “D”	115
ANEXO 1.5	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “E”	117
ANEXO 1.6	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “F”	119
ANEXO 1.7	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “G”	121
ANEXO 1.8	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “H”	123
ANEXO 1.9	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “I”	125
ANEXO 1.10	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “J”	127
ANEXO 1.11	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “L”	129
ANEXO 1.12	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “M”	131
ANEXO 1.13	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “N”	133
ANEXO 1.14	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “O”	135
ANEXO 1.15	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “P”	137

ANEXO 1.1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “A”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia filmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) ALISSON GARCIA MACIEL neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

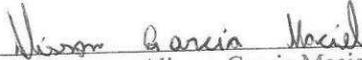
- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira
(Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

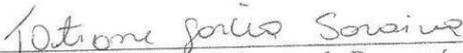
O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

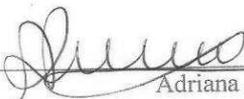
Data 6/09/2015



Alisson Garcia Maciel



Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal



Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “B”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) VINÍCIUS FIGUEIRA DA ROCHA neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 15/08/16

Vinicius Fighera da Rocha
Vinicius Fighera da Rocha

Neusa Fighera Neusa Fighera
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “C”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) ALICE PADILHA GONZES neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

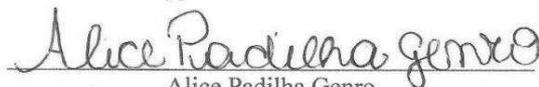
- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

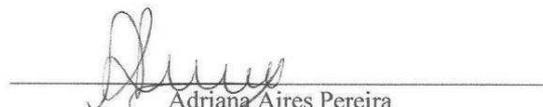
O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __ / __ / ____


Alice Padilha Genro



Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal


Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “D”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) CRISTOFER P. RAMOS neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

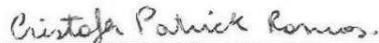
- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

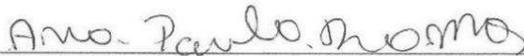
O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __/__/__



Cristofer Patrick Ramos



Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal



Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.5 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “E”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) LUIS EDUARDO neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

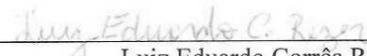
- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

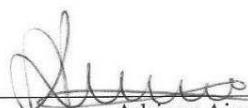
O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data ___/___/___


 Luiz Eduardo Corrêa Rezer

 (LUIZ EDUARDO CORREIA REZER)
 Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal


 Adriana Aires Pereira
 (professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.6 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “F”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia filmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) FREDERICO DACOSTA MORAES neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 15/09/15

Frederico da Costa de Moraes
Frederico da Costa de Moraes

ANARÉA CRISTINA ARAÚJO DA COSTA - [Assinatura]
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

[Assinatura]
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.7 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “G”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia filmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) SULIANA GAKROT FLORES neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __ / __ / __

Juliana Garrot Flores
Juliana Garrot Flores

Andréia R. Flores Garrot

Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.8 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “H”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) JULIANI DOS SANTOS REIS neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

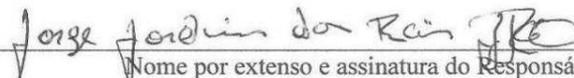
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 16/09/15


Juliani dos Santos Reis


Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.9 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “H”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia filmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) ISADORA MACHADO DA SILVA neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

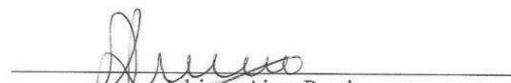
O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __ / __ / __


Isadora Machado da Silva


Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal


Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.9 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “J”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) EMANUELE CANTO DE OLIVEIRA neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 15/09/2015

Emanuelle Canto de Oliveira
Emanuelle Canto de Oliveira

MARGARITA CANTO DE OLIVEIRA Margarita
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.10 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “L”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefvídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) MARIANA RIBEIRO neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 15/09/2015


Mariana Colomby Ribeiro

OLIVAN DOS SANTOS RIBEIRO

Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal




Adriana Aires Pereira

(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.11 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “M”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) MARIA EUGÊNIA R. TOLIO neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 15/ 9/ 15

Maria Eugênia Rodrigues Tólio
 Maria Eugênia Rodrigues Tólio

Magali Alves Rodrigues Magali Alves Rodrigues
 Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
 Adriana Aires Pereira
 (professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.12 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “P”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia filmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) VITÓRIA LONATO C. REAL neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data __/__/__

Vitória Lovato Corte Real
Vitória Lovato Corte Real

Fabiane Lovato Farias Fort
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.13 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “O”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Está investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sefideo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) RAUANE GIOVANNA F. DA SILVA neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

• da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
 - da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
 - do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
 - da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
 - de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.
- O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário-da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data 18/09/15

Rauane Geovanna Ferreira da Silva
Rauane Geovanna Ferreira da Silva

MARIA TADEU DE FERREIRA DA SILVA Maria Geovanna Ferreira da Silva
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira
Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 1.14 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do educando “N”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Adriana Aires Pereira, responsável pela pesquisa intitulada “INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO” faço um convite para que você autorize seu (sua) filho (filha) a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende abordar as dimensões do ser humano de forma integrada com a tecnologia fílmica. Logo, o processo ensino-aprendizagem, propõe fazer a interação entre o cinema, fonte documental: exibido em sala de aula na disciplina de História, apostando no filme como um disparador de emergências e se ele será capaz de potencializar o processo de produção de cognição e subjetivação. Entendo que a pesquisa não apresentará riscos para a integridade física e mental dos sujeitos envolvidos no processo deste estudo.

Esta investigação possivelmente contribuirá para com o processo de construção do conhecimento educacional que priorizará a autonomia e autoria do educando, e ainda o estudo tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes dos educandos que estão em pleno desenvolvimento intelectual enfatizando a questão cognitiva e subjetiva do processo de autoria.

Os sujeitos da pesquisa educandos de duas turmas do 7º ano, participantes voluntários desta pesquisa em educação, pois ela tem o propósito de contribuir para alargar os horizontes destes jovens estudantes que estão em desenvolvimento. E ainda acredito que esta investigação irá possibilitar que ocorra uma transformação quanto à forma de construção de conhecimento, pois o seu diferencial deste está na efetiva participação dos educandos como criadores e não mais como receptores de conhecimento tornando-a interessante para os estudantes porque, dá ênfase a efetiva participação ao longo de todo o processo de produção de conhecimento.

Por isso, penso estar promovendo aos educandos a efetiva participação na construção das atividades de ensino aprendizagem que valoriza o olhar do estudante frente a uma prática séria e criativa no sentido de produzir cognição e subjetivação. Isto me leva a oferecer aos educandos a participação nas escolhas, mas com elas vem à responsabilidade de fazer das atividades de ensino aprendizagem em uma prática criativa autêntica para produzir conhecimentos históricos assim como as mais diversas áreas a vida.

Aos jovens estudantes do 7º ano, proponho que ocorra uma produção, em forma de texto assim como a gravação de *sevídeo* e em vídeo com depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a sua veiculação em qualquer meio de comunicação para fins de divulgação dos dados da Pesquisa vinculado à dissertação em questão.

Autorização:

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a participação de meu (minha) filho (filha) MATHALIA RODRIGUES neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais ~~poderei~~ poderei ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

que esta possa atetar a minha vontade em continuar participando;

- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Adriana Aires Pereira (Tel. Contato (55) 99635302 / 3225 1343).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (51) 3717-7680 e pelo e-mail: cep@unisc.br / tctorres@unisc.br

Data / /

Nathalia Rodrigues de Oliveira
Nathalia Rodrigues de Oliveira

Neusa Rodrigues de Oliveira
Nome por extenso e assinatura do Responsável Legal

Adriana Aires Pereira

Adriana Aires Pereira
(professora responsável pela pesquisa)

ANEXO 02 – FOTOS

Registros fotográficos dos encontros

- Primeiro momento: Aula da professora Maria Cristina Rigão Iop

Foto 1 – Apresentação do projeto turma 72.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 2 – Apresentação do projeto na Turma 71.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 3 – Roda de conversas turma 72.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 4 – Roda de conversas turma 71.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 5 - Criação do grupo secreto no *facebook* sugerida pelo aluno “B” e “C” da turma 72.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 6 – Alunos adesão ao grupo do *facebook*.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 7 – Alunos adesão ao grupo do *facebook*.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 8 – Roda de conversas para decidir os filmes que participariam da pesquisa.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 9 – Votação para escolha dos filmes que fariam parte da pesquisa.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 10 – Na sala de informática, momento da pesquisa na internet.



Fonte:Acervo da autora.

Foto 11 – Na sala de informática, momento da pesquisa na internet.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 12 – Apresentação PPT na sala de informática, pelos educandos “J” e “C”.



Fonte:Acervo da autora.

Foto 13 – Apresentação PPT na sala de informática, pelos educandos “C”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 14 – Apresentação PPT na sala de informática, pelos educandos “C”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 15 – Realizamos uma roda de conversas no pátio da escola sobre os filmes pesquisados CARAMURU – A Invenção do Brasil.



Fonte: Acervo da autora.

Primeira sessão de cinema propriamente dita. Filme “CARAMURU”

Foto 16 – Sessão de cinema propriamente dita filme “CARAMURU”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 17 – Sessão de cinema propriamente dita filme “CARAMURU”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 18 – Sessão de cinema propriamente dita filme “CARAMURU”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 19 – Roda de conversas, um bate-papo após o filme “CARAMURU” turmas 71e 72.



Fonte: Acervo da autora.

FILME A MISSÃO

4º ENCONTRO – 2º filme escolhido pelos alunos para desenvolver a pesquisa “A MISSÃO”

A sessão de cinema propriamente dita.

Foto 20 – Apresentação na sala de informática, filme “A MISSÃO”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 21 – Apresentação na sala de informática, filme “A MISSÃO”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 22 – Roda de conversas, um bate-papo informal após o filme “A MISSÃO”.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 23 – Produção utilizando o computador da escola.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 24 – Produção utilizando o celular.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 25 – Produção utilizando o seu próprio computador.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 26 – Foto na sala de aula de produção de texto escrito à mão na sala de aula.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 27 – Foto na sala de aula fazendo a edição do texto escrito à mão.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 28 – Na sala de informática produção e edição do texto digital.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 29 – Na sala de informática edição do texto digital em editor de texto no próprio computador.



Fonte: Acervo da autora.

Foto 30 – Última roda de conversas para avaliarmos as atividades com os filmes selecionados para o estudo: CARAMURU e A MISSÃO.



Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 03 – DIÁRIOS DE BORDO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM EDUCANDOS DO 7º ANO QUANTO AO USO DO CINEMA NA SALA DE AULA

A pesquisa intitulada: **Inusitado Olhar Frente à Tela do Cinema: a exibição de filmes na sala de aula um novo reencantamento para a educação**, foi desenvolvida no período de outubro e novembro de 2015. O estudo contou com a participação de 18 educandos do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, da cidade de Santa Maria, RS. Todos os momentos da pesquisa foram registrados por meio da utilização do Diário de Bordo com apontamentos detalhados e precisos dos fatos, das ações, das descobertas e das indagações surgidas ao longo do processo. O Diário fez parte do processo de construção do conhecimento que utiliza a exibição de filmes na sala de aula com a disciplina de História com educandos de duas turmas do Ensino Fundamental séries finais.

Todas as ações anteriores à seleção do tema a ser estudado foram elaboradas no decorrer do processo e destacam a autonomia do trabalho do grupo, evitando as imposições do padrão de ensino tradicional. Neste sentido, trabalhou-se sobre as informações trazidas pelos educandos sob orientação da professora pesquisadora.

1º AULA – 1º Momento

Aconteceu na sala de aula no horário destinado à disciplina de História, com os educandos, da turma 72 e 71 quando ocorreu a apresentação do projeto. Expliquei a proposta da pesquisa e os convidei a participar da pesquisa. Essas duas turmas que escolhi para desenvolver o trabalho têm como professora da disciplina de História Maria Cristina Rigão Iop.

Distribuí o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 01) aos educandos para que eles levassem aos seus responsáveis legais assinarem o documento autorizando a participação do educando na pesquisa.

A leitura do Termo e a explicitação do seu conteúdo e o esclarecimento da importância do documento, muitas foram às perguntas, entre elas dúvidas sugestões.

ANEXO 02

Foto 01: Apresentação do projeto na Aula da professora Maria Cristina Rigão Iop Turma 72

Foto 02: Apresentação do projeto na Aula da professora Maria Cristina Rigão Iop Turma 71

Fonte: Acervo da autora.

1º AULA - 2º Momento

O educando “A” propôs, que fizéssemos um círculo. A sugestão foi aceita pelos colegas, assim, ao nos colocarmos na roda poderíamos dialogar olhando para nossos colegas de frente. Fiz duas perguntas aos jovens educandos; a primeira pergunta foi: Quem gosta de cinema levanta a mão? Na segunda pergunta questionei: Vocês gostariam de escolher o que estudar? Estas questões foram fundamentais para que eu percebesse o interesse dos educandos com relação à pesquisa e suas respectivas respostas.

ANEXO 02

Foto 03: Roda de conversas sugeridas pelo educando “A”

Foto 04: Roda de conversas organizadas pelo educando “B”

Fonte: Acervo da autora.

2º AULA - 1º Momento

Na sala de informática, durante o período destinado à disciplina de História, foi criado o grupo secreto na rede social *facebook*, pelos jovens estudantes, na sequência, incluíram-se os seus componentes. Nesse momento deu-se início as postagens comentários e curtidas.

ANEXO 02

Foto 05: Foto criação do grupo secreto no *facebook* sugerida pelo educando “B” e “T”.

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 09

Imagem 01: Print da página do *facebook*

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

ANEXO 02

Fotos 06 e 07: Foto dos educandos fazendo adesão ao grupo do *facebook*

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 09

Imagem 01: Print da página do *facebook*

2º AULA - 2º Momento: Ainda na sala de informática em uma roda de conversas foi discutido como escolheríamos os filmes e o critério que orientariam o processo, eu sugeri que primeiramente escolhemos o tema, o grupo escolheu como tema a história do Brasil. Na sequência de forma democrática como procederíamos na realização da pesquisa sobre o tema selecionado, determinado pelo grupo. Partimos em busca de filmes que de alguma forma pudessem contribuir com tema já desenvolvidos pela professora titular da disciplina de História.

ANEXO 02

Fotos 08 e 09: Foto no momento da votação na escolha dos filmes

Fonte: Acervo da autora.

2º AULA - 3º Momento: A minha orientação foi que os estudantes pesquisassem filmes e suas respectivas justificativas para a escolha da obra selecionada, assim como a opinião sobre o filme pesquisado. Os filmes indicados foram enviados para a professora pesquisadora via grupo do *facebook* ou entregue em papel para que no próximo encontro a professora juntamente com alguns educandos fizesse a apresentação da sinopse dos filmes mais indicados.

ANEXO 02

Foto 10 e 11: Foto na sala de informática, momento da pesquisa na internet.

Fonte: Acervo da autora.

3º AULA - 1º Momento: ocorreu a apresentação dos filmes pela professora pesquisadora, em formato de PowerPoint, os filmes mais citados pelo grupo de educandos, suas justificativas e comentários. A seleção do filme a ser assistido ocorreu de forma democrática prevalecendo à opinião da maioria. O critério para a escolha foi que o tema do filme estivesse intimamente relacionado com o 1º momento. Esse momento foi importantíssimo, pois os educandos efetivamente deram início à atuação de protagonistas. A seleção, a escolha dos filmes de aventuras históricas foi realizada de forma democrática de modo que todos os envolvidos participem, e o filme que obtiver a preferência da maioria será exibido.

Apresentação em PowerPoint das sinopses dos filmes selecionados pelos educandos, a montagem foi realizada pelos educandos sob minha orientação, e foi apresentada pelos Educandos “J” e “O”

ANEXO 05

Imagem 02: Captura da imagem - Apresentação em PPT

Fonte: Imagem capturada da tela do computador

ANEXO 02

Foto 12 e 13: apresentação do PowerPoint pelos Educandos “J” e “O”

Fonte: Acervo da autora.

3º AULA - 2º Momento: Realizamos uma roda de conversas sobre os filmes pesquisados.

OBS.: Filmes selecionados pelo grupo de educandos foram CARAMURU – A Invenção do Brasil e A MISSÃO.

4º AULA – Filme CARAMURU

3º Momento: ocorreu no período destinado à aula de história. Realizamos uma roda de conversas no pátio da escola sobre o filme “CARAMURU – A Invenção do Brasil”. Os educandos fizeram a leitura do resumo e do contexto histórico pesquisado por eles, na sequência, eu fiz o comentário, convidando-os para se manifestarem relatando seus entendimentos, dúvidas, iniciando assim um momento de troca discutindo as ações até então realizadas. Destaco a fala de dois educandos durante a discussão. Pois assim eu estarei exemplificando a participação ativa dos jovens estudantes. “Nunca pensei profe que eu podia fazer um trabalho, uma pesquisa que eu gostasse de fazer, eu acho que é porque, nós participamos de tudo como se nós fossemos colegas da professora, e não educando está sendo demais você nos deixou, nós escolhermos...”. (Educando “H”). O (Educando “I”) falou; “... gostei de participar, mas quero ver o filme e ver o que acontece, não dá para gente ver o filme antes dos textos profe”.

ANEXO 02

Foto 14: Realizamos uma roda de conversas no pátio da escola sobre os filmes pesquisados. O primeiro selecionado para exibição foi CARAMURU – A Invenção do Brasil.

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 07 - TRABALHO DE PESQUISA

Trabalho de pesquisa sobre o filme CARAMURU – A Invenção do Brasil

Realizado por um grupo de educandos extremamente envolvidos no contexto da pesquisa.

1ª FILME EXIBIDO – CARAMURU – A Invenção do Brasil

4º AULA – Filme CARAMURU

1º Exibição do Filme na sala de aula CARAMURU – A Invenção do Brasil

4º AULA 1º Momento: O quarto momento foi à sessão de cinema propriamente dita, ocorreu na sala de mídias. Foi usada TV 48, home theater, DVD, o ambiente adaptado com poltronas de PCV, cortinas de blecaute para manter a sala escura, condicionador de ar, exibição sem interrupções. (Este momento teve duração de duas horas)

ANEXO 02

Foto 15, 16 e 17: Foto na sala de informática, exibição do filme CARAMURU – A Invenção do Brasil.

Fonte: Acervo da autora.

4º AULA 2º Momento: Imediatamente após a exibição do filme Caramuru, fizemos um intervalo de 10 minutos, e retornando à sala tivemos um momento de pura descontração no qual fizemos uma roda de conversas, um bate-papo informal. Espaço esse em que cada expectador pode fazer seus comentários, críticas, esclarecer dúvidas, fazer sugestões.

ANEXO 02

Foto 18: Foto discussão após o filme em roda de conversas

Fonte: Acervo da autora.

5º AULA - 3º Momento: Na quinta etapa, o foco recaiu sobre o olhar do educando em termos de afecções, transformações e implicações que o cinema; a produção das narrativas. Roda de conversas, nesse momento cada educando apontará como fará a sua autonarrativa, a oportunidade de expor suas percepções, sensações frente à tela do cinema. Nesta conversa busquei verificar como os educandos se propunham processar o fenômeno da criação, desencadeado pelo audiovisual (disparador de emergências), os educandos foram convidados

a escrevê-la ou a fazer um vídeo de si mesmos (*selfvídeo*) para expor sua opinião sobre a utilização do cinema como fonte documental histórico.

ANEXO 02

Foto14: produção da autonarrativa utilizando o computador da escola

Foto 15: produção da autonarrativa utilizando o celular

Foto 16: produção da autonarrativa utilizando o seu próprio computador

Fonte: Acervo da autora.

6º AULA -1º Momento: O sexto momento foi um tempo de edição das autonarrativas alguns escolheram fazer suas produções. Alguns optaram por fazer escrito à mão, outros utilizaram o computador para escrever a partir de um editor de texto e ainda outros escolheram fazer sua autonarrativa por meio de um *selfvídeo*, mas todas as linguagens certamente retrataram o significado que o cinema exibido em sala de aula teve para cada um dos educandos envolvidos na pesquisa.

ANEXO 02

Foto 17: Foto na sala de aula roda de produção de texto escrito à mão.

Fonte: Acervo da autora.

6º AULA - 2º Momento: Outro grupo escolheu fazer a redação da sua autonarrativa no computador utilizando editor de texto.

ANEXO 02

Foto 18: Foto na sala de informática produção de texto em editor de texto

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 06

Autonarrativas os textos editados no computador.

6º AULA - 3º Momento: Outros educandos preferiram fazer suas autonarrativas a partir de um *selfvídeo*.

ANEXO 02

Foto 19: Foto após o filme na sala de informática produção do *selfvídeo*

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 10

CD com os *selfvídeos*.

7º AULA - 1º Momento: O sétimo momento foi organizado em uma roda de conversas. Foi um tempo de reflexão, de avaliarmos junto todo o processo suas possibilidades, limites, do cinema utilizado como fonte documental na sala de aula, com a disciplina de história, momento para refletirmos e avaliarmos o processo de ensino-aprendizagem proposto pela pesquisadora.

ANEXO 02

Foto 20: Foto após o filme na sala de informática avaliação do processo de construção do conhecimento com o filme CARAMURU

Fonte: Acervo da autora.

2ª FILME EXIBIDO - A MISSÃO

1º AULA - filme A Missão

1º AULA - Primeiro momento: O segundo filme exibido na sala de aula foi A MISSÃO, não foi necessário realizar as duas primeiras etapas que aconteceram no início da pesquisa. O primeiro encontro iniciou com a pesquisa e na sequência a exibição do filme pois a sua escolha já havia sido realizada anteriormente. Assim pesquisa teve continuidade.

1º AULA - Segundo momento: Orientei os estudantes a realizarem um trabalho de pesquisa sobre o filme “A MISSÃO” o grupo deveria colocar as respectivas justificativas para a escolha da obra selecionada, assim como a opinião sobre o filme pesquisado. A pesquisa iniciou na sala de aula de informática durante o período destinado à aula de História, e foi concluída o trabalho em casa pelos educandos que via e-mail, trocaram ideias, textos, dúvidas.

ANEXO 06 - TRABALHO DE PESQUISA

Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos em grupo sobre o filme A MISSÃO

ANEXO 02

Foto 11: Foto na sala de informática pesquisando o sobre o filme A MISSÃO.

Fonte: Acervo da autora.

2º AULA – Exibição do Filme “A MISSÃO”

Primeiro momento: O quarto momento foi à sessão de cinema propriamente dita, ocorreu na sala de mídias. Foi usada TV 48, home theater, DVD, o ambiente adaptado com poltronas de PCV, cortinas de blecaute para manter a sala escura, condicionador de ar, exibição sem interrupções. Este momento teve duração de duas horas no turno inverso.

ANEXO 02

Foto 19 e 20: Foto da sessão de cinema

Fonte: Acervo da autora.

2º AULA – Segundo momento: Logo após a exibição do filme A Missão, hora do intervalo de 10 minutos, ao retornar à sala de informática tivemos um momento de legítima sociabilidade no qual fizemos uma roda de conversas, uma conversa informal. Este espaço em que cada jovem faz suas considerações, entendimento, sensações, esclarecer dúvidas, fazer sugestões.

ANEXO 02

Foto 21: Foto discussão após o filme em roda de conversas

Fonte: Acervo da autora.

3º AULA - Primeiro momento: Neste momento, novamente o foco recai sobre a perspectiva do educando sobre o filme A Missão em termos de afecções, transformações e implicações que o cinema pode despertar. A produção das autorrnativa, a qual terá as percepções dos educandos acerca do filme como um disparador de emergências, a partir da sessão de cinema os educandos iriam escrever fazer um *selfvídeo* e assim expor sua percepção, opinião sobre a utilização do cinema e ou como foram tocados pelo filme (fonte documental-histórica).

Todos tiveram a liberdade de escolher qual a linguagem que mais lhes convinha para retrataram o significado que o cinema exibido em sala de aula teve para cada um dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A ação de escrever/filmar é um momento auto-organizativo no ato de produzir a autonarrativa, um instrumento capaz de demonstrar seus entendimentos sejam eles, sensíveis

ou inteligíveis, emotivos ou racionais, enfim o ato de escrever sobre o que vê é complexo e envolve a construção subjetiva /cognitiva na perspectiva do expectador, o educando/sujeito.

ANEXO 02

Foto 25: produção utilizando o computador da escola

Foto 26: produção utilizando o celular

Foto 27: produção utilizando o seu próprio computador

Fonte: Acervo da autora.

4º AULA - Primeiro momento: O sexto momento foi um tempo de edição das autonarrativas independente do formato que cada educando escolheu para demonstrar as suas percepções sobre o processo ensino-aprendizagem. Foi o momento o qual oportuniza aos jovens estudantes editar a apresentação das suas autonarrativas, sendo elas escritas a mão ou no editor de texto, ou ainda, podem ser filmadas.

4º AULA - Segundo momento: Um grupo de educandos escolheu fazer à edição da sua autonarrativa escrita a mão com papel e caneta (passaram a limpo).

ANEXO 02

Foto 28 e 29: Foto na sala de aula roda de produção de texto escrito à mão.

Fonte: Acervo da autora.

4º AULA - Terceiro momento: Outro grupo escolheu fazer a edição da sua autonarrativa no computador utilizando editor de texto.

ANEXO 02

Foto 30, 31 e 32: Foto na sala de informática produção de texto em editor de texto

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 07

Autonarrativas produzidas pelos educandos.

Fonte: Acervo da autora.

4º AULA - Quarto momento: A edição das autonarrativas a partir de um *selfvídeo* pelos educandos que optaram por esse formato de representação da autonarrativa, outro grupo editou os textos no computador e outros educandos passaram a limpo os textos em papel.

ANEXO 02

Foto 33: Foto na sala de informática produção do *selfvídeo* educando “L”

Fonte: Acervo da autora.

ANEXO 08

CD com os *selfvídeos*.

5º AULA -Primeiro momento: O sétimo encontro ocorreu em uma roda de conversas, foi um tempo de reflexão de avaliarmos junto todo o processo suas possibilidades, limites, do cinema utilizado como fonte documental na sala de aula, com a disciplina de história, momento para refletirmos e avaliarmos o processo de ensino-aprendizagem proposto pela mim.

ANEXO 02

Foto 34: Última roda de conversas para avaliarmos as atividades com os filmes selecionados para o estudo: CARAMURU e A MISSÃO.

Fonte: Acervo da autora

ANEXO 04 – Conteúdo da Grade Curricular da Disciplina de História**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE NÓBREGA**

Rua João Olinto Réquia, s/nº, Vila Rossato, Santa Maria, RS

Fone: (55) 3222 4412 E-mail: empadrenobrega@gmail.com

7º Ano – História- Profª Adriana Aires Pereira /2014

“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”

FREIRE, Paulo (p. 25).

APRESENTAÇÃO:

Paulo Freire nos ensina a refletir, sobre os saberes necessários à praticada educação e do mundo em que vivemos. Proporcionar aos nossos alunos uma autonomia criativa que auxilia na construção de uma sociedade organizada e próspera. Ensinando-nos como devemos lidar com uma liberdade com responsabilidade, e passar isto aos nossos educandos, levá-lo, saber ouvir, a pensar com certeza de seus atos e atitudes, um sujeito em constante formação.

OBJETIVO GERAL:

Oportunizar aos alunos conhecer a história do Mundo e do Brasil, levando-os a compreensão dos saberes do passado relacionando-os com o presente, para que assim eles busquem a compreensão das sociedades ao longo do tempo e como elas se modificam em lugares e tempos singulares, movimentando diferentes etnias, culturas e propiciando a formação de sistemas políticos que através da história se tornaram determinantes na configuração da atual conjuntura que vivemos.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

*Oportunizar aos alunos a curiosidade quanto à utilização dos recursos tecnológicos para a construção do conhecimento históricos tenham implicações cognitivo/subjetivo;

* Proporcionar a reflexão crítica sobre os temas históricos estudados, para que ocorra o processo de autoconstrução da aprendizagem nos estudantes ao se apropriarem dos conhecimentos históricos;

* Apresentar aos alunos o cinema no contexto específico, que é o da escola e o da educação na perspectiva autopoietico-sistêmica, que os conduzirá ao processo de construção da aprendizagem significativa;

* Inter-relacionar aos conteúdos curriculares da disciplina de história aos temas transversais; cidadania, meio ambiente, consciência negra, direitos humanos;

INTENÇÃO EDUCATIVA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA:

Entender a História como o estudo dos seres humanos em suas relações sociais, sob diferentes tempos e espaços, perceber as experiências humanas em seu constante processo de transformação fazendo com que os homens sejam sujeitos e produtos da História, perceber o movimento e a diversidade, estabelecendo comparações entre grupos e sociedades, situar-se diante das permanências e mudanças, rupturas e continuidades. Objetiva-se que os alunos possam ampliar suas capacidades lançando um novo olhar sobre as múltiplas possibilidades da sociedade e dos processos de compreensão humana e desenvolvendo a autonomia e a compreensão da realidade e descubra-se como participante e corresponsável na vida social.

AVALIAÇÃO

É função da avaliação da aprendizagem a partir de critérios institucionais da Escola Padre Nóbrega, a disciplina de História busca:

Diagnosticar: caracterizar o aluno quanto aos seus interesses, necessidades, conhecimentos e habilidades; identificar dificuldades e possíveis causas;

Retroinformar: Há escola proporciona subsídios para replanejamento do trabalho docente;

Estimular:

- O desenvolvimento individual e coletivo;
- O seu autoconhecimento;
- A cooperação e participação;
- Auto avaliação.

A avaliação ocorre durante todo o processo de ensino aprendizagem, por meio de instrumentos formais e estratégias informais de observação e interpretação qualitativa das habilidades, competências e conhecimentos construídos pelo educando.

No contexto do programa de Educação Integral, desenvolvido por mim responsável da disciplina de história, que se propõem utilizar uma metodologia avaliativa participativa, colaborativa que estimule a aprendizagem dando ênfase as implicações cognitivas/subjetivas na construção do conhecimento, considerando a importância de diferentes tipos de aprendizagem, além dos aspectos conceituais inerentes à disciplina de História. Abordo e avalio, portanto, o conhecimento do aluno nas seguintes categorias:

- A avaliação dos conteúdos procedimentais, que implicam no saber fazer, isto é, se dá quando verificamos o desempenho do aluno na aquisição do saber dialogar, debater, fazer pesquisa, trabalhar em equipe, utilizar instrumentos, tecnológicos digitais.
- A avaliação dos conteúdos conceituais, que se situam, especialmente, dentro das capacidades cognitivas. A metodologia que adoto para avaliação da aprendizagem dos conceitos é o domínio deles expresso por meio de representações por escrito, utilizando de habilidades cognitivas de progressiva complexidade, tais como: transferência, dedução, classificação, inferência, análise, síntese, julgamento, construção, etc.

OS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

O processo de recuperação se desenvolve em sistema de monitoria, para disciplina de História, durante cada etapa, e realização de atividades avaliativas, na sequência após a identificação das dificuldades apresentadas oferece-se recuperação no decorrer de cada etapa.

Com o objetivo de oferecer ao aluno outras possibilidades de construção da aprendizagem de conteúdos e competências, realizam-se os estudos de recuperação paralela a cada etapa (trimestre).

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

"Queremos cabeças bem cheias ou bem feitas? Alunos alegres ou instruídos? Um desenvolvimento global ou aquisição de noções? Queremos interiorizar normas ou desenvolver a criatividade e a autonomia? "

PERRENOUD, Phillipe

A disciplina de História se pauta nas disposições gerais do Capítulo II do artigo 21, Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), consta, entre os critérios, par a verificação do rendimento escolar na Educação Básica:

A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do educando, destacando-se os aspectos, avaliativos e os resultados no processo sobre os quantitativos e os das provas finais;

“Experimenta-te”

Nietzsche.

OBSERVAÇÃO:

O Item, PROJETOS é uma proposta que poderá ser alterado segundo a proposta de cada turma para o desenvolvimento das atividades para 2014 a 2017.

Realizado com base na matriz curricular do Colégio Marista

<http://marista.edu.br/diocesano/files/2010/01/matriz-curricular-7-ano-marista.pdf>

1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS 2014

OBSERVAÇÃO: O Item, PROJETOS é uma proposta que poderá ser alterado segundo a proposta de cada turma para o desenvolvimento das atividades para 2014.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	DESCRITORE	PROJETO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
1 Europa-As migrações e o feudalismo -A Idade Média -As migrações bárbaras -O reino dos francos -Carlos Magno e o Império Franco -A formação do feudalismo -As novas invasões Previsão-Cinco horas aulas	Estudar a configuração do feudalismo e suas relações simbólicas na Europa medieval a partir da historiografia sobre o período, identificando continuidades e rupturas históricas. Caracterizar a economia local e as técnicas utilizadas para produção.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de História em quadrinhos sobre um dos temas abordados durante a primeira síntese, em parceria com o professor de artes. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos Prévios dos alunos ✓ Textos ✓ Livro didático ✓ Pesquisas ✓ Interpretação de imagens ✓ Filme. ✓ Estabelecer um paralelo entre passado e presente. ✓ Multimídia ✓ Mapa ✓ Trabalhos em grupo. ✓ Cartaz ✓ Jogo ✓ História em quadrinhos ✓ Atividades avaliativas ✓ Avaliação contínua e diária ✓ Recuperação paralela das atividades realizadas no decorrer do trimestre ✓ Problematização, trabalho com diferentes fontes históricas, fontes bibliográficas e pesquisas; ✓ Promover autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos; ✓ Incentivar o acesso à informação para confrontar dados e abordagens, instrumentos importantes na construção do conhecimento;
3. O feudalismo - Características do feudalismo - A agricultura, o comércio e o artesanato no feudalismo Previsão-Quatro horas aulas	2. Estudar a configuração do feudalismo e suas relações simbólicas na Europa medieval a partir da historiografia sobre o período, identificando continuidades e rupturas históricas 3. 4. Caracterizar a economia local e as técnicas utilizadas para produção.	<ul style="list-style-type: none"> • “Vivendo na Idade Média”: Exposição de um cenário da época medieval, como castelos, princesas, nobres, servos, suseranos e vassalos – utensílios, trajes e vestimentas. 	
4. A cultura na Europa feudal - A cultura medieval - A produção do conhecimento na Idade Média - A Igreja e a espiritualidade Previsão-Cinco horas aulas	Analisar o funcionamento da produção local e seu lento desenvolvimento; Compreender a educação no período feudal e relacioná-la à arte e a cultura; Reconhecer o papel da Igreja na sociedade feudal.	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição de mural com o trabalho concluído 	
5. As origens e a expansão do islamismo - Arábia pré-islâmica - O islamismo e a formação do Estado árabe.	Conhecer a formação do mundo islâmico; Desconstruir a associação entre Islamismo e		

Previsão-Duas horas aulas	terrorismo.		
6. A consolidação do islamismo nos séculos X a XIV - A economia do império islâmico - Aspectos culturais do Império islâmico Previsão-Duas horas aulas	Identificar os fatores que levaram a expansão e consolidação do islamismo. Compreender e respeitar as diversas crenças religiosas no mundo;	<ul style="list-style-type: none"> Exposição de um cenário da época utensílios, trajes e vestimentas. Dentre os grupos, serão selecionados alguns para apresentar uma peça teatral, fazendo jus ao cenário e ao indumentário utilizado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos Prévios dos alunos ✓ Textos ✓ Livro didático ✓ Pesquisas ✓ Interpretação de imagens ✓ Filme. ✓ Multimídia ✓ Trabalhos em grupo.
7. A África dos grandes reinos. - O continente africano: espaço físico e seu povoamento - Os Estados da África - Os povos africanos - Os grandes reinos da África Previsão-Três horas aulas	Reconhecer a importância do estudo da África para a compreensão histórica e cultural brasileira.	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de vídeo (curta metragem) sobre um tema sobre a Reforma Protestante e Contrarreforma. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mural ✓ Produção de texto ✓ Maquete ✓ Cartaz ✓ Atividade para fixação do conteúdo ✓ Atividades avaliativas ✓ Avaliação contínua e diária ✓ Recuperação
8. O crescimento do comércio e das cidades. - O crescimento populacional (século XI a XIII) - As transformações econômicas - O crescimento do comércio local - A expansão militar - As Cruzadas e as ordens militares Previsão-Cinco horas aulas	Conhecer o processo de consolidação do Feudalismo e dos aspectos políticos, econômicos e culturais essenciais desse sistema.	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de maquete sobre a Grandes Navegações 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Avaliação contínua e diária ✓ Recuperação paralela das atividades realizadas no decorrer do trimestre ✓ Problematização, trabalho com diferentes fontes históricas, fontes bibliográficas e pesquisas; ✓ Promover autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos; ✓ Incentivar o acesso à informação para confrontar dados e abordagens, instrumentos importantes na construção do conhecimento;
9. Mudanças na Europa: economia, sociedade e política. - O renascimento comercial e urbano - A crise do século XIV Previsão-Três horas aulas	Descrever o contexto de crise do sistema feudal e os fenômenos históricos a ele associados cruzadas, renascimento comercial e urbano, crise do século XIV; Identificar aspectos relativos à formação das monarquias centralizadas.	<ul style="list-style-type: none"> Interpretação de imagens renascentistas apresentação digital 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos Prévios dos alunos ✓ Texto ✓ Livro Didático ✓ Pesquisa ✓ Interpretação de imagens ✓ Filme ✓ Trabalhos em grupo

<p>10. A formação dos Estados nacionais na Europa Ocidental</p> <ul style="list-style-type: none"> - A formação do reino de Portugal - A unidade espanhola - A França rumo a centralização - A centralização política da Inglaterra <p>Previsão-Quatro horas aulas</p>	<p>Analisar, interpretar e questionar o surgimento dos Estados Nacionais. Situar a diversas produções culturais, artísticas, religiosas e científicas nos contextos históricos de sua constituição e significação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar Multimídia para apresentar a contra reforma 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelecer um paralelo entre passado e presente. ✓ Multimídia ✓ Produção de texto ✓ Cartaz ✓ História em quadrinhos ✓ Atividades de fixação do conteúdo ✓ Atividades avaliativas ✓ Avaliação contínua e diária
<p>11. O Renascimento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma nova visão de mundo - Humanismo: o homem como medida de todas as coisas - As ciências <p>Previsão-Cinco horas aulas</p>	<p>Analisar as modificações culturais, artísticas e científicas promovida pelo Renascimento;</p> <p>Compreender o legado deixado pelos humanistas e renascentistas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cartaz representando rotas marítimas seus objetivos e resultados 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Recuperação paralela das atividades realizadas no decorrer do trimestre ✓ Problematização, trabalho com diferentes fontes históricas, fontes bibliográficas e pesquisas; ✓ Promover autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos;
<p>12. As Igrejas protestantes e a Contrarreforma</p> <ul style="list-style-type: none"> - A crise da Igreja Católica - A Reforma Protestante - A contrarreforma católica - A cristandade dividida <p>Previsão-Quatro horas aulas</p>	<p>Compreender as causas e consequências da Reforma Protestante e da contrarreforma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • PowerPoint - Sobre a diversidade cultural da América pré-colombiana 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Incentivar o acesso à informação para confrontar dados e abordagens, instrumentos importantes na construção do conhecimento; ✓ Conhecimentos Prévios dos alunos ✓ Texto ✓ Livro Didático ✓ Pesquisa ✓ Filme ✓ Interpretação de imagens
<p>13. As Grandes Navegações</p> <ul style="list-style-type: none"> - O pensamento econômico europeu: séculos XV-XVII - A expansão marítima portuguesa - A expansão marítima espanhola - O resultado da expansão marítima - O tratado de Tordesilhas <p>Previsão-Cinco horas aulas</p>	<p>Entender os motivos das viagens marítimas promovidas pelos europeus no século XV;</p> <p>Perceber o pioneirismo de Portugal;</p> <p>Compreender a disputa entre portugueses e espanhóis pela conquista de novas terras; entender o Tordesilhas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mural sobre o trabalho indígena no território do Brasil 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalhos em grupo. ✓ Estabelecer um paralelo entre passado e presente. ✓ Multimídia ✓ Maquete ✓ Cartaz ✓ Mural ✓ Produção de texto

<p>14. As civilizações da América pré-colombiana</p> <ul style="list-style-type: none"> - A diversidade cultural da América pré-colombiana - Os maias - Os astecas - Os incas <p>Previsão-Quatro horas aulas</p>	<p>Refletir sobre o aspecto do encontro entre europeus e americanos; compreender o mercantilismo e sua importância para as Grandes Navegações; identificar e localizar diferentes povos que habitavam a América na época da chegada dos europeus; compreender a organização dos astecas, maias e incas;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Maquete sobre os engenhos de açúcar, trabalho, cultura, estrutura física. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Atividade de fixação do conteúdo ✓ Atividades avaliativas ✓ Avaliação contínua e diária ✓ Recuperação paralela das atividades realizadas no decorrer do trimestre ✓ Problematização, trabalho com diferentes fontes históricas, fontes bibliográficas e pesquisas; ✓ Promover autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos;
<p>15. O domínio espanhol na América</p> <ul style="list-style-type: none"> - A conquista do Império Asteca - A conquista da Império Inca - As causas do domínio espanhol - A prata e o ouro em abundância - O sistema colonial - A organização da sociedade colonial - Exploração do trabalho indígena - A Igreja católica e a colonização da América <p>Previsão-Seis horas aulas</p>	<p>Identificar os aspectos da conquista da América pelos espanhóis; compreender o processo de colonização espanhola na América; Identificar, localizar e conhecer a organização da sociedade colonial na América Andina e Central.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Texto: Tributação no Brasil Colônia, Pesquisa relacionando com a função social dos tributos no Brasil 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Incentivar o acesso à informação para confrontar dados e abordagens, instrumentos importantes na construção do conhecimento;
<p>16. América portuguesa: a colonização do Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> - O período pré-colonial - A colonização na América portuguesa - O governo-geral <p>Previsão-Três horas aulas</p>	<p>Identificar e localizar a chegada dos portugueses ao Brasil; identificar os aspectos administrativos da Coroa Portuguesa no Brasil, identificar a presença de padres jesuítas na colonização do Brasil;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Gincana do conhecimento” projeto conjunto com os professores de História, Português, Geografia e Ensino religioso que envolverá um jogo de perguntas e respostas 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos Prévios dos alunos ✓ Texto ✓ Livro Didático ✓ Pesquisa ✓ Filme ✓ Interpretação de imagens ✓ Trabalhos em grupo. ✓ Estabelecer um paralelo entre passado e presente. ✓ Multimídia ✓ Maquete ✓ Cartaz ✓ Mural ✓ Produção de texto
<p>17. Açúcar: o principal negócio da colônia</p> <ul style="list-style-type: none"> - O açúcar brasileiro - O processo de produção açucareira - Os trabalhos no engenho - Atividades econômicas 	<p>Entender como funcionava os engenhos de açúcar na colônia portuguesa;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Gincana do conhecimento” projeto conjunto com os professores de História, Português, Geografia e Ensino religioso que envolverá um jogo de perguntas e respostas 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Atividade de fixação do conteúdo ✓ Atividades avaliativas

complementares Previsão-Cinco horas aulas	Perceber a contribuição da mão de obra de escravos	sobre os conteúdos estudados até o presente momento, bem como tarefas-relâmpago dadas em aula ou publicadas no blog da Escola.	✓ Avaliação contínua e diária ✓ Recuperação paralela das atividades realizadas no decorrer do trimestre ✓ Problematização, trabalho com diferentes fontes históricas, fontes bibliográficas e pesquisas; ✓ Promover autonomia na realização de trabalhos individuais e coletivos; ✓ Incentivar o acesso à informação para confrontar dados e abordagens, instrumentos importantes na construção do conhecimento;
18. Escravidão e resistência - A escravidão na África - O tráfico negreiro Previsão-Três horas aulas	Identificar e refletir sobre as formas de resistência a escravidão;		
19. A vida nos engenhos - A sociedade açucareira - Senhores e escravos Previsão-Três horas aulas	Conhecer a formação da sociedade canavieira; Perceber e compreender aspectos da religiosidade no Brasil colonial.		
20. A União Ibérica e a ocupação holandesa no Brasil colonial - Problemas na Europa, efeitos na América - As invasões holandesas - O fim da União ibérica : a restauração Previsão-Quatro horas aulas	Compreender a invasão francesa e holandesa ao Brasil português; Destacar o açúcar como a principal economia comercial.		

OBSERVAÇÃO: O Item, PROJETOS é uma proposta que poderá ser alterado segundo a proposta de cada turma para o desenvolvimento das atividades para 2014.

- FUNÇÃO SOCIAL DOS TRIBUTOS
<http://www.nre.seed.pr.gov.br/amnorte/arquivos/File/caderno3.pdf>
- A HISTÓRIA DA ARTE DA IDADE MÉDIA
<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-arte-da-idade-media/>
- A HISTÓRIA DA ARTE GÓTICA
<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-arte-gotica1/>
- HISTÓRIA DA ARTE RENASCENTISTA
<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-arte-do-renascimento/>
- A HISTÓRIA DA ARTE DO CINEMA
<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-arte-do-cinema/>

ANEXO 05 – Apresentação em PowerPoint – pela professora e educandos.



INUSITADO OLHAR FRENTE À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO

Adriana Aires Pereira
Bolsista: CAPES/PROSUP-Taxa
Drª. Nize Maria Campos Pellanda
Professora Orientadora-UNISC



1492 A Conquista Do Paraíso

O filme narra à história do navegador genovês Cristovão Colombo. Além de contar os fatos marcantes do descobrimento da América, o diretor mostra Colombo como alguém que está realizando algo grandioso, cumprindo um ritual digno de herói, com um final inusitado. Como, se ele terminou esquecido e foi seu filho que escrevendo uma biografia coloca seu pai no seu verdadeiro lugar na história.



CARAMURU - A Invenção do Brasil

O filme conta a história de Diogo Álvares Correia (1475?-1557) é apelidado de Caramuru pelos tupinambás. É encontrado entre os tupinambás na Baía de Todos os Santos, em 1531, pela expedição de Martim Afonso de Souza. Segundo relato da época, havia 22 anos que vivia entre os índios. Calcula-se que tenha nascido em Viana do Castelo e naufragado em costas brasileiras, junto com uma nau portuguesa, em 1509. Oito companheiros que com ele alcançam as praias são devorados pelos tupinambás. Há várias versões do por que Caramuru é poupado. Uma delas, ele teria imposto medo aos índios ao disparar uma arma de fogo, daí o novo nome, que significaria homem do fogo, filho do trovão. De qualquer modo, ganha a confiança da tribo e casa-se com a índia Paraguaçu. Caramuru morre em Salvador em 1557 e Paraguaçu vive mais 26 anos.



CARAMURU - A Invenção do Brasil

É um filme brasileiro de 2001, do gênero comédia, dirigido por Guel Arraes e escrito por ele e Jorge Furtado. O filme tem como ponto central a história de Diogo Álvares, artista português, pintor talentoso, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira — a do Caramuru. Antes, porém, Diogo é responsável por uma confusão envolvendo os mapas que seriam usados nas viagens de Pedro Álvares Cabral. Contratado por Dom Jaime, o cartógrafo do rei, para ilustrar o precioso documento, ele acaba sendo joguete de uma francesa, Isabelle, que vive na corte em busca de ouro, poder e bons relacionamentos. Ela rouba-lhe o mapa e o artista é deportado. Na viagem, Diogo conhece Heitor, um degredado cult, quase precursor do que hoje em dia se conhece como modileiro. Como muitas caravelas que se arriscavam, a de Vasco de Atahyde naufraga. Mas Diogo consegue chegar ao Brasil e o infortúnio acaba sendo um auxílio para dar início à história de amor entre ele e Paraguaçu, a índia que conhece ao chegar ao novo mundo, ao paraíso bíblico sonhado. Mais tarde, a história do naufrago iria se espalhar, assim como a lenda de que ele foi o primeiro rei do Brasil.



A MISSÃO

É um filme britânico de 1986, um drama histórico dirigido por Roland Joffé e com trilha sonora de Ennio Morricone. No final do século XVIII, Rodrigo Mendoza é um mercador de escravos espanhol que faz da violência seu modo de vida, e ele mata o próprio irmão na disputa pela mulher que ama. Porém, o remorso leva-o a juntar-se aos jesuítas, nas florestas brasileiras. Lá, ele fará de tudo para defender os índios que antes escravizara. Ter fé e dedicar tempo, trabalho, conhecimento e a própria vida para fazer com que pessoas relegadas ao esquecimento possam atingir Deus. Ao iniciar a Contra-Reforma (ou Reforma Católica) convertendo o gentio americano (os índios do Novo Mundo) aos ditames da Bíblia. O filme conta a saga dos jesuítas que viveram na fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, na região de Foz do Iguaçu, onde se estabeleceram os Sete Povos das Missões.



DESMUNDO

É um filme brasileiro de 2003, dirigido por Alain Fresnot. O roteiro, adaptação do livro *Desmundo*, de Ana Miranda, é de Sabina Anzuategui, Anna Muylaert e do próprio diretor Alain Fresnot. Brasil.

Todo o elenco teve que aprender o português arcaico, tanto que o filme é apresentado com legendas para ajudar na compreensão. O filme é ambientado em 1570, época em que os portugueses enviavam órfãs ao Brasil para que casassem com os colonizadores. A tentativa era minimizar o nascimento dos filhos com as índias e que os portugueses tivessem casamentos brancos e cristãos. Essas órfãs viviam em conventos e muitas delas desejavam ser religiosas. Oribela, uma dessas jovens, é obrigada a casar com Francisco de Albuquerque.



VERMELHO BRASIL

É um filme épico histórico baseado no livro homônimo (*Rouge Brésil*) do escritor francês Jean-Christophe Rufin e dirigido pelo canadense Sylvain Archambault.

A história relata a passagem da expedição francesa de Nicolas Durand de Villegagnon na baía e nas terras em que hoje é a atual Baía de Guanabara e a cidade do Rio de Janeiro, por volta da década de 1550.

Com o patrocínio da Coroa Francesa, Villegagnon tenta criar uma colônia, a chamada França Antártica, mas este projeto é fracassado, pois a resistência portuguesa, com a ajuda dos índios, expulsam os invasores da região.



Uma história de amor e fúria.

É um filme de animação brasileira, do gênero ficção científica, escrito e dirigido por Luiz Bolognesi. Foi lançado em 5 de abril de 2013 nos cinemas brasileiros e nos cinemas portugueses a 26 de fevereiro de 2015. O enredo conta a história de um homem que está vivo há 600 anos no Brasil. O protagonista passa por momentos marcantes da história do país, desde os conflitos indígenas na época da chegada dos europeus, passando pela Balaiada, no Maranhão, pela ditadura militar e a guerra pela água num futuro não tão distante em 2096. *Uma História de Amor e Fúria* venceu o principal prêmio do Annecy International Animated Film Festival, na França, tornando-se a primeira animação brasileira a ser selecionada para essa competição. Foi um dos 19 filmes submetidos ao Oscar de melhor filme de animação na edição 86 de 2014.



O descobrimento do Brasil.

É um filme brasileiro de Humberto Mauro produzido em 1936, com trilha sonora de Heitor Vila-Lobos. Realizado com o apoio do governo brasileiro pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, e produção do Instituto de Cacau da Bahia sob a orientação do presidente Ignácio Tosta Filho; colaboração e verificação histórica de Edgar Roquette Pinto, Afonso de E. Taunay e Bernardino José de Souza. Foi restaurado em 1997 pelo CTAv/FUNARTE a partir de um contratipo recuperado pela Cinemateca Brasileira. Direção de Humberto Mauro, Brasil, 1936.



República Guarani Documentário

É um documentário brasileiro de 1981, dirigido por Silvio Back. Conta através de depoimentos de estudiosos e pesquisadores históricos do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai e extensa iconografia, a história dos índios Guaranis que sofreram a catequese dos jesuítas e foram organizados em missões localizadas naqueles países, de 1609 a 1768.



A ilha dos Escravos

O filme se passa no século XIX, durante uma revolta de miguelistas exilados em Cabo Verde, e centra-se num triângulo amoroso envolvendo a Maria (Vanessa Giácomo), João (Ângelo Torres) e Albano Lopes (Diogo Infante). Maria é filha de um fazendeiro, João é um escravo e Albano Lopes um oficial miguelista. Um levantamento de tropas, na cidade da Praia, instigado por oficiais banidos para o arquipélago, em consequência da derrota dos partidários do infante D. Miguel, na guerra civil portuguesa, é a parte histórica do filme. Os rebeldes, contrariando as suas próprias convicções antiliberais, tentam aliciar para seu campo a população escrava, à falta de outros meios humanos que lhes corporizem os desígnios.



INUSITADO OLHAR FRENTA À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO

Os dois filmes mais voados pelo grupo de alunos para exibição foi: **Caramuru** e **A missão**




Adriana Aires Pereira
Bolsista: CAPES/PROSUP-Toxé
Drª. Nize Maria Campos Pellanda
Professora Orientadora-UNISC



INUSITADO OLHAR FRENTA À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO

VÍDEOS PESQUISADOS E SUGERIDOS PELOS EDUCANDOS



Adriana Aires Pereira
Bolsista: CAPES/PROSUP-Toxé
Drª. Nize Maria Campos Pellanda
Professora Orientadora-UNISC



INUSITADO OLHAR FRENTA À TELA DO CINEMA: A EXIBIÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA UM NOVO REENCANTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO



Adriana Aires Pereira
Bolsista: CAPES/PROSUP-Toxé
Drª. Nize Maria Campos Pellanda
Professora Orientadora-UNISC

ANEXO 06 – TRABALHO DE PESQUISA.

6.1 TRABALHO DE PESQUISA Sinopse do filme CARAMURU – A Invenção do Brasil (escolhido pelo grupo para pesquisa)



<http://www.cinefilmesonline.net/2014/10/assistir-filme-caramuru-a-invencao-do-brasil-online-dublado.html>

É um filme brasileiro de 2001, do gênero comédia, dirigido por Guel Arraes e escrito por ele e Jorge Furtado.

O filme tem como ponto central a história de Diogo Álvares, artista português, pintor talentoso, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira — a do Caramuru. Antes, porém, Diogo é responsável por uma confusão envolvendo os mapas que seriam usados nas viagens de Pedro Álvares Cabral. Contratado por Dom Jaime, o cartógrafo do rei, para ilustrar o precioso documento, ele acaba sendo joguete de uma francesa, Isabelle, que vive na corte em busca de ouro, poder e bons relacionamentos. Ela rouba-lhe o mapa e o artista é deportado. Na viagem, Diogo conhece Heitor, um degredado *cult*, quase precursor do que hoje em dia se conhece como mochileiro. Como muitas caravelas que se arriscavam, a de Vasco de Atahyde naufraga. Mas Diogo consegue chegar ao Brasil e o infortúnio acaba sendo um auxílio para dar início à história de amor entre ele e Paraguaçu, a índia que conhece ao chegar ao novo mundo, ao paraíso bíblico sonhado. Mais tarde, a história do naufrago iria se espalhar, assim como a lenda de que ele foi o primeiro rei do Brasil.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Caramuru_-_A_Inven%C3%A7%C3%A3o_do_Brasil

<http://profjeancnp.blogspot.com.br/2016/01/caramuru-invencao-do-brasil-eum-filme.html>

Identificação dos educandos responsáveis pela pesquisa: B, D e J

6.2 TRABALHO DE PESQUISA – FILME CARAMURU – A Invenção do Brasil

Resumo: Caramuru narra de forma afetiva, lúdica e bem-humorada uma das histórias mais remotas do imaginário popular brasileiro: o casamento de Caramuru e Paraguaçu tendo como cenário o paraíso tropical que era o Brasil à época do seu descobrimento. E viaja também às cortes de Lisboa quinhentista na época áurea dos descobrimentos portugueses em primorosa recriação de época.

Conta à lenda que o português Diogo Álvares teria nascido em Viana do Castelo, norte de Portugal, em 1475, e dado às costas brasileiras em 1510.

Por sua vez, Paraguaçu teria nascido na ilha de Itaparica, em frente à cidade de Salvador. Itaparica seria também o nome do chefe dos tupinambás, pai da jovem índia.

Logo o encontro amoroso de Caramuru e Paraguaçu ganha um desdobramento inesperado, mas muito bem-vindo. Não é que Moema, irmã mais jovem de Paraguaçu, também se encanta pelo estrangeiro e é plenamente correspondida? O que em outras épocas poderia provocar uma história de sangue transformou-se apenas no primeiro triângulo amoroso da história do país.

Com direção de Guel Arraes e roteiro de Guel Arraes e Jorge Furtado, o filme traz Selton Mello como Diogo Álvares, o Caramuru, Camila Pitanga, como Paraguaçu, e Déborah Secco como Moema, irmã de Paraguaçu. Também estão no elenco Tônico Pereira (Itapararica), Débora Bloch (Isabelle), Luis Mello (Vasco de Athayde), Pedro Paulo Rangel (Dom Jayme) e Diogo Vilela (Heitor).

Com filmagens realizadas em Portugal (Palácio de Queluz, Castelo de Leiria, Mosteiro da Batalha) e Brasil (praia de Picinguaba, no litoral paulista) e estúdios da Central Globo de Produção, no Rio de Janeiro, Caramuru - A Invenção do Brasil foi inteiramente filmado no sistema de alta definição de imagem, o HDTV, com direção de fotografia de Felix Monti. A concepção musical é de Lenine, a produção musical de Carlinhos Borges, a direção de arte de Lia Renha e os figurinos de Caio Albuquerque.

Para inventar o Brasil, Guel Arraes e Jorge Furtado pesquisaram as inúmeras influências que fazem parte da história do país – de Macunaíma a texto de Camões, e somaram rigor com irreverência, humor com afeto, o confronto com leveza em uma comédia histórica focalizando a origem de alguns dos bons e maus costumes desta terra.

Caramuru – A Invenção do Brasil aborda de forma bem-humorada, lúdica e sensual o encontro de dois mundos e as muitas possibilidades de trocas afetivas e culturais.

A História

O descobrimento do Brasil em 1500 faz parte do grande ciclo das descobertas portuguesas iniciado em 1415. Nessa época, Portugal tornou-se o país mais empreendedor e ativo da Europa. Destoava do mundo de então pela audácia de alargar as fronteiras marítimas graças aos conhecimentos náuticos portugueses. Lisboa fervilhava de aventureiros, cavaleiros, navegantes, astrônomos e especialistas no astrolábio e no quadrante.

Houve em torno dos sucessos da navegação portuguesa uma conspiração de silêncio. A espionagem dos países concorrentes campeava entre a população à procura de informações a respeito do comércio marítimo português para a Ásia. Pagava-se um bom dinheiro por mapas que fornecessem indicações seguras.

Com as viagens dos descobrimentos, os portugueses tiveram de considerar o regime dos ventos e das correntes no Atlântico. Esse fato implicou, a partir de meados do século XV, na necessidade de realizar uma navegação oceânica longe da costa. Surgia assim a náutica astronômica - isto é, a capacidade de conhecer a posição aproximada dos navios em alto mar.

D. Henrique fez de Sagres um centro de cartografia, navegação e construção naval. Sabia que o desconhecido só poderia ser descoberto se fossem claramente assinaladas às fronteiras do conhecido. Isto significava atirar para o lixo as caricaturas desenhadas por geógrafos cristãos e substituí-las por mapas cautelosos e fragmentados.

O Infante exigiu que seus marinheiros fizessem diários de bordo e cartas precisas e anotassem, pelo uso dos seus sucessores, tudo quanto vissem da costa.

Na expedição de Pedro Álvares Cabral, os relatórios do capitão-mor e dos pilotos enviados com Gaspar Lemos desapareceram ou foram destruídos. Restaram, como testemunhas autênticas da viagem, as cartas de Pero Vaz de Caminha, mantidas em segredo durante muitos anos, e a de Mestre João.

Caramuru

Personagem exemplar da história dos 500 anos de Brasil, Diogo Álvares Correia – o Caramuru –, viajava em direção às Índias e terminou naufragando na Bahia de Todos os Santos em 1510. Seus companheiros de embarcação foram devorados pelos tupinambás.

Capturado, foi levado para ser devorado festivamente. Paraguaçu, filha do cacique, apaixonou-se por Diogo, que acaba conseguindo se impuser ao encontrar pólvora e algumas armas. Ao disparar um tiro, salva sua vida e ganha o apelido de Caramuru, o Filho do Trovão (há outra versão para o apelido. Caramuru em tupi é o nome de um peixe que vive entre as pedras, na beira do mar, local onde Diogo foi encontrado). Diogo casa-se com Paraguaçu e torna-se chefe dos tupinambás. Casa-se também com Moema, irmã mais jovem da esposa e passa a ter uma vida de rei. De acordo com a lenda, confirmada pela versão de Santa Rita Durão, o naufrago teria sido recuperado por uma nau francesa e, em companhia de Paraguaçu, ido à corte francesa, partindo posteriormente para Portugal, mas retornando ao Brasil.

Conta-se que Caramuru e Paraguaçu tiveram quatro filhas que se casaram com colonos portugueses.

Quando o primeiro governador-geral Tomé de Sousa chegou à Bahia em 1549, Caramuru ainda vivia, assim como durante o governo de Duarte da Costa. Foi sepultado no mosteiro dos jesuítas em Salvador, ao lado da mulher índia, batizada com o nome de Catarina.

Perfil dos Personagens

Diogo Álvares/Caramuru (Selton Mello) - Artista português ingênuo tem mania de melhorar a realidade nas telas. É envolvido em roubo de mapas, punido com o degredo e chega ao Brasil. Se encanta com Paraguaçu e sua irmã Moema. Na dúvida, ficou com as duas. Deu um tiro por acaso e entrou para a História.

Paraguaçu (Camila Pitanga) - Dengosa, sensual, livre de preconceitos. Vive como a natureza manda, e só tropeça na vida quando vai a Portugal e tenta subir uma escada.

Moema (Débora Secco) - Irmãzinha mais nova de Paraguaçu se encanta com o cunhado e é correspondida, fortalecendo ainda mais a harmonia familiar. Pena que não sabia nadar.

Cacique Itaparica (Tônico Pereira) - O chefe dos Tupinambás, pai de Paraguaçu e Moema, pode ser visto como um antecessor de Macunaíma: preguiçoso, malandro, divertido.

Vasco de Atahyde (Luís Mello) - Navegador de origem nobre morre de inveja da concorrência. É o vilão da história que pune Diogo Álvares com o degredo que se transforma na descoberta da felicidade no novo mundo.

Isabelle (Débora Bloch) - Cortesã francesa adora roupas, luxo e intrigas palacianas. Acha-se espertíssima e nem lhe passa pela cabeça cheia de adornos que um dia perderá o jogo para uma índia que substitui o verniz europeu por uma esperteza natural cheia de graça.

Heitor (Diogo Villela) - Degredado de carteirinha, sabe tudo sobre a sobrevivência em naus em busca de novas terras. Representa o mochileiro de outros tempos.

Dom Jayme (Pedro Paulo Rangel) - Cartógrafo do rei prefere não se comprometer, mas acaba se envolvendo na disputa que provocará o degredo de Diogo Álvares.

Crítica

A história (contada nas escolas como real) do português Diogo Álvares (Selton Mello, novamente ótimo), que é degredado para o Brasil e se apaixona pela índia Paraguaçu (Camila Pitanga), serve de base para a deliciosa comédia Caramuru, A Invenção do Brasil, que estreia simultaneamente neste fim de semana em mais de 130 cinemas pelo País.

Como já havia acontecido em O Auto da Compadecida, trata-se de uma minissérie da TV Globo que recebe nova edição e cópias em 35 mm para ganhar lançamento cinematográfico. A diferença técnica principal é o fato de O Auto da Compadecida ter sido filmado em Super 16 mm, enquanto Caramuru foi gravado no sistema HDTV - High Definition Television.

Também na mesma linha de O Auto..., o texto é primoroso, a montagem ágil e o humor inteligente. Assinado por Guel Arraes e Jorge Furtado, o genial roteiro esmiúça a formação do caráter do povo brasileiro, por meio dos nossos mais arraigados valores culturais: a preguiça, a corrupção, a mentira e a sexualidade. Uma caprichada produção - com locações inclusive em Portugal - que usa o bom humor para radiografar a "invenção" do nosso País.

O filme marca, em grande estilo, os dez anos de parceria entre Arraes e Furtado. Juntos, eles foram responsáveis por grandes momentos da TV brasileira, como TV Pirata e Comédia da Vida Privada.

Esta "comédia romântica histórica narrada em tom de fábula", de acordo com o próprio Guel Arraes, tem tudo para se transformar em mais um grande sucesso de público do cinema brasileiro. Com um elenco afiado e um tipo de humor ao mesmo tempo popular e refinado, Caramuru é imperdível.

Sites pesquisados

<http://www.webcine.com.br/notaspro/npcaramu.htm>

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100826100734AAmYW3n>

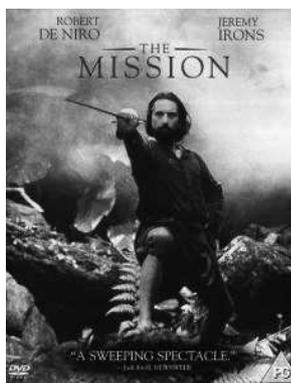
<http://www.cineclick.com.br/criticas/caramuru-a-invencao-do-brasil>

<http://www.webcine.com.br/filmessi/caramuru.htm>

Identificação dos educandos responsáveis pela pesquisa: I, N, P, L, M e B

6.3 TRABALHO DE PESQUISA

Sinopse do Filme - A MISSÃO



<https://historiativanet.wordpress.com/2011/12/05/resenha-do-filme-a-missao/>

É um filme britânico de 1986, um drama histórico dirigido por Roland Joffé e com trilha sonora de Ennio Morricone. Durante o século XVIII o movimento missionário enfrentou problemas na América do Sul, em áreas de litígio entre o colonialismo espanhol e português. No sul do Brasil, a população indígena dos Sete Povos das Missões, foi submetida pelo Tratado de Madrid (1750), um dos principais "tratados de limites" assinados por Portugal e Espanha para definir as áreas colonizadas.

Pelo Tratado de Madrid, ficava estabelecida a transferência dos nativos para margem ocidental do rio Uruguai, o que representaria para os guaranis a destruição do trabalho de muitas gerações e a deportação de mais de 30 mil pessoas. A decisão foi tomada em comum acordo entre Portugal, Espanha e a própria Igreja Católica, que enviou emissários para impor a obediência aos nativos. Os jesuítas ficaram numa situação delicadíssima, pois se apoiassem os indígenas seriam considerados rebeldes, e se contrário, perderiam a confiança deles. Alguns permaneceram ao lado da coroa, mas outros, como o padre Lourenço Balda da missão de São Miguel, deram todo apoio aos nativos, organizando a resistência desses índios à ocupação de suas terras e à escravização. Dá-se o nome de "Guerras Guaraníticas" para esse verdadeiro massacre dos nativos e seus amigos jesuítas por soldados de Portugal e Espanha. Apesar da absurda inferioridade militar, a resistência indígena estendeu-se até 1767, graças as táticas desenvolvidas e as lideranças de Sepé Tiraju e Nicolau Languiru.

No final do século XVIII, os índios já tinham sido dispersados, escravizados, ou ainda estavam refugiados, na tentativa de restabelecer a vida tribal, que os caracterizava antes das missões.

No final do século XVIII, Rodrigo Mendoza é um mercador de escravos espanhol que faz da violência seu modo de vida, e ele mata o próprio irmão na disputa pela mulher que ama. Porém, o remorso leva-o a juntar-se aos jesuítas, nas florestas brasileiras. Lá, ele fará de tudo para defender os índios que antes escravizara.

Sites Utilizados

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090411062334AAangc4>

https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Miss%C3%A3o

<http://pgl.gal/sensibilizar-as-criancas-a-natureza-com-os-filmes-a-missao-e-sangue-sobre-a-neve/>

<http://50anosdefilmes.com.br/2010/a-missao-the-mission/>

Identificação dos educandos responsáveis pela pesquisa: C, H e E

6.4 TRABALHO DE PESQUISA – Trabalho de Pesquisa sobre o filme A Missão

Resumo: No século XVIII, na América do Sul, um violento mercador de escravos indígenas, arrependido pelo assassinato de seu irmão, realiza uma autopenitência e acaba se convertendo como missionário jesuíta em Sete Povos das Missões, região da América do Sul reivindicada por portugueses e espanhóis, e que será palco das "Guerras Guaraníticas".

A Missão indica ter fé e dedicar tempo, trabalho, conhecimento e a própria vida para fazer com que pessoas relegadas ao esquecimento possam atingir Deus. Superar o caos que tomou conta do cenário europeu em virtude do protestantismo de Calvino, Henrique VIII e, principalmente, Lutero. Fazer parte do exército de Cristo, sob o comando de Inácio de Loyola, e iniciar a Contra-Reforma (ou Reforma Católica) convertendo o gentio americano (os índios do Novo Mundo) aos ditames da Bíblia. Tarefa digna de verdadeiros Hércules.

Pois essa é a história que nos é contada (parcialmente) no filme de Rolland Joffé, "A Missão", vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1986 (Melhor Filme). Contando a saga dos jesuítas que viveram na fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, na região de Foz do Iguaçu, onde se estabeleceram os Sete Povos das Missões.

Tendo no elenco artistas do porte de Robert De Niro, Jeremy Irons e um ainda jovem Liam Neeson, o filme contou ainda com uma direção de arte esmerada, figurinos que reproduzem fidedignamente o período retratado, uma belíssima fotografia e um roteiro qualificado produzido por Robert Bolt. O prêmio em Cannes foi consequência de todas essas qualidades.

A história do filme nos mostra um caçador de índios daquela região, capitão Mendonza (Robert De Niro) que em suas buscas dá preferência aos nativos que já tivessem sido catequizados e aculturados pelos religiosos. Esses indígenas apresentavam grandes vantagens em relação aos demais por estar adaptados ao trabalho, à língua, aos modos e aos hábitos dos europeus que viviam na América.

Paralelamente a trama vivida por Mendonza, há o trabalho árduo dos jesuítas. Tudo se iniciando com o desbravamento de uma região virgem e inóspita, onde as densas florestas e os animais selvagens constituíam obstáculos de difícil superação. Não menos hostis e pouco receptivos (pelo menos a princípio), os índios causaram dificuldades a alguns missionários enviados para a região dos Sete Povos. Para que fossem convertidos foi necessária a chegada de um padre mais experiente, capaz de superar qualquer dificuldade, conhecido como Gabriel (o ótimo Jeremy Irons).

Superadas as adversidades naturais e a repulsa inicial dos nativos, coube ao jesuíta impedir a ação do caçador de índios, Capitão Mendonza, em sua região. Ação essa facilitada pelo martírio vivido pelo personagem de De Niro, envolvido num triângulo amoroso de desfecho trágico, que o levou a prisão e a necessidade de superar seu pecado redimindo-se com uma pena exemplar, trabalhar em favor daqueles que haviam sido suas presas preferenciais, os indígenas.

Além das tramas que orientam os caminhos dos personagens principais, "A Missão" consegue mais, discute a questão da disputa que se travava na região pela posse das terras envolvendo Portugal, Espanha e a Igreja Católica (ameaçada de despejo de suas Missões Jesuíticas). Esse acontecimento histórico que se desenrolou por aproximadamente cem anos e foi discutido em diversos acordos entre portugueses e espanhóis acabou fazendo parte do filme, o que confere ao trabalho de Bolt (o roteirista) e de Joffé grandes méritos, afinal, não se trata de tema fácil e de grande aceitação pelo público.

Por motivos como os apresentados (qualidades indiscutíveis no roteiro, fotografia, direção de arte, atuação dos atores, direção segura,...) e, sabendo tratar-se de filme agradável, de bons resultados em termos de bilheteria (o que nos faz crer que "A Missão" seja palatável), esse filme é indispensável para entender melhor esse período da nossa história, principalmente se atentarmos para o fato de que a ação dos jesuítas não é assunto regularmente trabalhado em sala de aula.

Chamem a atenção de seus alunos para o fato de que, apesar dos jesuítas terem se posicionado em favor dos índios, defendendo-os de mercadores de escravos e daqueles que desejavam suas terras, há outro pormenor a respeito da ação dos religiosos da ordem de Inácio de Loyola: – O que eles fizeram com a cultura indígena?

Enredo:

O que acontece nessa época é que, após certo tempo, muitos índios foram liberados de seu trabalho e os senhores escravagistas começaram a sentir falta da mão de obra proporcionada anteriormente pelos nativos.

Esse sentimento fez com que os senhores comessem a patrocinar o uso das “entradas e bandeiras”, expedições que adentravam a mata e capturavam índios para o trabalho escravo, bem como recuperavam nativos que já haviam sido liberados. Essa situação proporcionou um confronto histórico, pois índios que já sabiam ler, escrever e conheciam a bíblia passaram a

ser capturados pelos bandeirantes – equipes que penetravam nas matas em busca de exploração ou “mão-de-obra gratuita”.

Esse período é mostrado no filme. A única pessoa que apoiava as missões dos bandeirantes era o Rei da Espanha. As cortes europeias, já de pensamento iluminista (razão e ciência), se colocavam contra os ensinamentos da Companhia de Jesus (fé e emoção) e, Portugal mandou ordens para que se recuperassem os índios catequizados, aproveitando desse movimento anticristão. O filme conta a história de Rodrigo Mendoza, um violento mercador de escravos que, depois de matar o próprio irmão, se junta aos jesuítas motivado pelo remorso e faz de tudo para defender os índios, antes escravizados por ele.

Ficha Técnica

A MISSÃO – (The Mission)

País/Ano de produção: Inglaterra, 1986.

Duração/Gênero: 125 min., drama.

Disponível em vídeo e DVD

Direção de Rolland Joffé

Roteiro de Robert Bolt

Elenco: Robert De Niro, Jeremy Irons, Liam Neeson, Aidan Quinn

Contexto Histórico

Ao longo dos séculos XVI e XVII várias missões católicas foram criadas pelos jesuítas na América do Sul. Surgidas no século XIII, com as ordens mendicantes, esse trabalho de evangelização e catequese, desenvolveu-se principalmente nos séculos XV e XVI, no contexto da expansão marítima europeia.

Embora tivessem como objetivo a difusão da fé e a conversão dos nativos, as missões acabaram como mais um instrumento do colonialismo, onde em troca do apoio político da Igreja, o Estado se responsabilizava pelo envio e manutenção dos missionários, pela construção de igrejas, além da proteção aos cristãos. Na análise de Darcy Ribeiro em "As Américas e a Civilização", as missões caracterizaram-se como "a tentativa mais bem sucedida da Igreja Católica para cristianizar e assegurar um refúgio às populações indígenas, ameaçadas de absorção ou escravização pelos diversos núcleos de descendentes de

povoadores europeus, para organizá-las em novas bases, capazes de garantir sua subsistência e seu progresso".

Durante o século XVIII o movimento missionário enfrentou problemas na América do Sul, em áreas de litígio entre o colonialismo espanhol e português. No sul do Brasil, a população indígena dos Sete Povos das Missões, foi submetida pelo Tratado de Madrid (1750), um dos principais "tratados de limites" assinados por Portugal e Espanha para definir as áreas colonizadas.

Pelo Tratado de Madrid, ficava estabelecida a transferência dos nativos para margem ocidental do rio Uruguai, o que representaria para os guaranis a destruição do trabalho de muitas gerações e a deportação de mais de 30 mil pessoas. A decisão foi tomada em comum acordo entre Portugal, Espanha e a própria Igreja Católica, que enviou emissários para impor a obediência aos nativos. Os jesuítas ficaram numa situação delicadíssima, pois se apoiassem os indígenas seriam considerados rebeldes, e se contrário, perderiam a confiança deles. Alguns permaneceram ao lado da coroa, mas outros, como o padre Lourenço Balda da missão de São Miguel, deram todo apoio aos nativos, organizando a resistência desses índios à ocupação de suas terras e à escravização. Dá-se o nome de "Guerras Guaraníticas" para esse verdadeiro massacre dos nativos e seus amigos jesuítas por soldados de Portugal e Espanha. Apesar da absurda inferioridade militar, a resistência indígena estendeu-se até 1767, graças às táticas desenvolvidas e as lideranças de Sepé Tirayu e Nicolau Languiru.

No final do século XVIII, os índios já tinham sido dispersados, escravizados, ou ainda estavam refugiados, na tentativa de restabelecer a vida tribal, que os caracterizava antes das missões.

O filme "A Missão" aborda a colonização jesuítica na região formada pela fronteira entre o Brasil, Paraguai e Argentina, onde se situa as cataratas de Foz do Iguaçu. Os eventos narrados estão ambientados no século XVIII.

A história se inicia mostrando o trabalho de evangelização dos índios guaranis por jesuítas. O principal religioso é Padre Gabriel, personagem vivido pelo ator Jeremy Irons. O trabalho dos jesuítas na América do Sul era de tentar converter os índios para o cristianismo e ensiná-los a desenvolver os hábitos comuns aos europeus. Essa tarefa teve bastante sucesso, pois os índios além de adotarem a religião de Roma, passando a acreditar num Deus único, começaram a usar roupas, comer com talheres e fazer coisas sofisticadas para a época, tais como aprender canto lírico e fabricar violinos de excelente qualidade. Na medida em que a colônia –

conhecida como missão, daí o nome do filme – começou a prosperar, o reino de Portugal passou a cobiçá-la, assim como aos índios, para que fossem escravizados.

Paralelamente, o filme conta a história de Rodrigo Mendoza (Robert De Niro), um caçador de escravos que após matar seu irmão em uma discussão movida por ciúmes torna-se padre, como forma de se penitenciar de seu arrependimento. Porém, no momento em que a corte resolve tomar a missão, Padre Rodrigo resolve lutar ao lado dos índios, decepcionando Padre Gabriel, que entendia que um jesuíta não poderia lutar com armas para defender suas convicções.

Ao final, não tendo sido possível para Padre Miguel evitar o conflito junto aos seus superiores, as tropas portuguesas arrasaram a colônia e os índios, havendo um extermínio completo, inclusive dos padres jesuítas.

Sites Pesquisados:

<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=70>

<http://www.zun.com.br/filme-a-missao/>

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=107>

<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-missao.htm>

Identificação dos educandos responsáveis pela pesquisa: F, I, A, M, B e L

ANEXO 07 – Autônarrativas Digitalizadas

ANEXO 7	Autônarrativas dos educandos	193
ANEXO 7.1	Autônarrativa do educando “A”	194
ANEXO 7.2	Autônarrativa do educando “B”	195
ANEXO 7.3	Autônarrativa do educando “C”	196
ANEXO 7.4	Autônarrativa do educando “D”	197
ANEXO 7.5	Autônarrativa do educando “E”	198
ANEXO 7.6	Autônarrativa do educando “F”	199
ANEXO 7.7	Autônarrativa do educando “G”	200
ANEXO 7.8	Autônarrativa do educando “H”	201
ANEXO 7.9	Autônarrativa do educando “I”	202
ANEXO 7.10	Autônarrativa do educando “J”	203
ANEXO 7.11	Autônarrativa do educando “K”	204
ANEXO 7.12	Autônarrativa do educando “L”	205
ANEXO 7.13	Autônarrativa do educando “M”	206
ANEXO 7.14	Autônarrativa do educando “N”	207
ANEXO 7.15	Autônarrativa do educando “O”	208
ANEXO 7.16	Autônarrativa do educando “P”	209

ESCOLA PADRE NÓBREGA

Comentário sobre os filmes na aula de História

Não gostei muito do filme, pois odeio a atuação dos brasileiros. Eu acho que a minha ideia é única aqui na sala de aula, mas a professora disse que quando nos fossemos escrever era para sermos o mais verdadeiro possível.

Mas claro que não odiei tudo eu gosto do jeito que a professora Adriana da aula, gostei também da parte onde a professora falou que nós seríamos os o protagonista da pesquisa.

A professora é apaixonada pela profissão de professora e pelo cinema, eu só to participando por um único motivo eu gosto de cinema. Mas quero que a senhora leve em consideração que eu gostei de participar da pesquisa e de algumas partes do filme Caramuru, mas não gostei muito do filme.

Já o filme A missão, ele é do tipo de filme que eu gosto, foi maneiro, deu para aprender um pouco sobre o que já tínhamos estudado com a profe Cris. Eu sei que o cinema na escola agora é lei, pena que essa lei da prioridade para filme brasileiro.

Mas eu quero dizer que eu gosto muito do jeito que a professora Adriana trabalha o conteúdo e os filmes, to achando que o trabalho da professora é muito diferente, faz a gente gostar de história e de cinema brasileiro. Professora obrigado.

Alisson Maciel turma 71 – 12 anos

Professora de História - Adriana Aires Pereira

Autonarrativa do educando “B”

Nome: Vinícius de Avila Trindade
Idade: 12 anos
Ano: 7º
Turma 71
Turno: manhã
EMEF Padre Nóbrega.

Assistimos ao filme Caramuru na sala de aula com a disciplina de História.

Escrevo aqui meu entendimento sobre o filme Caramuru e ele reforçou o que eu já tinha aprendido na matéria de história, com a professora, só que de um jeito mais divertido e engaçado, na verdade aprendi mais ou menos a mesma coisa da aula comum, só que o filme apresentou outra perspectiva, uma linguagem que pode me levar a viajar para outro lugar e outro tempo sem sair da escola. Por isso também aprovo assistir filmes para aprimorar o meu aprendizado, e dos meus colegas.

Em minha opinião o cinema pode ajudar muito no aprendizado, pois conseguimos aprender muito rápido, porque só os livros e textos às vezes são cansativos demoramos varias aulas para aprender.

Além disso, eu posso ver o que eu só poderia ver se imaginasse, eu e meus colegas podemos com o cinema visualizar características como: vestimenta dos personagens, e características do áudio como: sons de animais e o vocabulário e diálogo dos personagens, a trilha sonora.

O cinema pode compor a formação da minha aprendizagem, ou seja, ele pode ajudar a mim e também aos meus colegas um novo modo de aprender, entendo que o cinema pode nos ensinar nem melhor nem pior, mas de um jeito que usa a mídia e assim teremos uma aprendizagem que reúne livros cinema e tecnologia.

O cinema me dá a sensação de aprender mais facilmente, porque é imediato, rápido e nos podemos escolher, o filme, eu adorei foi Power up.

(Profe Eu ia criar a minha autonarrativa através do selfvídeos, mas, tive problemas para a postagem, então estou fazendo através deste texto).

Autonarrativa do educando “C”

Imagem 1 – Na sala de informática produção do *selfvideo*.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Autonarrativa do educando "D"

Cinema

Meu nome é Cristófer estudo no 7º da Escola Padre Nóbrega.

Minha professora Adriana deu um trabalho que envolva o filme, para complementar o que aprendeu com o filme.

Eu entendi com o filme exibido pela professora Adriana na sala de aula, não foi só para topor furo de outro professor, ou porque o conteúdo já tinha terminado.

O filme foi para nos ajudar a entender o conteúdo que a professora Cristina já havia nos ensinado de um jeito diferente.

Os índios, os portugueses, os espanhóis esses povos tinham costumes muito diferentes, eram bem variáveis, as suas roupas, suas casas de madeira de palha, os castelos, o luxo, canoas alongadas, o uso do coque e a religião, tudo isso foi transformado, quando os europeus e os americanos se encontraram. Os americanos e os europeus se influenciaram um ao outro, seus costumes e troca de conhecimentos.

Autonarrativa do educando “E”

Imagem 2 – Captura da imagem da produção do *selfvideo* na sala de aula.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Disponível em: CD em anexo

Autonarrativa do educando “F”

Imagem 3 – Captura da imagem da produção do *selfvideo* na Biblioteca.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/465771270217030/>

Disponível em: CD em anexo



Nome: Juliana Garvat Flores - Idade 14

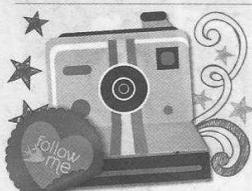
Turma: 72

Escola Padre Nênega

Em relação ao cinema escrita na disciplina de história, a minha opinião é que o filme sei um ótimo jeito de fazer com que ficasse mais fácil de compreender o conteúdo, além de ficar bem mais fácil de lembrar quando estiver fazendo uma avaliação.

Acho que realmente o cinema é um ótimo jeito de aprender.

A imaginação que a imagem e o som que o cinema tem me faz viajar no conteúdo e nos cenários que posso visualizar ao assistir o filme.



Autonarrativa do educando "H"

JULIANI REIS 12 ANOS TURMA: 71

EMEI PADRE NOBREGA

Sim, o filme vivido, o cinema na sala de aula, que é a sala tradicional mas oferece como imagem, tem o movimento.

Mas tem umas coisa que o livro não tem, que é a linguagem visual e auditiva. O filme proporciona uma troca direta.

Eu sinceramente adorei por que contextualizou o que eu tenho imaginado, com as viagens nas coroadas e os mapas, o tipo de vida dos portugueses e os índios que viviam aqui no Brasil, a contradição entre duas culturas, a de Portugal visando a exploração e o lucro e do outro lado o Brasil com os indígenas vivendo em um sistema harmônico com a natureza.



Autonarrativa do educando “I”

NARRATIVA: O Cinema exibido na aula de História

Quero dizer que SIM o filme ajudou na minha aprendizagem, pois além de ter o conteúdo que a profe Cristina ensinou para nós deu para perceber que o conteúdo estava no livro didático, na fala da professora, e nas anotações que a professora colocava no quadro sobre o descobrimento, povoamento e dominação de territórios do Brasil também deu para perceber no cinema, amei.

Quando assisti ao filme a missão o cenário, o conteúdo apresentado pelo cinema me fez sonhar, imaginar, na verdade eu viajei para o lugar e tempo, do filme, com as paisagens lindas, naquele tempo as praias eram lindas os rios eram limpinho isso os habitantes que aqui viviam os índios, respeitavam a natureza.

O filme tem a magia e permite que se aprenda mais sobre o conteúdo o tema do conteúdo de história, mas eu também me dei conta que ali poderia ser desenvolvido conteúdos de geografia, artes e ensino religioso, eu adorei, porque a profe Adriana sempre fala alguma coisa que tem a ver com as outras disciplinas. FIM!!!

Sou Isadora Machado da Silva tenho 13 anos, sou aluna do 7º ano turma 72 estudo no turno da manhã na Escola Padre Nóbrega, essa atividade com cinema aconteceu nas aulas de História com a professora Cristina e com a professora Adriana.

Autonarrativa do educando “J”

Comentário sobre o que eu penso sobre assistir filme na escola.

Gosto muito de cinema então assistir a filmes, pois, achei divertido, mas também, interessante e educativo, sabe é porque o jeito que a professora Adriana propôs para nós é muito diferente, desde o início da nossa pesquisa até o fim eu e meus colegas participamos de verdade da aula.

Eu e meus colegas tivemos a oportunidade de dar opiniões na organização do que faríamos na sequência das aulas, tivemos as rodas de conversas e nesse momento é que nós íamos programando as atividades para os próximos encontros.

Cada filme que era exibido nós fazíamos os encontros mais ou menos igual a do filme anterior, mas na verdade era muito diferente eu acho que a professora Adriana hipnotiza a gente com as suas ideias. As minhas ideias brotam como eu gostaria que fosse às outras disciplinas, e as atividades propostas pela profe é tão diferente que o dia seguinte nunca é igual ao anterior.

Assim como nos dois filmes que nós assistimos sobre a história do Brasil, eu entendi que por mais que as culturas fossem tão diferentes todos que aprenderam a conviver e a conversar aprendiam com a convivência. Portugueses, Espanhóis e indígenas trocando conhecimentos foi muito legal.

Aluna: Emanuelli Couto treze anos

Ano 7º Turma: 71 Turno: manhã

EMEF Padre Nóbrega

Autonarrativa do educando “K”

Escola Padre Nóbrega
Emanuelle Canto de Oliveira. Turma – 71

Assistir filme é muito bom - Caramuru

Meu comentário sobre o filme, eu acho que o cinema exibido na sala de aula é uma ótima iniciativa da professora Adriana, sai do material que todos os professores usam. Aprendi olhar o filme de outro jeito, procurando no texto do filme semelhança com o conteúdo.

O ambiente natural que o filme foi filmado (o cenário) não podia ter cenário mais maravilhoso que nossas cataratas as nossas selvas, os índios verdadeiros, nada de pessoas maquiadas. É uma história é muito forte, é uma coisa muito ruim na história da Igreja, dos Portugueses e dos Espanhóis, ainda existem as ruínas dessas missões aqui no RS e elas mostram a grandeza do trabalho dos índios e dos Jesuítas, numa época sem estradas, sem pontes, sem respeito pelos pelo ser humano que pertence à outra cultura, os índios, que até hoje são discriminados e chamados de burros e preguiçosos é porque eles possuem uma cultura única, mas muito importante para a história.

Caramuru é um filme lindo e triste e eu acho que deveria ser mostrado para os alunos nas outras escolas, os filmes apresentados como a intenção de ensinar a gente a entender que a história esta no filme é muito bom. Esse jeito de aprender com o filme os alunos iriam ter a oportunidade de aprender se divertindo.

Eu recomendo pra todas as escolas é muito legal.

Autonarrativa do educando "L"

Cinema na sala de aula

O cinema pode ser sim um constituinte de conhecimento assim como séries, vídeos games (entre outros) despertando um certo interesse de aprendizagem com o assunto trabalhado, por exemplo eu quando vejo um filme me interessa mais pelo conteúdo.

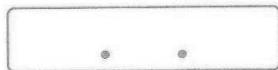
O filme caramuru trabalhado pela professora deu uma perspectiva um pouco diferente a história com ação, figurino e cenário sem contar com uma perspectiva mais engripada.

Nome: Mariana Colemanly Ribeiro

Turno: 7^o - 7^o ano

Idade: 12 anos

Escola: EMEF. Padre Nelbrega.



Cinema na Sala de aula

O cinema pode com certeza ser um instrumento constituidor de conhecimento porque ele nos mostra uma maneira diferente de aprender, muitas vezes um modo mais fácil de entender o conteúdo já trabalhado pela professora em sala de aula, tema: Descobrimento do Brasil.

O filme que assistimos mostrou o que o livro já havia mostrado, mas de uma forma diferente, com o movimento das imagens e a trilha sonora. Assim deixando o ensino-aprendizagem mais interessante e atrativo o conteúdo estudado.

Nome: Maria Eugênia Tólis, 12 anos.
Turma: 71

E.M.E.F Padre Nébruga

Autonarrativa do educando “N”

O filme Caramuru a Invenção do Brasil assim como o filme a Missão, mostrou para mim uma nova linguagem, uma nova perspectiva do tem trabalhado no livro por uma professora a Cristina e a representada pelos filmes exibidos na escola na sala de informática.

O que o livro e a professora Cristina já tinham mostrado nas aulas de história, foi o que o filme nós não fugimos do tema do estudo só que ele tem uma proposta diferente, porque a, mas a proposta da profe Adriana é diferente me parece que o resposta é imediata, rápida.

É claro que o filme explicou não sei se pior, ou melhor, mas com imagens parece que a história ganha vida, melhor mesmo é ver através das imagens da tela do cinema representada a política, a economia e a sociedade de forma bem interessante, a cultura em todas as formas e representações de modo tão lindo apresentado nos filmes Caramuru e A Missão.

Eu entendo que, as vestimentas, e as embarcações o cenário rico da Europa e o cenário natural da América, duas populações tão diferentes, mas de um jeito ou de outro todos que conviveram, aprenderam, também ensinaram, portanto eu pude perceber que por mais que as pessoas sejam muito diferentes de mim eu tenho que procurar aceita-lo e respeitar sempre o outro como ser humano.

Eu queria dizer que quando a profe Adriana falou do projeto eu não empolguei porque, eu sempre gostei de assistir filme, mas achava que não aprendia muito mais com ele.

Nesse final eu quero dizer que o cinema não só trouxe diversão e entretenimento ele trouxe também contribuiu de um jeito diferente com a minha aprendizagem, aprender assim é muito legal, obrigada por eu ter a oportunidade de participar da pesquisa professora Adriana.

Sou aluna da turma 71 do 7º ano na Escola Padre Nóbrega

Nathalia Rodrigues

Autonarrativa do educando “O”

Eu Vitória Lovato quero fazer meus comentário sobre os filmes que assisti na sala de aula e que faz parte do projeto da professora Adriana.

O filme Caramuru a Invenção do Brasil e o filme A Missão, eu acho que não acrescentou em nada o que eu já havia estudado no livro de história, mas gostei da forma divertida que foi retratada a história do Brasil no período colonial.

Nos dois filmes foi mostrado às inúmeras diferenças entre as duas culturas, a europeia e a indígena. Quero destacar a questão das vestimentas dos índios e dos portugueses. Por exemplo, os índios andavam quase nus e os portugueses usavam roupas e mais roupas, principalmente as mulheres, elas vestiam várias camadas de saias. Meu entendimento com relação a esta questão é que os indígenas mesmo sem roupa se respeitavam mais do que os europeus que andavam vestidos com roupas de manga comprida e saias longas.

Outra diferença importante era que na Europa já tinha leis que o homem só podia ter uma mulher, caso contrário era degradado. Já entre os índios era mais livre, o homem podia ter várias mulheres, mas me parece que nos costumes dos índios tinha como base o respeito e os europeus nos seus costumes tinham o poder sobre a mulher e não o respeito.

Quando os portugueses descobriram que havia ouro no Brasil eles ofereciam várias coisas "bobas" para os índios (espelhos, roupas, chapéus, etc.) em troca da riqueza que pertencia a eles, como os índios achavam que os presentes que recebiam eram de grande valor e aceitavam e faziam a troca facilmente. Isso prova que os valores entre as diferentes culturas são muito diferentes.

Por exemplo, enquanto Diogo estava no Brasil ele aprendeu os costumes dos índios de comer e quando Vasco de Athayde voltou para lá e lhe convidou para comer com ele Diogo comentou que estava com muita saudade do vidro, dos talheres e do guardanapo. Também apreciou muito o queijo e o vinho.

Outro exemplo, os padres jesuítas implantaram o catolicismo na cultura dos índios guaranis através das reduções jesuíticas que também introduziu a prática agrícola, a criação de animais domésticos, a música, produção de instrumentos musicais e escultura de santos católicos.

Escola Padre Nóbrega, turma 72, Vitória Lovato.

Autonarrativa do educando "P"

Rauane Georanna Ferreira DA Silva. - IDADE: 14

(Sim, ajudou na minha aprendizagem, o filme além de ter o conteúdo do livro e do quadro)

Sim ajudou na minha aprendizagem, além de ter o conteúdo do livro o filme tem ações, vídeos, figurino e cenário que desperta nessa aprendizagem e que mostra de um jeito diferente e divertido de aprender os conteúdos de história. Tem mais explicações e agente pode ver o que acontece, isso nos influencia a querer aprender mais, despertando nossa curiosidade.

-TURMA: 72 - 7º ano

Escola Municipal de Ensino Fundamental
Padre Subrega.

ANEXO 08 – Carta de Aceite da Instituição de Ensino onde aconteceu a pesquisa

CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Santa Cruz do Sul, 01 de setembro de 2015.

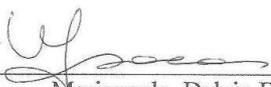
Ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNISC)

Prezados Senhores,

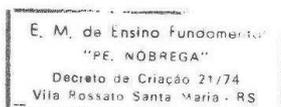
Declaramos para os devidos fins conhecer o protocolo de pesquisa intitulado: “Inusitado Olhar Frente à Tela do Cinema: a exibição de filmes na sala de aula um novo reencantamento para a educação.”, desenvolvida pela Mestranda: Adriana Aires pereira do Curso de Mestrado em Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação do(a) professor(a) Nize Maria Campos Pellanda, bem como os objetivos e a metodologia de pesquisa e autorizamos o desenvolvimento nas aulas da disciplina de História na (instituição de Ensino fundamental; na rede de serviços Municipais da Escola Padre Nóbrega).

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP/UNISC, conhecer e cumprir com a Resolução do CNS 466/12 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária.

Atenciosamente,



Mariângela Dalcin Da Cas
Diretora da Escola



MARIANGELA DALCIN DA CAS
Mariângela D. da Cas
Diretora - Aut. Nº 12.908-9

ANEXO 09 – Imagens

9.1 Imagem 01

Imagem 4 – *Print* da pagina.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/465771270217030/>

9.2 Imagem 02

Imagem 5 – *Print* da apresentação em *PowerPoint*.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

9.3 Imagem 03

Imagem 6 – Na sala de informática produção do *selfvídeo*.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

9.4 Imagem 04

Imagem 7 – Captura da imagem da produção do *selfvídeo* na Biblioteca.

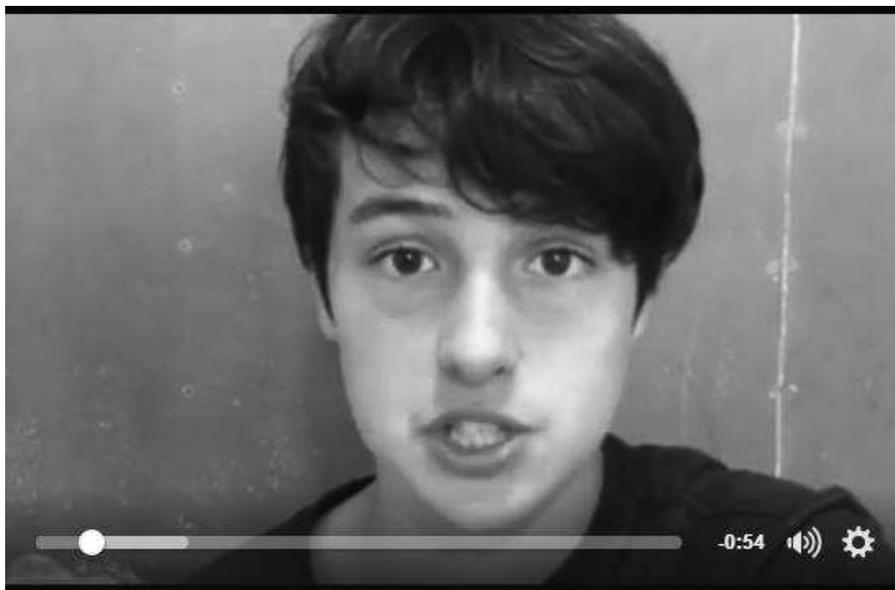


Fonte: <https://www.facebook.com/groups/465771270217030/>

Disponível em: CD em anexo

9.5 Imagem 05

Imagem 8 – Captura da imagem da produção do *selfvídeo* na sala de aula.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1377528465859561/>

Disponível em: CD em anexo

ANEXO 10 – DVD em anexo